



CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA
CONTO, CRÔNICA E POESIA



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO, CRÔNICA E POESIA

© SMC/ Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide, 2013

Comissão Organizadora do Concurso

Secretaria de Município da Cultura - Secretária Iara Druzian
Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide – Diretora Rosângela Rechia

Projeto Gráfico e diagramação:

Jorge Ubiratã da Silva Lopes - Byrata

Edição:

Editora da FACOS - UFSM

Coordenadora Editorial:

Marília Barcelos

Capa:

Criação: Carla Vieira / Arte final: Cesio Müller

Revisão

Aristilda Rechia / Ana Rita Bandeira Marchezan

Edição e Impressão

Editora da UFSM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C744 Concurso Literário Felipe D'Oliveira : conto, crônica e poesia / Organizadora Rosângela Beatriz Rechia. – Santa Maria : Editora FACOS-UFSM, 2013.

336 p. ; 14 x 21cm: il.

ISBN 978-85-98031-91

1. Literatura Brasileira. 2 . Conto. 3 . Crônica. 4. Poesia.

I. Rechia, Rosângela Beatriz. II.Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD869.9

Ficha Catalográfica elaborada por Fernanda da Silva Santos CRB10/2189

Rosagela Beatriz Rechia
(Org.)

CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA
CONTO, CRÔNICA E POESIA

PREMIADOS EM:
2009-2010-2011-2012

Editora FACOS - UFSM
Santa Maria - RS
2013





“O pano branco pintado por todas tintas da lembrança suprime o tempo, anula o espaço: o céu antigo é presente, a terra distante renasce à boca do túnel para onde corre vertiginosa a recordação” (Recuo nostálgico) Felipe D'Oliveira

FELIPPE D'OLIVEIRA nasceu em Santa Maria no dia 23 de agosto de 1890, filho de Felipe Alves D'Oliveira e Adelaide Alves D'Oliveira.

Em 12 de dezembro de 1908 diplomou-se Farmacêutico em Porto Alegre, destacando-se entre os Intelectuais da época.

Segue para o Rio de Janeiro onde dá continuidade à sua obra. Escreve contos e crônicas em jornais e revistas cariocas.

Em 14 de outubro 1932 foi exilado em Paris, por ser frontalmente contra a ditadura imposta por Getúlio Vargas.

Morreu vítima de um acidente automobilístico próximo a Paris. Era dia 17 de fevereiro de 1933 com 42 anos de idade.

Obras: Vida Extinta
Lanterna Verde
Alguns Poemas (póstumo) 1933
Terra Cheia de Graça (póstumo) 1934



SUMÁRIO

Prefácio 11

Um novo mundo pede passagem/ Prefeito César Schirmer 13

Vereador Marcelo Zappe Bisogno 15

Iara Druzian 17

32ª Edição/ Poesia 21

Elder Rodrigues - Belo Horizonte - MG / **1º Lugar** 23

Mauro Martiniano de Oliveira - São Paulo – SP / **2º Lugar** 28

Jaisson Oliveira da Silva - Santa Maria / **3º Lugar** 31

Décio Luciano Squarcieri de Oliveira - Santa Maria – RS / **Incentivo Local**
34

Sergio Bernardo - Nova Friburgo – RJ / **1ª Menção** 36

Haydée Schlichting Hostin Lima - Santa Maria – RS / **2ª Menção** 38

Ricardo Cezar do Amaral - Santa Maria – RS / **3ª Menção** 41

32ª Edição/ Crônica 43

Luciano Damaceno - Santa Maria - RS / **1º Lugar** 45

Eraldo Souza dos Santos - São Paulo – SP / **2º Lugar** 48

José Carlos Santos Peres - Avaré – SP / **3º Lugar** 50

Eder Rodrigues - Belo Horizonte - MG / **1ª Menção** 52

Daniel Retamoso Palma - Santa Maria – RS / **2ª Menção** 58

Odemir Paim Peres Junior - Santa Maria – RS / **3ª Menção** 60

32ª Edição/ Conto 63

Lílian Dora Gattaz Correia - São Paulo -SP / **1º Lugar** 65

Vicentônio Regis do Nascimento Silva - Maracá - SP / **2º Lugar** 67

Carlos Alberto Pessoa Rosa - Atibaia – SP / **3º Lugar** 70

Fabrcio Pires Forte - Santa Maria - RS / **Incentivo Local** 76

Arnaldo Pereira da Silva Junior - Sete Lagoas -MG / **1ª Menção** 80

José Antônio de Souza Neto - Belém - PA / **2ª Menção** 87

Maria das Dores Oliveira - Ipatinga - MG / **3ª Menção** 93

33ª Edição/ Poesia 101

Lueluí Aparecida de Andrade - Bauru - SP / **1º Lugar** 103

Lucas Jerzy Portela Silva - Salvador - BA / **2º Lugar** 104

José Antônio de Souza Neto - Belém – PA / **3º Lugar** 105

Larissa Daiane P. C. dos Santos - Santa Maria - RS/

Prêmio Incent. Local 106

Jaisson Oliveira da Silva - Santa Maria - RS / **1ª Menção** 110

Sérgio Bernardo - Nova Friburgo - RJ / **2ª Menção** 111

33ª Edição/ Crônica 113

José Carlos Santos Peres - Avaré - SP / **1º Lugar** 115

Luiz Carlos N. da Rosa - Santa Maria - RS / **2º Lugar Incentivo Local** 120

Afif Jorge Simões Neto - Santa Maria – RS / **3º Lugar** 125

Afif Jorge Simões Neto - Santa Maria – RS / **1º Menção** 128

Luna Villas-Bôas Lobão - Valinhos – São Paulo / **2º Menção** 130

Afif Jorge Simões Neto - Santa Maria – RS / **3ª Menção** 133

33ª Edição/ Conto 135

Zulmar José Lopes de Vasconcellos - Rio de Janeiro - RJ / **1º Lugar** 137

José Antônio de Sousa Neto - Belém - PA / **2º Lugar** 142

Luciano Damasceno - Santa Maria - RS / **3º Lugar Incentivo Local** 146

José Antônio de Sousa Neto - Belém - PA / **1ª Menção** 150

André Telucazu Kondo - Jundiá - SP / **2ª Menção** 155

34ª Edição/ Poesia 165

Elroucian Ucayal Santos da Motta - Porto Alegre - RS / **1º Lugar** 167

Rogério Luz - Rio de Janeiro - RJ / **2º Lugar** 169

Edelson Rodrigues Nascimento - Brasília – DF / **3º Lugar** 172

Clauton Monte Machado - Santa Maria- RS. / **Incentivo Local** 181

Lucas Jersy Portela Silva - Salvador – BA / **1ª Menção** 184

Lilian Dora Gattaz Correia - São Paulo- SP / **2ª Menção** 186

Lilian Dora Gattaz Correia - São Paulo- SP / **2ª Menção** 188

34ª Edição/ Crônica 191

Maria das Dores Oliveira - Ipatinga – MG / **1º Lugar** 193

Elias Araujo - Porto Alegre - RS / **2º Lugar** 197

Emir Rossoni - Porto Alegre - RS / **3º Lugar** 200

Juliano Lanius - Santa Maria – RS / **Incentivo Local** 203

José Antonio de Souza Neto - Belém – PA / **1ª Menção** 206

João Paulo de M. Parisio - Jaboatão dos Guararapes - PE / **2ª Menção** 209

André Telecazu kondo - Jundiá – SP / **3ª Menção** 213

34ª Edição/ Conto 215

Emir Rossoni - Porto Alegre – RS / **1º Lugar** 217

Diego Trindade Hahn - Santa Maria – RS / **2º Lugar Incentivo Local** 232
Eltânia André - São Paulo – SP / **3º Lugar** 240
José Carlos Santos Peres - Avaré – SP / **1º Menção** 247
Raimundo Nonato Albuquerque Silveira - Fortaleza-CE / **2ª Menção** 253
Maria Regina Caetano Soares - Santa Maria- RS / **3ª Menção** 256

35ª Edição/ Poesia 259

Luiz Alfredo Santos - Belo Horizonte/MG / **1º Lugar** 261
Eder Rodrigues - Pouso Alegre/MG / **2º Lugar** 263
Rosana Banharoli - Santo André-/SP / **3º Lugar** 265
Odemir Paim Peres Junior - Santa Maria - RS / **Incentivo Local** 266
Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira - Brasília -DF / **1º Menção** 267
José Carlos Barbosa de Aragão - Belo Horizonte - MG / **2ª Menção** 268

35ª Edição/ Crônica 269

Whisner Fraga - Araraquara – SP / **1º Lugar** 271
Giuliana Matiuzzi Seerig - Santa Maria – RS / **2º Lugar** 275
Diego Trindade Hahn - Santa Maria – RS / **Incentivo Local** 283
João Paulo Lopes de Meira Hergessel - Alumínio - SP / **1ª Menção** 287
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo - SP / **2ª Menção** 290
André Telucazu Kondo - Caraguatatuba – SP / **3ª Menção** 292

35ª Edição/ Conto 295

Iuri Almeida Müller - Santa Maria-RS / **1º Lugar** 297
Vitor Otávio Fernandes Biasoli - Santa Maria - RS / **2º Lugar** 305
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo-SP / **3º Lugar** 310
Raimundo Nonato Albuquerque Silveira - Fortaleza - CE / **1ª Menção** 318
Herbert Paes de Barros Mercer - São José do Rio Preto – SP / **2ª Menção**
322
Alexandra Lopes da Cunha - Porto Alegre-RS / **3ª Menção** 332

Posfácio 337





PREFÁCIO

Em decorrência de minha posição na Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide, ter recebido a incumbência de coordenar o Concurso Literário Felipe D'Oliveira constituiu-se num prêmio para mim. Entre todas as atividades que desenvolvo na Casa de Cultura, que abriga mais de 47(quarenta e sete) mil livros, essa me proporciona uma satisfação, que vai além do cumprimento de mais uma tarefa. É gratificante.

Há mais de uma década, no período de março a agosto, anualmente desenvolvo esse trabalho. É abrangente e minucioso. Abrangente, porque é realizado em nível nacional. Começou no âmbito do município de Santa Maria, mas sua repercussão e importância cresceram e o concurso ultrapassou os limites da cidade, do Estado, alcançando área de todo o país, literalmente de norte a sul.

É minucioso, porque inicia com a elaboração de correspondência que divulga a realização e regulamento do Concurso; informações a interessados, registro de inscrições, seleção dos trabalhos por categoria (conto, crônica e poesia), formação do Corpo de Jurados; reuniões para entrega do material a ser analisado e para recebimento dos resultados que apontam os três primeiros trabalhos classificados, as Menções Honrosas e o de Incentivo Local. A seleção, por parte dos jurados, é um trabalho criterioso e conta com a disponibilidade de profissionais da área de Literatura de instituições locais (UFSM, UNIFRA, FAMES, ASL) que, graciosamente, doam parte do seu tempo e do seu conhecimento, realizando a difícil escolha dos melhores trabalhos, contribuindo assim, com a culminância do concurso, que ocorre, tradicionalmente, na Câmara de Vereadores local, com a entrega dos prêmios.



A presente obra é uma coletânea dos textos selecionados nas quatro últimas edições do Concurso Literário Felipe D'Oliveira (2009 - 32ª edição a 2012 – 35ª edição). Participaram 2116 (dois mil cento e dezesseis) trabalhos nas categorias de poesia, conto e crônica. O leitor terá a oportunidade de conhecer os 79 (setenta e nove) textos premiados em cada uma dessas edições.

Ter a oportunidade de estar em contato com poetas e escritores de todo o país, que trazem nos seus textos o colorido de suas regiões, quer falando de costumes, de sua geografia, de linguajares que os caracterizam e diferenciam, alguns já consagrados, outros buscando seu lugar ao sol, é enriquecedor, gratifica o trabalho que se torna prazeroso e envolvente. É como sentir-me parte do contexto literário que o concurso proporciona. Esta recompensa eu agradeço.

Boa leitura.

Rosangela Beatriz Rechia

Coordenadora do Concurso Literário Felipe D'Oliveira
Diretora da Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide





Um novo mundo pede passagem

O mundo está mudando a partir das cidades. Vivemos um momento de transformação. Esta transformação é provocada pelos cidadãos, pois, as civilizações, na história do mundo, surgem, se desenvolvem, chegam ao seu apogeu e entram em decadência. E surgem outras e depois outras. E assim a humanidade avança, chegando agora à civilização planetária, global, interativa, complexa, multicultural.

Certa feita, disse: *“Nos últimos tempos, na mesma medida em que se revela crise e decadência, começam a aparecer sinais aqui e acolá que a nova civilização que se avizinha estabelece novas realidades, onde a participação, a criatividade, a visão holística, a inovação, a cooperação, a receptividade a novas e boas ideias, a cidadania empoderada e conectada em redes sociais, e a sustentabilidade indicam que estamos no limiar de um novo mundo, a partir das cidades”*.

Passados alguns meses desde que proferi tais palavras, assistimos movimentos, protestos e reivindicações pelo país a fora. Cidadãos de diferentes classes sociais, etnias, crenças e religiões foram às ruas por um país mais justo, mais igualitário, mais digno e com melhor qualidade de vida. Este é o “limiar” deste parto civilizatório que está surgindo. Parto este que se mostra, por vezes, contraditório, difícil, instável, efervescente e complexo.

Neste contexto de mudanças, sobressai o papel das cidades. E, nas cidades, destaca-se o papel da cultura como instrumento de inovação, de transformação, de crescimento pessoal, de afirmação de valores éticos, da criatividade que pode surgir na arte, no talento, na vocação e nas muitas manifestações culturais e populares. E, mais ainda, em tudo isto, ressalte-se a literatura como viabilizador da manifestação escrita do cotidiano da vida das



peçoas, da beleza, da poesia, da inteligência humana, da cultura local e universal, dos valores da cidadania, do local e do global, do caráter, da formação.

Registro o meu agradecimento e reconhecimento ao qualificado grupo de servidores da Secretaria de Município da Cultura que fazem deste um dos maiores e mais importantes concursos literários do Estado; aos escritores e professores que integram o corpo de jurados; aos concorrentes, vencedores ou não; aos apoiadores e parceiros deste notável e tradicional concurso literário; e a tantos quantos, de uma forma ou de outra, mantém viva a literatura em nossa cidade.

Cezar Augusto Schirmer



Prefeito Municipal de Santa Maria



A Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria tem um comprometimento histórico com a cultura em nosso município. No ano de 1977, a Lei Municipal nº 1916, de autoria do saudoso vereador Orci de Oliveira, instituía o Concurso Literário Felipe D'Oliveira, homenageando um dos maiores vultos de nossa literatura e, ao mesmo tempo, criando um certame que lançaria e consagraria inúmeros expoentes literários nas edições subseqüentes. A primeira edição do 'Felipe D'Oliveira' ocorreria em 1978, premiando autores já com trajetória consolidada e novos talentos da crônica, do conto e da poesia. Naquele ano, por proposição da então vereadora Maria Rita de Assis Brasil, instituía-se o Concurso Fotográfico Cidade de Santa Maria e, desde então, os dois certames são realizados simultaneamente.

Ao longo dos últimos 35 anos, a iniciativa do nosso Legislativo Municipal, levada a efeito pela Secretaria de Município da Cultura, vem incentivando o surgimento de novos talentos da literatura e da fotografia. Consolidados entre os mais prestigiados certames do país, os dois concursos atraem, a cada edição, autores dos mais longínquos estados e municípios do Brasil, participação essa que projeta o nome de nosso município no cenário nacional da produção cultural.

A abnegação da Câmara Municipal de Vereadores com a vocação inequívoca de nossa Cidade Cultura não se restringe, no entanto, à criação dos dois certames. Nosso parlamento é incentivador permanente das manifestações artísticas e culturais de nossos munícipes. Atentos a essa demanda por fomento à cultura, no ano de 2005, o Legislativo Municipal instituía a Lei do Livro, de autoria do ex-vereador Júlio Brenner, determinando que, a cada ano, mediante concurso, seja esta Casa responsável pela edição de uma obra versando sobre aspectos históricos ou culturais



contextualizados no âmbito do município. Além de viabilizar a publicação do trabalho de autores santa-marienses ou aqui radicados, a Lei do Livro assegura a consequente difusão do conhecimento mediante distribuição gratuita de cada edição para estabelecimentos de ensino.

Convictos de que apenas o conhecimento é capaz de gerar indivíduos efetivamente emancipados, reduzindo as diferenças sócio-culturais e estimulando a formação de uma consciência crítica e cidadã, nossos vereadores não se furtam dessa responsabilidade. O incentivo e o reconhecimento aos que produzem cultura deve ser compromisso de todo o legislador que sabe ler e assimilar os anseios daqueles que lhe delegam o mandato.

Vereador Marcelo Zappe Bisogno

Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria



No distante 1977, quando o então vereador Orcy de Oliveira encaminhou um projeto de Lei, criando o Concurso Literário Felipe D'Oliveira, em homenagem a um dos escritores mais ilustres e talentosos que esta Santa Maria da Boca do Monte produziu: Felipe Daudt Alves de Oliveira, possivelmente não tenha imaginado a grandeza da proposta e a sua importância para o mundo da literatura de nossa Santa Maria.

No “Coração do Rio Grande” estava sendo criado um concurso literário que projetaria para além-fronteiras da nossa cidade e do nosso Estado, o talento de novos escritores em nível nacional. O Concurso Literário Felipe D'Oliveira, realizado de forma ininterrupta, há 36 anos, coloca Santa Maria no cenário da literatura brasileira e está entre os maiores eventos literários do Brasil.

Manter um Concurso Literário por mais de três décadas, chegando a sua trigésima sexta edição, é tarefa exclusiva para quem trabalha com o coração, principalmente porque não é tarefa fácil estimular, objetivamente, a produção literária.

Estamos em um tempo em que todo mundo publica, em que tudo se publica.

Entretanto, literatura de proposta, literatura de inquietação, essa é singular. Em via de regra, autores só conseguem publicar por meio de parcerias, e os Concursos Literários servem para divulgar nomes novos, estimular a escrita e estimular a leitura.

Este livro é resultado do Concurso realizado nos últimos 4 anos. Nele constam os trabalhos vencedores em crônica, conto e poesia. Há que se enaltecer a parceria, sem a qual não teria sido possível chegar onde chegamos. E há que se agradecer:

Agradecer às Comissões Julgadoras, constituídas sempre por profissionais renomados que se debruçaram para selecionar cada texto.

Agradecer À Universidade Federal de Santa Maria, na pessoa de seu Reitor Felipe Muller, sempre pronto e atento a contribuir com a cultura e o saber de nossa Santa Maria.

Agradecer ao Diretor da Editora da UFSM ,Professor Honório da Rosa Nascimento pela disponibilidade e apoio incontestes sempre dispensados às atividades Litero-culturais desta cidade.

Enfim, agradecer a todos quanto tornaram possível a produção deste livro.

Pena que não se possa divulgar todos os trabalhos, mas num concurso, todos são ganhadores.

Portanto, que venham outros concursos, que tenha vida longa o nosso Felipe D' Oliveira e que nossos escritores mantenham viva a sua inspiração. Para sempre.

Iara Druzian

Secretária de Município da Cultura

maio/2010/julho/2013

XXXII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA, CRÔNICA e CONTO

32ª Edição

Santa Maria
2009

XXXII Concurso Literário Felipe D'Oliveira

Edição 2009

César Augusto Schirmer

Prefeito Municipal

João Carlos Maciel da Silva

Presidente da Câmara de Vereadores

João Luiz de Oliveira Roth

Secretário de Município da Cultura

Coordenador Geral do Concurso

Rosangela Rechia

Dirigente de Grupo da Biblioteca Pública Henrique Bastide

Coordenadora Executiva do Concurso

Equipe de Apoio:

André Brandão

Carlos Cavalheiro

Elizandra Quevedo

Rosane Oliveira

Participaram da XXXII Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de **464** trabalhos provenientes de cerca de **treze** estados brasileiros: SP, RJ, CE, MG, MS, PE, ES, BA, SC, PR, RS, GO e DF assim distribuídos: **209** Poesias, **147** Contos, **106** Crônicas.

**XXXII Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Poesia

COMISSÃO JULGADORA:
Marta Lia Genro Appel - UNIFRA
Aristilda Rechia – ASL
Suzana Dalcol – FAMES

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Abertas

Eder Rodrigues - Belo Horizonte - MG

2º Lugar:

Por que Maria?

Mauro Martiniano de Oliveira - São Paulo - SP.

3º Lugar:

A luta do tempo contra a Flor não-apaixonável

Jaisson Oliveira da Silva - Santa Maria- RS.

Incentivo Local :

Retalhos

Décio Luciano Squarcieri de Oliveira

Santa Maria - RS.

Menções Honrosas

1ª Menção:

Abstração

Sergio Bernardo - Nova Friburgo - RJ.

2ª Menção:

Construindo a poesia

Haydée Schlichting Hostin Lima - Santa Maria - RS.

3ª Menção:

Boa charada boa

Ricardo Cezar do Amaral - Santa Maria - RS.

Abertas

(Nada de escancarar aos ventos,
nosso universo sozinho que o tempo nunca fecha)

Águas nos escapam, escorrem.
Infiltram a terra, que em poeira, se proclama morta.
E não somos barreira
nem forças de reter nos fogem da boca.
Somos parte desses rios
que correm rasteiros para longe de nós,
no avante de verem vencida a aridez de há tempos.
Cavam passagens, ultrapassam, resistem.
Esperam que a cheia surpreenda o velho vestido curto
e alivie o colo seco, para que ninguém mais
veja o fundo sem proteção.
Constroem o leito de ancas largas, ilusões prematuras
que se encharcam rumo aos mares que nunca chegam.
Inundam, aos poucos, os espaços esquecidos para que
não fiquem tão vazios nem apodreçam antes do tempo.

E temos voz pequena
de quem sussurra por medo dos próprios ecos.
Solos em cantigas de ninar que não resistem
aos presságios do fraco sol que às vezes reina.
Pela falta dele, as lágrimas escorrem
pelos buracos que nos calaram um dia.
Escapam dos olhos com a mesma violência
com que regressam a eles:
a mesma nascente, a mesma foz.
Terra ainda menina e que já fecunda

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

o próprio receio em continuar assim.
Orvalho de nós mesmas,
(que arrepia) e ainda nem é desejo.
O toque que se precipita e pede correntezas,
quando nuvens simplesmente não estão.
Acalantos precoces e já tão distantes, que embalam,
enquanto a umidade alaga o que ainda era infância.

As águas vêm do nada
e elevam-se do repente de para sempre estar.
Afangam os lábios ressecados e ainda sem batom,
e correm no afã violento das tempestades.
Levam a sujeira que vai se amontoando
em distâncias e cursos irreais.
(Águas paradas são quase eternas)
Uma prece em molhar o que já fere
e respira enquanto raiz.
Nas enchentes que sobrepõem às margens,
nossa superfície se conserva pintada e
tudo o que não é suor escapa junto à corrente,
envelhecendo o que com ela segue.

É preciso se entupir e não se mover
na lama e no lodo de nossas saudades.
Os vãos estreitos apenas sufocam o que enterramos
em nós como parte do silêncio medido.
É fechar os olhos
para que as gotas não se multipliquem.
É fechar as pernas para que o sangue
vaze aos poucos e não nos torne tão mulher.
(Acenos aos anos que andamos descalças,
fechadas e vazias de cirandas).
A imprecisão de entulhar as bonecas e

POESIA, CONTO E CRÔNICA

preparar os braços para choros visíveis.
A obrigação de lavar as manchas do íntimo
de nossas roupas, até que o vento as enxuguem
ou não mais nos sirvam.

De tudo o que se funde: rezas, afagos, sonhos.
Tudo escorrega e se espalha.
As noites detêm o impossível de se permanecer junto.
Separam o que é carne do que adormeceu como alma,
para só assim não mais se calar o desejo de se estar suja.
Dilatam-se os poros que pedem preenchimento
e deixam que velejem livres os pecados indizíveis
de se amanhecer em outros braços.
(Tudo que se enche, entorna)
Febre única de desaguar em algum ponto,
o secreto viço de quando a terra cede.
Sim. Apesar de tudo, a terra cede.

Momento de se fartar os peitos
arrebatar o ventre
abafar a dor com que se racham os bicos
e permitir que o leite vá pingando,
deixando os rastros de futuras crias.
Acalmando assim a parte fértil
que nos transtorna e nos envelhece.
(Antes o corpo em dilúvio
do que a alma em deserto).

E do aguaceiro que tudo leva. Restam as ruínas,
os escombros, os ciscos que se desfazem
e que amamentamos como parte nossa.
O amor que arde por dentro e se desfaz,
cedendo ao crucial atrito de se estar sozinha.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Cerrar novamente as pernas,
não mais impede que tudo escape.
Alguns líquidos não se misturam.
Mulheres não se tocam
se rasgam, parindo a dor de jorrar sempre
o peso insuportável de filhos
que nos beijam e depois se vão.

Afunila-se assim a própria sina, num corpo já
incongruente, sinuoso, cansado.
Represado pelas gorduras e por tudo que não fomos.
Ser apenas e agora, o espaço largo, frígido,
áspero e de olhar desfeito (que nem encanta ou seduz).
Várzeas cada vez mais confusas,
que remontam aos antigos olhos
de homens que miravam apenas frouxas profundezas.
E agora, só alimentam nossa parte rasa
com o escuro dos seus equívocos.

No amargo dos tempos, em que o sangue cessa,
acalmamos as feridas e nos entregamos ao dilúvio de
esquecer as terras para sermos apenas nós:
restos de natureza morta, renegadas a própria sombra
que ofuscam o brio de existir-mulher.

E4 escoradas pela chuva que sempre tarda,
recolhemos ainda o universo que escapou da gente,
no sinalizar do fim de travessias secas,
que cabem só no impossível
ou no improvável de nossas velhas mãos.
No pesar da eternidade
de sermos apenas o que não se prende



POESIA, CONTO E CRÔNICA

o que não se guarda
o que não se diz.

De tudo que internamente nos forma,
e por sermos instintivamente abertas,
nunca fica dentro de nós.



Mauro Martiniano de Oliveira - São Paulo – SP / 2º Lugar

POR QUE MARIA?

A todas as mulheres, anônimas ou não, que no dia-a-dia com suas inerentes sapiências e forças, se tornam a engrenagem principal que faz girar uma grande nação.

Por que, Maria?
Não atendeu ao despertar do relógio
e nem levantou àquelas horas
da aurora.
Não apagou a luz do corredor.
Não colocou a água para ferver
e nem se fez sentir o aroma do café
pelos cômodos da casa.
Não arrumou a mesa matinal.
Não folheou a revista
e nem compartilhou as manchetes
do jornal.
Por que, Maria?
Não passou as roupas
e nem ajeitou os lençóis da cama.
Não abriu janelas. Não abriu portas.
Não se trocou e nem se arrumou.
Não tirou as maquiagens da bolsa
e sequer deu bom dia ao espelho.
Não se despediu dos filhos, marido...
Também não os avisou.
Não disse o amém de joelhos.
Não beijou. Não se deitou.
Não amou.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Por que, Maria?
Não quis pegar o ônibus, o metrô...
Esquivou-se das notícias,
das pessoas, das filas.
Não olhou para as boutiques
e nem paquerou suas vitrines.
Não viu chefe, patrão, emprego.
Também não recebeu por isso
e não se importou.
Não falou sim senhor, nem doutor.
Não teve que calar, chorar
e nem aturou.

Por que, Maria?
Não circulou o seu ritmo, sua gana,
sua garra no dia de hoje.
Não chamou aos que aguardam
por sua voz, por sua ordem.
Maria, por quê?
Não se irou. Não sorriu.
Não mandou e nem obedeceu
a nada Maria.
Não desfilou o seu divino dom
de amar, de criar, de dominar
com toda sabedoria.

Por que, Maria?
Não viu o dia nem a noite passar.
Não acalentou e nem gritou.
Não lavou. Não cozinhou.
Não preparou nem o jantar.
Maria, por quê?

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Não ligou para as louças,
para o chão, para as coisas do lar.
Ignorou totalmente o cotidiano.
Mas não havia se esquecido.
Apenas apagou do calendário
este dia do ano.

É Maria, por quê?..
E por que neste dia não fizeste
uma pequena fração do que
és capaz e fazes todos os dias, Maria?
A cidade não amanheceu.
O país se afundou.
Sem a sua fé e fibra, o mundo hoje
sucumbiu e parou.
Não teve vida e nem alegria.
Porque sem você hoje, Maria,
o ano teve um dia a menos
de história, economia e magia.

Jaisson Oliveira da Silva - Santa Maria / 3º Lugar

A luta do tempo contra a flor não-apaixonável

A minha avó, certo dia
contou-me com umas quadrinhas, uma história assim:

Era uma vez uma flor
que foi plantada só
quando ainda não havia dias nem noites.
e o sol ainda estava no ventre de Deus.

Cresceu rápido feito a sorte
e em todo seu redor
jovens anjos sem asas
construíram uma redoma fina
de cristais de branca turmalina,
para que bardos mortais jamais a pudessem sentir,
e o tempo jamais a ousasse desonrar.

Séculos amontoaram-se nos calvários e esplanadas
e os homens aprenderam a fazer a guerra
para passar os dias e fazer o mundo,
já que a flor cor de neve continuava a ser
a intocada ventura que perfumava o deserto.

Tropas inteiras a tentaram saquear
para sorver o óleo que na lenda
prometia ser a única cura terrena
para o coração humano abandonado,
com a condição de que por ela nunca ninguém se
apaixonasse.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Nenhuma espada vil gozou cortar-lhe sequer uma pétala
e assim haveria de ser.

Mas um dia o próprio Tempo
que nunca foi homem
(porque homens sabem morrer)
resolveu brincar com a mourisca formosura.
Bradou aos sete ventos e resolveu
que a pétala mais bela
seria a pedra de sua coroa
quando ele conquistasse o reino dos céus.
Mas a terra que fez a flor é mãe serena
abriu o portentoso cercado vítreo
e expôs a florzinha frágil ao sabor do efêmero
que tudo traga, que tudo tragará.

E bastou apenas que os olhares
do Tempo e da Flor caíssem nus em pele pela areia
para que a Flor não-apaixonável
arrebataste o querer robusto daquele cujo sangue
é feito de poeira de centúrias.

Nada se ouviu por aquelas paragens frias.
Nunca o mundo havia parado.
Aquele dia até o nada parou.
De um só beijo, nasceu um bebê,
que se chamaria amor.

Quando o tempo recobrou os sentidos,
correu feito raposa fujona,
e as catracas do mundo voltaram a girar.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Quando a flor foi tocada,
uma colcha retalhada com esperanças de todos os cantos
cobriu todos os seres.
Enfim, todos poderiam viver em paz,
porque o mundo fez-se jardim,
semeado por tantas paixões
que nem Arquimedes pôde mais contar.

E o meu coração, depois de ouvir essa historinha
calou-se por dois segundos,
tentou buscar na memória o aroma de jasmim molhado
e teve certeza de que deveria seguir o exemplo do Tempo,
porque todas as paixões proibidas e impensadas
pelas flores cálidas e não-apaixonáveis
são aquelas que, no fim de tudo,
nos fazem
tremor.

Retalhos

Estampado ou colorido
amarelo ou anil
do verde aos tons de dourado
liso, pintado ou bordado.

Dos tecidos aos encantos
temidos desencantos
por vezes espero teus cantos
nos ritmos de meus prantos.

Costurados ou amarrados
com frisos são sofisticados,
esfolados ou rasgados,
não apresentam cuidados.

Tem também os abotoados
que são os mais recatados,
por vezes sonho com os decotados
por todos admirados.

Tem ainda os quadrados
as tiras e os arredondados
com bicos e com pontas
e também os chuleados.

Mas nem tudo é veludo
ou é fita mimosa.
Às vezes tem alfinetes,
por vezes alfinetadas.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Recordo-me do teu rosto
do que ainda está coberto
das imagens nos espelhos
costurando nossos corpos.

Dos braços e abraços
dos entrelaces das mãos
das roupas pelo chão,
da colcha sobre a cama
cobrindo nossa paixão.

Abstração

Que sei eu das sombras
petrificadas em chinês
nas paredes da infância

Que sei eu dos muros
separando mundos
nos quintais da pátria

Nas mesmas palavras
dos mesmos livros
que sei eu de mim

Que sei eu
ignorante em didática
das aulas sonegadas

Eu que não sei nada
sendo parte de tudo
que sei eu do outro

Que sei eu me diga
das manhãs e tardes
tecidas em silêncio

Órfão das noites
paginando lendas
que sei eu das luas



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Na ciranda do tempo
que sei eu da face
que move os espelhos



Construindo a Poesia

Ponha a maçã sobre a mesa
conjugue o tempo do sabor,
na espera da primeira mordida.
Está pronto o poema.
Na casaca vermelha da fruta
resplandece a poesia.

A poesia imita o contrário.
Vaga e navega sem nau,
singra álgebras e azulejos
em mar de alucinações
e muitos verbos sem direção.

No pó de seu rastro
o poema deriva-se, ora esquecido,
ora abrasado no claro-escuro
segredo das tramas poéticas.

Nem filosofia, pois poesia
esquiva-se do pensar.
Assim os escolhidos nada pensam
ao mergulho das palavras.

A memória: flecha que cruza o infinito
chega ao horizonte
salvando a lua mística
o meio e a síntese.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Poesia – não carece de ensinamentos
da moral do colarinho
das luvas de pelica ou das mordanças.
Ela precisa passar:
“Passa , ave passa, e ensina-me a passar!”

Poesia é quando ficamos no portão
de muitas décadas
a ver nosso pai descolorir
o fim da tarde com a rispidez
dos desencontros.
É achar colorido
na ampulheta mágica,
no leito na dor
na história a nidar o tecido invisível
a salvar dias, mãos e dados.
A poesia, então, faz o rescaldo
dos sonhos do perdão.

Poesia é quando abrem-se gavetas
e delas sangram poemas.
Quando lágrimas servem de combustível
às canetas gastas na música
transcendente da ilusão.

Com a poesia constroem-se
a corda bamba dos alicerces,
pegam-se com os dedos
cometas e flautas doces.
salgam-se mares
e tudo o mais que se dilui
para o nada.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A poesia se faz desmontando palcos
e compondo versos
(frágeis lamparinas de palavras)
perenes palavras de nenhum sentido.
Afinal tudo é sofrimento
tudo está por vir,
tudo é feito para ruir telhados,
implodir corações e ainda
salvando-nos da morte,
(ao sabor da maçã)
a balsa perdida da poesia.

Boa Charada Boa

O tempo passa,
a vida fica.

O dia volta,
a noite apaga.

O céu ascende,
a brisa corre.

O calor apetece,
a chuva acolhe.

O destino chega,
a beleza verte.

O momento congela,
a calma adormece.

O plágio repete,
a aventura aquece.

O segundo reverte,
a leitura entende.

O valor confunde,
a alma voa.

O coração perdoa,
a mente não esquece.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

O pior corrói,
a nuvem derrama.

O tempero aguça,
a criança brinca.

O adulto descontraí,
a fração reparte.

O trabalho soma,
a coragem desafia.

O sono ignora,
a justiça compromete.

O atleta compete,
a norma questiona.

O leigo duvida,
a verdade dó.,

O amor cega,
a droga mata.

O esperto vive,
a doença ensina.

O desespero continua.

Mas a resposta não sabes.
Quem sou eu? Insisto...

Há “existência” no lugar do sujeito.

**XXXII Concurso Literário
Felippe D'Oliveira**

Crônica

COMISSÃO JULGADORA:
Evandro Weigert Caldeira- ASL
Maria Regina Caetano- CAPOSM
Raquel Trentin de Oliveira - UFSM

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Reflexões acerca de crônicas
ou a nobre arte da indiferença
Luciano Damaceno - Santa Maria - RS

2º Lugar:

Negritude crônica
Eraldo Souza dos Santos - São Paulo - SP

3º Lugar:

Eu posso esperar
José Carlos Santos Peres - Avaré - SP

Menções Honrosas

1ª Menção:

Crônica ancorada em améns
Eder Rodrigues - Belo Horizonte - MG

2ª Menção:

O centro do mundo
Daniel Retamoso Palma - Santa Maria - RS

3ª Menção:

Édipo, o Ébrio, e de como (...)
Ademir Paim Peres Júnior - Santa Maria - RS

Reflexões acerca de crônicas ou a Nobre Arte da Indiferença

O que cabe no espaço de uma crônica? Certamente muito do homem, e muito das banalidades do homem. Sobretudo as banalidades maravilhosas. Os ingleses tecem erudição. Os franceses desfiam sarcasmo. Entre nós há o riso franco, o bom e velho humor e aquela malícia ligeira e de classificação livre.

Fundamental, porém, e para todos, é umedecer-se na névoa fugaz dos eventos fortuitos. O assunto virá gratuitamente, como que caído dos céus, e será desenvolvido de acordo com as coordenadas geográficas, ou de acordo com o clima, ou a situação política, ou o PIB, ou o número de prêmios Nobel do país, ou o momento astral respectivo etc. etc.

Evidentemente, é preciso paciência e um pouquinho de conhecimento (pouquinho mesmo) para intercalar umas citações de um austero e desconhecido filósofo pré-socrático, com outras tantas de um não menos sisudo historiador humanista medieval. A crônica ficará elegante e, por assim dizer, monarquicamente instrutiva. Nós, porém, vamos de pagode e em chinelos. A constância reflexiva é algo não menos que inútil. Nada nos obriga a seguir pelas vielas insípidas da filosofia, da teologia, da arqueologia etc. e tal, só para construir uma crônica, que é mais efêmera do que aquele momento sensível do instante a que chamam futuro, e mais breve que a mais longa utopia humana. O cotidiano anódino é a nossa matéria-prima. As ruas alcoviteiras é que vão nos contar o que vai pela vida afora e, é claro, o que vem pela vida adentro. Pegamos o dia por seu ângulo mais óbvio e menos pungente. Pois é preciso um pouquinho de bom senso (pouquinho mesmo) para saber que não há outro assunto a ser tratado quando aquela morena fica só de biquíni, toda queimadinha de sol, e se põe de corpo inteiro nas entranhas do mar privilegiado. Ali está a nossa metafísica! Ali iremos profundamente!

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

E iremos sem cinismo e sem alusões pérfidas. Aquele que ri é porque ainda não ouviu as más notícias. A vida é algo que se faz quando não se consegue dormir. Há mulheres que pedem o divórcio apenas porque suspeitam de que seu marido não é o pai de seu filho. Nossas crônicas jamais abrigariam tal teor. O nosso humor é o humor do homem cordial. A nossa malícia não é rancorosa. O chiste nunca virará sarcasmo. O nosso riso não é impiedoso.

É que nas tardes quentes os quadris querem requebrar. Os feriados estão na razão direta do nosso cansaço. Um samba ao fundo e umas cervejinhas bem geladas, eis aí o paraíso. E o jaburu % aquela ave de estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas % que continue lá, passando os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera, apagada e vil tristeza. Aqui a vida pulsa perenemente feliz. O resto são fados irremediáveis. Entretanto, por força da prática, ou da fatalidade, também nós, vez que outra, fazemos brotar do chão tropical algumas originalidades docemente exóticas e interessantes.

Nossas crônicas, por exemplo, sempre serão permeadas pela peculiaríssima e nobre arte da indiferença. Indiferença pela realidade degradante, trabalhando assim a ficção talentosa e a fantasia ensolarada. Indiferença pelo grotesco, pela animalidade humana, pelo desespero louco daqueles que perderam toda esperança. Indiferença por aquilo que dói dizer, que dói escrever, que dói pensar. Indiferença pelas chagas cruéis e impudentemente expostas.

Assim, nossa crônica % sempre com um humor saudável % vai exaltar a dignidade daquele catador de papel, que levanta às cinco da manhã e labuta o dia todo, enquanto outros (às vezes com ensino superior) preferem assaltar bancos. Será uma apologia à honestidade e à resignação. Porém, não contaremos que aquele catador não gosta nem um pouco de ser catador. Que ele preferiria assaltar bancos. Que o que nele chamam de honestidade é apenas a consequência previsível do massacre social a que está exposto. Que ele sabe que em terra de lobos é preciso aprender a uivar, mas

POESIA, CONTO E CRÔNICA

seu grito é fraco, desnutrido, coagido, desviado.

Não, não contaremos essas coisas. A crônica saíria maculada, pessimista, intragável... Até no lodaçal mais sujo, nossos olhos sempre enxergarão a tenra flor do otimismo.

Do mesmo modo, numa linguagem simples como é de praxe, e cheia de nostalgia como convém, comentaremos a morte daquela velha mendiga, aquela que há trinta anos perambulava pelas ruas de nossa cidade. Falaremos dela e dos cachorros seus amigos. Dela e de seu rosto alienado e infantil. E diremos que ela já fazia parte da paisagem... A fome que curtiu, sua humanidade violentada, a vítima que foi, seus medos e dores % tudo isso deverá ser omitido, para o bem da crônica. Pois há realidades que dilaceram. E há naturezas que, por serem tão alegres e positivas, não devem ser impressionadas com o frio espetáculo da verdade.

Nós somos assim, efusivos e sempre prontos a esquecer as mágoas. Um menino dentro de um container de lixo comendo restos de comida, não é uma infância esquartejada, não é a humilhação suprema do ser humano. Se pararmos para pensar, acharemos pontos positivos a serem apontados. Exemplo: poderiam ser dois meninos.

E assim a gente vai, sempre em frente, sem grilos e sem remorsos.

Os que são dados à erudição talvez pensem que a crônica da indiferença pode ser o medo que ronda nossa alma, medo de desvendar nosso verdadeiro caráter, e que disso há sobejos exemplos nas culturas antigas orientais. Os dados ao sarcasmo dirão que isso faz parte da alegria falsa que pintamos para nós mesmos todos os dias, e que não precisamos trocar as telas, basta trocar os pincéis.

Todavia, nós sabemos de nós. Eles que continuem observando a vida com olhos empoeirados e tristonhos. Nós vamos em outro ritmo, pois nossa terra tem palmeiras e primores que eles jamais encontrarão por lá.

Negritude crônica

*Isso é apenas.
(C. Lispector)*

Já era noite quando os algozes trouxeram a tortura da terra distante. Tortura inscrita nas peles, nas dores, nos versos. Tortura vendida e preguiçosa.

Ao balanço do mar, os navios, mesmo presos, iam a frente e cantavam livremente a liberdade, que ao mar, que não era nosso, não convinha ouvir. Chegando nos portos da terra, o canto era separado de seus versos, e vendido aos poucos, aos poucos que podiam comprá-lo e se regozijar em não entendê-lo.

Os lábios imensos, inúteis e feios, gritavam a dor violenta e inarticulada. No tronco, a nudez inscrevia na pele os dizeres do chicote e dos arreios, que ordenavam o silêncio suturado das bocas que abrem a boca para nada dizer. E as cordas, que tentavam amordaçar o canto, malgrado seu e dos carrascos, invocavam a melodia do grito. E o seu coração, que pairava na garganta, não sufocava a canção, mas lhe dava energia e potência.

E quando a noite escura descia e se confundia com os tons das vozes, os corpos baixavam e as correntes apavoravam a terra com gemidos tristes e apaixonados. E quando o dia assomava, a terra, negra e fértil, branca e quente, transfigurava-se em mãos e olhos que com repetidos gestos escondidos dos olhares complexos comunicavam o pranto.

E enquanto os outros deuses subiam e desciam, os deuses dos homens giravam. Rodopiem as saias brancas rendadas, entonando o descontrolo, desgastem-se os pés cansados, marcando na terra incongruências, porque estas fortes pernas agora não cantam

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

mais um Deus já morto, mas os deuses que escondem a cara com conchas, que maldizem as ruas, que tomam as mulheres e que esperam no terreiro a cabra agonizar.

As coxas cansadas forçam prazeres e modulam falsos espasmos em falsetes. As coxas vêm e partem, sem donos: embrenham-se nas matas sem deixar vestígios e versos. Os galhos suportam pescoços destruídos. Um seio no peito suporta a solidão. O braço ferido teme a marca. Os torsos vibram hinos de pátrias que não são suas. A zabumba interrompe seu tremor. O corpo que parte é corpo de castro.

Então chega a mulher. E com a pena, de ave maldita, que entoava verdadeiros cantos, dita as novas regras, de libertação: “Vamos falar a verdade: isso aqui não é crônica coisa nenhuma. Isso é apenas. Os gêneros não me interessam mais.” E foi a alforria e o canto não se fez mais forçado. O próximo passo é cronificar delírios.

EU POSSO ESPERAR

Amigo cronista escreveu - aos que foram desta para a outra - “que nós aqui esperamos ansiosos a nossa vez” de tomar da passagem de ida sem volta.

Peço ao colega, por gentileza, para não me incluir no “nós”. Não tenho pressa... Aliás, se me fosse possível, apesar dos pesares, optaria por minha pensãozinha vagabunda aqui na terra. Dispensando anjos perfumados e hotel cinco estrelas, como ele acredita estarem a nos esperar do lado de lá.

Não que eu queira rosetar por aqui, como diria Lamartine. Mas fico imaginando como seria esse hotel cinco estrelas: az de candelabros, ovelhas solenes num campo distante onde se ouve apenas a brisa ciciar pela cabeleira de ouro dos trigais; calmaria que até credo!

Não seria, meu amigo, um tanto tedioso ficar andando de mãos dadas com a preguiça, pisando sobre nuvens, orando, orando, orando... Eternamente, definitivamente, por todos os séculos dos séculos? Sem um “funkzinho”, um futebolzinho, uma cervejinha... Essas coisas da carne que o espírito também aprecia, como um bom beijo, um toque carinhoso no rosto da amada; um sorvete de morango escapando da casquinha, um gol nos descontos, um poema de Herberto Helder para enganar a tarde?

Confesso que essa coisa de adivinhar o que nos espera no dia em que o telegrama final chegar não me seduz. Do carteiro do além quero mais é distância. Solto meus cachorros nele! Não tenho pressa para tomar do barco, até porque jamais me sentirei devidamente preparado para o salto final. Tenho dívidas, enormes compromissos com a vida e quero resgatá-los. Coisas simples, como vestir a 9 do Inter, contracenar com a Jodie Foster, trocar altos papos com o Scorsese, namorar a Luana e pescar um dourado no Rio Bonito.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Meu amigo, pode me dispensar do estamos ansiosos.” Tô não”! Quero mais é que o piloto perca o rumo, se esqueça do meu aeroporto e que meu passaporte se extravie. Estou feliz por aqui, em que pese o hollerith, o Aedes e o Fator Previdenciário.

Aos que pensam diferente, apertem os cintos e boa viagem! Que da minha Pasárgada só saio arrastado.

Crônica ancorada de améns

Vago por assim dizer por esses caminhos que se cruzam pouco e não trazem notícias de lugar nenhum, a não ser do dentro. A noite desce e escurece as coisas que devia cronometrar. Tinha intenções de recortar o cotidiano para desperdiçar um pouco dessas cascas da vida, desses lampejos de morte, e assim inaugurar um jeito de pensar o outono quando todo mundo ao redor nunca se deu pela presença dele. Falho no corpo as estações que almejo. Tenho cheiro de flores, sinto-as agregadas ao corpo todo num instante de mãos pausadas sobre o peito e uma pequena multidão me livrando do inferno. Não preciso morrer para cavar as verdades sopradas por vermes, livre dos riscos de me ser. O cotidiano é que me recorta e me obriga em pedaços a desavisar todo mundo que já se foi o tempo da safra, que já se enraíza a margem da espera. Sopro como se ninguém me lesse. Ouço conversas de antes e eu sim desconfio dos antigos. Cavo usuras de ir ao fundo para ser um pouco mais fiel a interrogação das coisas do que a explicação dos fatos.

Por aqui ,as casas vão se escondendo umas nas outras, encortinando silêncios de Deus, livrando a pegada dos amantes na linhagem muda da coleção de tapetes. As casas de tijolos sem vista são meio que só uma esfera crua exposta ao sol de sempre e calhada na superfície ínfima de quem desconhece a arte dos relógios, mas espera tempos tão distantes de se ter. Feriados aqui não têm largura. É só um dia onde se dorme mais. Os cães existem à revelia, audazes quando a solidão pesa e ninguém se sabe só. Aos domingos, a mão desfalece na língua grossa e eles escrevem bilhetinhos ilegíveis a linguagem escassa dos homens. A cura vem das ervas, a unção migra na fé da benzedeira, os fetos se esvaem nas noites escuras

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

sem gozo e na urdidura de sangue. Quando alguém compadecido fica de barriga e por obra misteriosa dos "bules", o degredo se espalha neste pequeno mundo afora.

Aqui, os desejos são aliviados com pano úmido e água quente. O corpo desconhece a falta, mas enrugando num prazer ilhado de um Deus que não permite solturas. Os mandamentos são lambidos à risca e o corpo é só um espaço desabitado de sentimento, encurtado nas roupas e cego de estações. A mocidade floresce na estampa das chitas e esmorece no calor das dobras só imaginadas com o primeiro forasteiro que não mede os dedos e arranca gemidos lá do fundo. Os homens esfolam os joelhos num catecismo que ainda insiste em só lembrar os símbolos da Páscoa, sem nunca realçar a fertilidade dos coelhos. As mulheres esquecem as anáguas de propósito para abrir o forno bem rente e se lembrar de alguma forma que são seres que amam. Aqui ninguém sabe ler. Já imaginou passar uma vida inteira sem soletrar uma declaração de amor escrita num guardanapo, num pedaço de caderno, no papel de pão? Aqui o amor só chega no altar, o corpo só escorre em fel numa lua minguada de sonhos. Poucos conhecem o mar. Muitos se afogam nos rios de água rasa e abandonos atracados perto da ponte. O Sagrado Coração resplandece em cada parede, amarelado, distorcido nas feições ou com purpurina benta. Aqui é preciso invejar os santos e debulhar sacras vias de puro milho, para se redimir dos pecados que nem roçaram a existência. Aqui se dorme com Deus, se acorda com ele e com os olhos grudados, o dorso pesado e angústias de mais uma madrugada mal esquecida nos braços de ninguém.

Aqui, se visita a cidade somente quando a quermesse se anuncia, quando alguém morre ou menino novo vai nascer. A alegria precisa de roupa virgem, par listrado, sapatos que sangram os calos ou racham o calcanhar, impedindo o andar leve e destituído de apertos. Aqui se morre de sopro, de doença ruim, de anos, de oração, de derrame, de tristeza. Os remédios não chegam e um

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

baú de felicidades engana as tardes de domingo. Aqui, se mata os que se atrevem a acontecer. Ninguém acredita que o homem pisou na lua e os vestígios de pura areia são tão frágeis que eu também acho que não acredito. Por aqui, a lua pisoteia os homens e esmaga a poesia dos cantos. Só se canta a mesma música, a praça existe em radinhos de pilha que sintonizam o placar do jogo. Aqui falta imagem. Faltam sustos para sarar a gagueira de não se ter o que dizer. Aqui, as pessoas desistem antes da palavra. Vão se juntando pela conveniência dos tomates, pelo exagero dos sulcos, aumentando os filhos num alívio precoce e sem cuspe. Por aqui os homens incham no sexo e se despedem sem conhecer da carícia de nenhuma puta. Nenhuma santa brilha porque o bordel foi fechado há tempos e as pedras a serem jogadas são guardadas e empilhadas no guarda-roupa. As mulheres se riscam, se deixam nas camisas de algodão que batem na pedra como se surrassem as delicadezas que não plantaram, as flores que só encomendam na hora da morte, o destino do corpo que cessa sangue, porque já desceu demais e só atraiu formigas. Aqui todo mundo decora Ato de Contrição, Credo, Pelo-Sinal, faz pedidos de toda ordem, só pede perdão e esquece de pedir para ser feliz. Tudo aqui parece um quadro em penumbra de natureza morta. E ainda assim, vão se conhecendo pelo recorte ou corte que sangram de si: Firmino que procura alguém na praça, Timóteo que trata do fígado com arrepios de cachaça, Losque que vai passar a venda pros filhos, assim que cortar a outra perna; Dôia que se pica por causa das diabetes, Maria que cuida do neto enfileirado de bernes... Os votos são sempre pra se ficar com Deus, mas Deus mesmo, eu acho que tem vindo pouco.

Amor aqui é coisa de segundos, farpa é fronteira de morte, animais estimam as vontades escondidas a vida toda. Ninguém se notifica, ninguém se responde. Se fala só daquilo que não se quer falar. O assunto se comenta, navalha o rosto do mais entristecido e se sorri pelo Natal que vai chegar sem embrulhos, montar o presépio e enfileirar as bocas para beijar a fitinha. A poeira dos móveis é a

POESIA, CONTO E CRÔNICA

mesma dos cílios. O corpo não passa por estação nenhuma. Sabem do inverno porque agasalham as extremidades. A solidão nem dói, porque é tanta culpa por esses caminhos que nenhum morro se fez. Não se desce nem se tomba. Não há degraus. A epopéia é comum, e tira o enfermo de casa e se alça nas velas da igreja direto pro cemitério em linha reta e lápides feito a mão. Tudo é simples, mas um simples que assim se firma, porque não conhece do delicado, da esfera do enfeite, do detalhe que salva, das variações da cor. E então, vai se sentindo tudo do mesmo jeito, achando que o sol amanhece com os mesmos raios, que o amanhã é igual a ontem e hoje nem intervala ciclos. Um simples de não se desmedir, de se privar de ir, de encarcerar o corpo longe do toque, de estar preparado apenas para embalar a doença e velar a morte. O tom desbotado afugenta, assassina qualquer horizonte molhado que teme abrilhantar nos olhos. Aqui se chora sem chorar. Se escreve sem nenhuma letra. Se assina com as digitais e nada ganha esboço. As hortas remoçam chás de toda estirpe porque se quer curar males que nem existem. As condolências são sinais de afeto e todo mundo já perdeu o jeito de abraçar porque o braço suspenso dói. Aqui, as estações passam como idades que se juntam e não tem peculiaridades. Não se sente a terra avermelhando, o corpo escorrendo, as folhas caídas.

Para se sentir o externo, o corpo precisa das estações de dentro. Primeiro se sente flores, se escorre de calor, se infla de desejo, os olhos se enchem de liberdades que se o corpo não sentir, o outono não fará sentido, as folhas caídas não serão um convite para se doer de amor na grama, na sombra, no canto e o frio lembrará só uma fogueira de tradição, mas que não abrasa nem incendeia o que por dentro deve pelar até soltar faíscas mundo afora. O corpo dita o que não sei dizer, a verdade que não sei mentir e noticio pedaços de todo o sempre numa rotina que me é a mesma e já se anestesiou, porque o corpo se conserva muito longe de si.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Este pedaço de mundo que não tem coluna diária, nem fervura, traz tantos sentimentos meus e de todo mundo que preciso de uma página para livrá-lo do susto de talvez nem chegar a ser. Sem avisos, teço dessa rotina que não sei florear como primaveras esquecidas, setembros sem doce ou reflexões cotidianas de dias que só vingam assim por aqui. Deixo-me nestas mesmas ruas que não se encontram, não formam esquinas, nem sobem ou descem. Deixo-me por falta do que morrer e de ser talvez um desses pedaços, doença ou crônica. Por covardia sei do que ainda listam, como o engodo, a ração, as faltas da dispensa, o que a geadá matou e sei que também vou sumindo, esquecendo-me nessa salva de améns que sempre nos responde com um Assim-Seja e nos conforma pelo mundo que a gente não toca, só responde. Por aqui. os vícios morrem ainda prematuros, peca-se ainda no velho pensamento de se crucificar e por aceitar tudo como se as trevas medievais enchessem o céu de aleluias e a gente tivesse que se privar das delícias da terra, forjando uma semelhança divina que não condiz com nossa natureza humana. Pode até parecer que não, mas ainda há desses escuros medievos espalhados no agora, baldios nos sertões de nós, recalcados nas extremidades a sós. Se o corpo não for um templo de riscos, para que um santuário de certezas pregadas em alturas que a gente nunca pode? Por que a passagem dos corpos que me formaram e que ainda o são se guardam tanto no excesso das roupas, amoitam intactos os vinis com cheiro de dama da noite e enterram as porcelanas em guarda-louças para nunca usar? Pra que proteger a melhor roupa para o dia do enterro e viver achando que a infância é coisa perdida, que solidão não combina com suor, que a existência sem travessuras e sem farpas é a única que deve ser lembrada? A memória pesa tanto que nem se vive. Tudo só se resguarda para estes terrenos da eternidade, num luto pelo que nem doeu, na conformidade que entre os sabores só soube diferir o doce do sal e pedir perdão, benzendo a própria inércia com louvores e amém.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

E neste outono de agora em que novamente me debruço neste lugar-nenhum de onde vim e que tanto me sopra, espio a liberdade que como fruto alto demais, não foi apanhado da árvore nem caiu. Apodreceu, bichou, ficou, não foi pra cesta, pra mesa nem pra fartura do corpo. Conservou-se alto como tudo que nos mede e nos impõe como algo divino e que assim nos emoldura para um aceitar das cicatrizes de dentro, repetindo a era catequizada de louvar o repertório de nossas faltas com uma eterna salva de améns.

O outono revive essa eternidade e por hora salienta essa superfície seca que insiste em não fazer notar as folhas tapando a nudez do chão. O outono volta e também leva os corpos que pendem, que se desprendem do mundo e se deliciam dos ventos e sopros que trazem notícias de Deus, que lá desse lugar tão longe onde o trancaram, ainda se ilumina de novos tempos que em alguns cantos ainda não chegaram. Desse Deus ouvi soprar. Para esse Deus que sente, eu sei me despir em maresias e me atravessar de tudo que me é fiel e humano.

Sacraliza as vontades que pairam e tenta sentir se as estações do ano também transitam no teu corpo. Deus chegará com o mar, em ondas calmas e também bravias e só levará com ele aqueles que estiverem molhados, cobertos de folhas secas, imundos do mundo que lhe é obra. Os outros estarão ocupados e talvez ainda só saberão repetir amém.

O CENTRO DO MUNDO

As anomalias declinam nosso adestramento.

Aturdido diante de uma laranja-de-umbigo, desregrada, bárbara, estrangeira, cuja morfologia me apresenta inúmeros umbigos, me exaspero em imaginar como lidar com um globo policêntrico. Faz-me falta um centro único, que me oriente qual seu eixo, sobretudo quando me cumpre descascá-la, a laranja anômala: um fruto proibido.

Na arte da guerra, a faca é uma extensão de nosso braço, alonga os ademanes ferinos, que buscam proferir os cortes, mudando os leitos do sangue. Na arte de despir os frutos, eis a faca a procurar um eixo, para contorná-lo, em ritual que desa(casa)la.

Laranja cheia de olhos, bicho medonho, redundante em minhas mãos domesticadas, me desafia a desvendar seus gomos. Empunho a minha faca, procurando-lhe a bússola, desconcentrado, lembrando que os muitos olhos da noite nunca tanto me intimidaram, tampouco com seus olhos que despencam, repentinos, cada um me concedendo três pedidos.

*

Tenho, aliás, um pedido a fazer. Mas é recém de manhã. E o excesso de olhos, agora me cega.

*

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Se ao menos tivesse apanhado a laranja, diretamente ao pé que a ofertava a quem tem fome. Alguma máquina, porém, cordata, indiferente, ou mesmo um bóia-fria, extenuado, o bastante para negligenciar os eixos de sua colheita, mecanizado já também, enfim, alguma máquina tirou-me o eixo dessa laranja, já que não há vestígio do seu cordão umbilical autêntico, que antes unia seu pé aos extremos da terra e do suco.

Cortá-la ao meio, antes de despi-la, abreviaria meu desespero. Eu, então, dois hemisférios encontrados, tiraria a casca do que antes fora um globo aterrador, já sem dúvidas quanto às engrenagens do maldito fruto. Entretanto, vencido pela ignorância, rendido aos desafios de uma laranja a me debochar, ora duplamente. Nego-me tal humilhação!

*

Animal domesticado, ego centrado demais para render-me ao múltiplo, desisto. Vou ao quintal, em lugar da faca uma pá. Planto numa cova a laranja inteira, imaculada, cheia de umbigos, múltipla de olhos zombeteiros. Medroso desde a raiz, prorrogo a fome, protelo chegar aos gomos. Pés descalços sobre a terra revolvida, meu tranqüilizante é saber, anomalia semeada, que as anomalias não vingam. Há de nascer uma laranjeira normal. Volto para dentro de casa. Centrado como nunca, visto a farda do dia, ainda de jejum.

Édipo, o ébrio, & de como bateu de bar em bar

Foi então que Édipo, cansado do provincianismo de Corínto, partiu para Tebas. Na mala de garupa, dois pedaços de charque, muita esperança e a saudade de Pandora – menina afoíta que roubou seu coração.

Que gostasse de uma água forte, todos tinham ciência, mas que fosse corajoso, seria mentir para o espelho (anos depois Narciso – amigo de infância – exaltaria nas homenagens póstumas: virtude & coragem).

Longos dias no lombo de sua Yamaha o deixaram fatigado. Pernoitaria em Delfos.

Perguntou ao dono do pensionato onde poderia alimentar a alma com umas doses de hidromel com canha. Sófocles Bar.

Ambiente fumarento, picumã por quilo y un pajador. Duas ou três presenças femininas, e um quadro do “grande timoneiro”. Pelas frinchas, o frio. Duas doses pra começar. O bandoneón de espinhaça quebrada inventava o clima de invernia. Foi que avistou no balcão aquela que seria sua perdição e sua vida. Matilde? Talvez. De pronto pôs-se de pé. Passos leves e pensamentos levianos o levaram até lá. Ao sopé do ouvido da mulher mais linda disse “Minha feia, onde estão escondidos teus seios? São mínimos como dois vasos de trigo. Me agradaria ver-te duas luas no peito: as gigantescas torres de tua soberania.”. Ao que escutou: – Laio! Olha só este desaforado.

De trás do balcão, pulou aquele homem, que a essa altura mais parecia um felino, proferindo desacatos: – Filho-da-puta! Isso já era demais. Agora que a vadia não conhecia Pablo Neruda, tudo

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

bem, mas todo aquele escândalo! Ora, ora, o único desaforo que tolerava era de seu pai e não ia ser um sujeitinho à toa que iria tripudiar com os seus princípios. O átimo permitiu que sacasse a Sollingen, cabo de chifre, em direção à reentrância posterior da costela do tal de Laio. Na profundidade das vísceras a faca escutou os últimos suspiros de sua vítima.

Édipo fez pouco caso do sucedido, colocou a mão para dentro do balcão, apanhou um punhado de dracmas e a garrafa de canha, já pela metade. Antes de partir pegou a mulher mais linda pela mão e a levou consigo na garupa de sua Yamaha até o fim do mundo.

Jocasta era o nome da mulher mais linda, e que tinha idade para ser sua mãe. Jocasta se tornou também o nome de referência, quando o assunto era a lírica de Neruda. Doutorou-se em Letras. Seis ensaios publicados em forma de livro, versando sobre os textos do Nobel de Literatura de 1971. Seu coração pertence ao “Carniceiro do Sófocles”, como ficou conhecido Édipo. Hoje vive de fugir da polícia – dura lex sed lex. À noite, quando entra imperceptivelmente no quarto da amada, depois de bater de bar em bar, chama Jocasta de Pandora. Ela não se importa, afinal, está cega de amor.



XXXII Concurso Literário
Felippe D'Oliveira

Conto

COMISSÃO JULGADORA:
Angelise Fagundes - CAPOSM
Luiz Gonzaga de Almeida Binato- ASL
Paulo Roberto Alves dos Santos -PUC

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Um Conto em Serpia
Lílian Dora Gattaz Correia - São Paulo -SP

2º Lugar:

Prioridades
Vicentônio Regis do Nascimento Silva - Maracaí -SP

3º Lugar:

Romancista malcomportado
Carlos Alberto Pessoa Rosa - Atibaia - SP

Incentivo Local:

O Major Toledo
Fabrício Pires Fortes – Santa Maria –RS

Menções Honrosas

1ª Menção:

Um para mim, um para você
Arnaldo P. da Silva Junior - Sete Lagoas - MG

2ª Menção:

O Jogo
José Antonio de Souza Neto - Belém - PA

3ª Menção:

Acordes da Tarde
Maria das Dores Oliveira - Ipatinga - MG

Lílian Dora Gattaz Correia - São Paulo-SP / 1º Lugar

Um conto em sépia

Já não sabia por quanto tempo esteve adormecido.

Na tentativa de levantar-se, sentiu que há muito aqueles joelhos mantinham o mesmo ângulo. Subiu as venezianas. Porque a luz que entrou intimidada iluminava estranhezas, veio a impressão de que quando as desceu pela última vez, aquele chapéu-de-sol não se impunha frente à janela.

De um vaso de antúrios corais, seivas gotejadas no copo de leite talhado. Um cigarro beijado, esquecido no cinzeiro junto à cadeira que balançava devaneios. Olhou para a penteadeira em busca de informações. Sobre ela, o pente desdentado mordida alguns fios de cabelo ainda castanhos, entranhados nos poucos cacos de marfim desgastado. No tubo do após-barba o jato de spray se negava impositivo.

À frente, manchas de umidade tingiam de antigo o espelho oval. Subiu o olhar para encontrar um par de olhos caídos, encimando o nariz que se aduncava sobre boca de lábios finos. Ensaiou sorriso pregueado porque entendeu a gravidade na precisão daquela imagem.

Rumo ao banheiro, ultrapassou um coturno forrado de pele e se lembrou das castanhas esquecidas no braseiro. E do cheiro do nó de pinho atijando chamas. E do jeito que sua gata chamava para si seus cafunés. E que a dobradiça ressentia azeite. Quando



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

viu o dentifrício ressequido sobre berço de cerdas esgarçadas, rasgou a casca da memória e compreendeu que eram restos de lembrança o que passeava por aquele cômodo. Porque seu corpo dali há muito havia saído, expulso pela bala de veludo que tingira de suave sua partida.

Prioridades

No dia que completou setenta e quatro anos, uma voz sussurrou-lhe:

- Daqui a dez anos...

Despertou da madorna, sentou-se na cama, vestiu a camisa, olhou o relógio que parara exatamente às 17h23min, pegou o relógio de pulso, que também parara às 17h23min, encaminhou-se para a sala, cujo relógio da parede interrompera-se às 17h23min.

Deduziu em dez anos, às 17h23min...

Sentado no sofá, desprezou a revista semanal, cruzou as pernas, perdeu-se em devaneios. Lembrou-se do período difícil após a perda do emprego aos trinta anos, do envolvimento dos filhos com substâncias estranhas, da sogra que morara com ele – oito anos de sofrimento e de desespero.

Por outro lado, lembrava-se dos importantes prêmios que recebera, dos jantares e das festas de que participara, da vida intelectual agitada, do carisma, do reconhecimento dos alunos, da gratidão dos que ajudara, das viagens que fizera.

Sim. As viagens marcaram sua vida. Os amigos, os tios, os parentes e os conhecidos (não poderia falar de irmãos, pois era filho único) compraram carros e casas, adquiriram salas comerciais e fazendas, enriqueceram com aplicações em bolsas de valores e em especulações financeiras de todas as espécies. Ele viajara.

Primeiro conhecera Paris. Transitara por seus cafés, suas bibliotecas, seus museus, seus cabarés. Conhecera as casas de Victor Hugo, de Alexandre Dumas (o pai e o filho), de Julio Verne,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

de Camus, de Sartre. Quisera visitar as casas e os universos de outros escritores, de filósofos, de pensadores fundamentais para entender a construção da identidade ocidental.

Na Inglaterra, procurara incessantemente as residências de Charles Dickens, Robert Louis Stevenson e Arthur Conan Doyle. Na Alemanha, buscou reconstituir o cotidiano de Nietzsche e, à imitação de Thomas Mann e Hermann Hesse, engoliu parte da neve da soleira da casa do filósofo. Na Itália, chorou ao som de Puccini.

– Uma das melhores literaturas, assegurou à esposa. Que outro país abrigou um gênio como Lampedusa?

Embora conhecesse grande parte do mundo, especialmente a Europa, lamentava-se por nunca participar da cultura do hemisfério sul. Desses lugares, além da Literatura e da Filosofia, adorava as danças.

De um estalo, pulou do sofá:

– Maria! Maria!

A secretária residencial despontou da cozinha, enxugando as mãos num pano de prato bordado, comprado no litoral pessoense. Olhou-o espantada, imaginando que estivesse passando mal.

– Onde mora aquele colega do Carlito?

O colega do Carlito, neto mais novo, morava dois quarteirões abaixo numa casa de dois quartos, cozinha, banheiro, garagem e uma sala de estar pequena onde mal cabiam duas cadeiras e o piano. As visitas geralmente sentavam-se em tamboretas improvisados ou na garagem ou na calçada. Se havia uma paixão ao amigo de Carlito, chamava-se música clássica.

O amigo do neto espantou-se ao ouvir suas considerações. Queria aprender piano. Em sete anos. Nem mais nem menos. Tocou

POESIA, CONTO E CRÔNICA

na casa de alguns amigos, em concertos amadores, em festivais irregulares.

Quando faltavam pouco menos de dezoito meses, entrou no tango. A idade avançada, os movimentos limitados, a agilidade comprometida, as dores na coluna e nas pernas que atrapalhavam a coreografia mínima não impediram a assiduidade nas aulas.

Três dias antes do aniversário tomou um vôo para Buenos Aires. Alugou um piano e pontualmente às 19h da véspera, iniciou um concerto de duas horas e oito minutos. Os aplausos invadiram a Plaza de San Telmo.

Acordou disposto no dia do aniversário. Tomou café por volta das nove e meia, visitou algumas livrarias, leu as notícias de jornais e revistas, escolheu alguns discos, enviados pelo correio à esposa, aos filhos e aos netos, retirou da mala um paletó impecável, usado minutos depois de sair de um banho demorado, regado a sabonete Phebo. Colônia Alma de Flores.

Atravessou a rua utilizando uma bengala, mais para causar avivamento estético do que para se apoiar, entrou no cabaré, jogou algumas cédulas de cem pesos sobre a mesa de uma meretriz, conduziu-a ao centro e, de olhos fechados, pediu “Por una cabeza”.

O fim da dança coincidiu com os aplausos efusivos dos espectadores e com as pancadas de um relógio grande e antigo que badalava estranha e pontualmente às 17h23min.

ROMANCISTA MAL COMPORTADO

Sábado. Porta do jardim. Um bilhete que o vento traz. Enigmático. Lembra-me um poema de Lorca: Sábado. Puerta de jardín... O espanhol enriquece a sonoridade, transforma o recado em canto andaluz. Aproximo-o do nariz, há nele um cheiro de mulher. A autora gosta de poesia, mas não é afeiçoada às línguas. Em contrário, não seria tão descuidada com um poema. Não consigo definir o perfume. Jovens usam 'Eternity'. A quem seria dirigido? Na cidade, há apenas um jardim com portada. Todo em ferro, ornamentado com deusas gregas. Poucos percebem e param para observar os entalhes. Detalhes quase perdidos pela corrosão do tempo. Mas poderia referir-se ao jardim de alguma casa abandonada. Também não diz a data e a hora. Com certeza, não é o primeiro encontro. Namorados encontram-se ainda dia, quando a praça está cheia de gente jovem, para um sorvete. Escrito assim, de um modo velado, o bilhete sugere um encontro entre amantes, ao cair da tarde, quando a algazarra dá lugar aos beijos fortuitos e toques de pele, e os casais perdem-se atrás dos troncos de árvores. Sábado carregado de "aroma, rastro e penumbra". Estou em pé na entrada do jardim. A brisa traz esses fragmentos do poeta espanhol. Não estou sozinho. Ao meu lado, há um sujeito que fuma um cigarro atrás do outro. Quando não traga, puxa a manga da camisa para ver as horas. Usa um boné com a pala baixa de modo a encobrir os olhos. O casaco marrom está todo riscado pelo tempo. Os sapatos, da mesma cor do agasalho, brilham apenas

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

onde o couro mantém a tinta. Percebo alguma agitação, quando o isqueiro não responde ao movimento de seu dedo. Tem fogo? Vi em tus ojos dos arbolitos locos. De brisa, de risa y de oro. Decididamente, tratava-se de um apaixonado à espera de alguém... Que não chegou. O último cigarro foi jogado ao chão e pisado com raiva. Ainda mapeou todos os quadrantes antes de se retirar, sem se despedir. Seria dirigido a ele o bilhete? Talvez, descuidado, deixou que o vento o levasse. Poderia ter perguntado... Sem o companheiro de infortúnio, hesito em permanecer. Mas uma força estranha cria raízes em meus pés. Os minutos adensam ainda mais o silêncio, o ruído de água descendo, resgata a madrugada em que o poeta foi assassinado, tenho a pele em arrepios, melhor ir, carregar a frustração, o céu sem astros, junto com Lorca: La luna está muerta; pero resucita em la primavera.

Domingo. Dia gris. Gris. Da janela avisto o oceano. Nas ondas agitadas e obscuras, habita minha tristeza. Leio uma vez mais o bilhete. Deveria ter aguardado mais tempo. Há os amantes da madrugada, botos e lobisomens que moram na cidade. Vampirista de olhos verdes, não mais que um e setenta, cabelos curtos para deixar um pescoço longo, surrealista, atento ao vento... E aos lábios. Usa saia justa. Joelhos discretamente expostos. Caindo entre os seios, traz uma gota, pérola dependurada em delicada, quase invisível, corrente de ouro. Lágrima congelada. Fotogramas. Verde que te quero verde. Verde vento. Verdes ramos... Assim canta a descuidada. Em minha cama? Permaneço sonâmbulo algumas horas ainda. Toda manhã é a mesma coisa. Colocar a primavera em seu devido lugar, clarear o dia e o mar. Verde que te quero verde. Verde viento. Verdes ramas... Saímos. Gaivotas nos acompanham. As ondas roubam nossos rastros, nosso

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

passado, não deixam pistas para o futuro. Pergunto sobre o bilhete. Demora a dizer, vasculha o interior, fala do amor compulsivo de um homem de casaco de couro ferrugento, do arrependimento no último momento, que apesar de estar com ele, não o conhece, é como se não passasse de um frequentador de um mesmo bar, o sujeito vive parte na realidade e parte no sonho, você finaliza como se eu não existisse. Rumor. Aunque no quede más que el rumor. Aroma. Aunque no quede más que el aroma, aquerônticas vozes que o vento traz, eu na janela, minhas mãos debruçadas no vazio, há uma mulher descalça e solitária adentrando o mar, cristais de imagens, um véu de chuva no horizonte, e a voz: Domingo. Dia cinza. Cinza.

Sábado. Arcos azules. Brisa. Faz uma semana que o céu não se abre. Agora, o azul em arcos, até onde se avista. E a brisa calorosa, não fria. A algazarra dos jovens nas calçadas. Falam alto, gesticulam. Ejaculam seus hormônios pela boca e pelos braços. Melhor sair, aproveitar o dia. O jardim lotado de mulheres com seus filhos pequenos: Mamá. Yo quiero ser de plata. Hijo, tendrás mucho frío. Mamá. Yo quiero ser de agua. Hijo, tendrás mucho frío. Mamá. Bórdame en tua almohada. !Eso sí! ¡Ahora mismo! Sento no banco de cimento. Deito o pescoço no encosto. O azul não tem fundo. Nele podemos mergulhar que não encontraremos fundo ou fim. Alguém chora... Vestido amarelo plissado. O joelho ensanguentado. No portão de ferro... Limpo aquela carne com cheiro juvenil. Ela pega o pequeno bilhete que caiu de meu bolso ao retirar o lenço. Sábado. Puerta de jardín. Lê alto. Em castelhano. Olho para ver se há alguém por perto. É hoje? Pergunta rindo de meu embaraço. O homem de boné escondendo o olho observa-me obliquamente. Está de pé do outro lado da portada. Fuma um

POESIA, CONTO E CRÔNICA

cigarro atrás do outro. Carrega a blusa de couro ferrugento na mão. Foi na outra semana. Não, não foi, diz a jovem balançando o bilhete no vazio. Tento arrancar o papel da mão dela. Caímos. Eu sobre seu peito. Naranja y limón. ¡Ay de la niña del mal amor! Limón y naranja. ¡Ay de la niña, de la niña blanca! Limón. (Cómo brillaba el sol.) Naranja. (En las chinas del agua). Do chão, vejo um sapato espezinhar calmamente um toco de cigarro. Bizarro modo de agir. Olho para o alto. O sujeito vai ao encontro de uma mulher de olhos verdes, não mais que um e setenta, cabelos curtos, pescoço longo, surrealista, já conhecida, o bilhete na mão da Lolita, o corpo quente no meu... E os movimentos nos lábios na mulher que se afasta: Sábado. Arcos azuis. Brisa.

Domingo. Mar con orillas. Metas. Está escrito atrás do bilhete. Coloco uma roupa de banho. Corro pela praia à procura de um joelho ferido. Sinto-me um imbecil. Nunca fui de correr atrás de rabo de saia. É como se o corpo permanecesse colado no meu. Toco pessoas por engano. Giro o corpo de um lado a outro. Observo os banhistas no mar. Nem sei mais quem procuro. Um homem dirige-me um aceno. Respondo. Tem ao lado uma mulher que mantém a cabeça baixa. A pele branca amorenada. Conheço aquele pescoço. A brisa carrega um cheiro conhecido. Uma jovem passa correndo. Tem ao lado um garoto da idade dela. Traz um curativo no ferimento. É ela... Las niñas de la brisa van com sus largas colas. Aprisiono seu traseiro na retina. Ayer. Suportarei? Já tive um infarto... Desaparece na orla. Corro enroscado no 'Eternity' que a garoa rouba de mim. Volto desesperado. Os dias estão cada vez mais curtos. A paixão cada vez mais perdida. Ayer. (Estrellas de fuego.) Mañana. (Estrellas moradas.) Hoy. A mulher de pescoço surrealista tem a cabeça erguida. Eu a conheço. Diz algo para mim: Domingo. Mar com orlas. Finalidades.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Sábado. Semilla estremecida. Sozinho. Depois do infarto viver só foi uma opção. Mas a casa encheu-se de fantasmas e assombrações. São eles, hoje, os atores que me dão vida. Portanto, não acreditem em nada do que virem ou ouvirem. Fiz um canto escuro como morada. El canto quiere ser luz. En lo oscuro el canto tiene hilos de fósforo y luna. La luz no sabe qué quiere. En sus límites de ópalo, se encuentra ella misma, y vuelve. Da janela, vejo quando a moça vestida em um tecido fino e transparente sobe uma rampa invisível e desaparece na imensidão do oceano. O mar não tem laranja. Ah, amor. Nem Sevilha tem amor! Voz da mulher de olhos verdes que uma leve brisa me traz. Gostaria que fosse cantado em castelhano. O homem de casaco marrom ri com tudo que digo. Malditos enigmas. Lorca, o que seus fantasmas fazem comigo? Que provação será essa? Meu corpo encostado no batente da porta. A alma, léguas daqui. Sou eu o homem de casaco comprido e camisa vermelha. Olheiras marcantes. A cadeira na varanda vazia. O longo caminho até o jardim. A volta com parada no lupanar. A loira de roupa laranja, transparente. A vergonha de expor o corpo a um macho distante. Incomodo até as profissionais do sexo. A mulher de olhos verdes dá lugar a uma de olhos castanhos. Carrega uma nuvem de pena na fala. Está esquecendo o bilhete. Escrito nos dois lados. Faces de uma mesma moeda. Sábado. Semente estremecida.

Domingo. (Nuestro amor se pone amarillo). Acordo bem cedo. Estranhamente, sinto-me disposto. Tomo um banho e aparo a barba. Olhos incrustados em abismo. La noche quieta siempre. El día va y viene. Abro a janela. A luz dá vida aos objetos. Um casaco longo e um blusão marrom envelhecido sobre a cadeira, uma camisa vermelha, e o sapato gasto ao lado da cama. Nada

POESIA, CONTO E CRÔNICA

além dos objetos pessoais. Fora, uma imensidão vazia. Somente
silêncio ao lado de silêncio, compacto. És un silencio ondulado, un
silencio, donde resbalan valles y ecos y que inclina las frentes hacia
el cielo. Domingo. No quise. No quise decirte nada.

Sábado. Puerta de jardín...

O Major Toledo

Era sexta-feira. O major Toledo, um pouco mais tarde que o habitual, chegava em casa cumprindo o mesmo ritual de todos os entardeceres. Abria o portão eletrônico para entrar com sua caminhonete, permitindo que os cães escapassem por alguns instantes à rua. Guardava o carro na garagem e se dirigia calmamente até a calçada, de onde dava comandos firmes para que os animais retornassem. Saudava-os brevemente com alguns afagos e, antes de entrar em casa, recolhia a bandeira do Brasil que pendia na entrada. (O major mandara construir, ao centro do jardim que ornava a frente de sua casa, um pequeno mastro onde todas as manhãs hasteava a bandeira nacional, recolhendo-a religiosamente ao final da tarde).

Desde sua aposentadoria, coisa de uma dúzia de anos, o Major Homero Toledo dedicara-se a uma empresa de segurança que mantinha em sociedade com seu irmão, também ex-militar. A ligação com as forças armadas – é bom que se diga – sempre foi algo muito presente na família Toledo. O avô, Ernesto, fora combatente na Primeira Guerra; o pai, Julião, na Segunda; o major Homero, filho mais velho, construíra brilhante carreira à frente do primeiro batalhão de infantaria, tendo lecionado na Escola Superior de Guerra e recebido condecorações inclusive – reza a lenda – diretamente das mãos do marechal Castello Branco; seu irmão mais novo e sócio, Ulisses, fora piloto de caça da aeronáutica, podendo também se gabar dos inúmeros e importantes trabalhos que prestara

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

ao país. “Servir à pátria” – diziam – “é algo que está no nosso sangue”.

Um pouco mais tarde do que de costume, como já foi dito, o major cumpria o último ato de sua chegada naquele dia, entrando em casa pela porta da frente enquanto ainda dobrava com cuidado a bandeira. Estranhou não encontrar a esposa, Dona Lourdes, assistindo às novelas na sala, como era de hábito. Dirigiu-se à cozinha, esperando – devido ao horário um pouco tardio – encontrá-la já preparando o jantar. Não encontrou. Ficou pensativo por um momento, enquanto bebia um copo de água. Ao retornar à sala, começou a ouvir passos descendo a escada. Era ela. Para maior estranheza do major Toledo, Dona Lourdes usava um vestido novo.

“Vamos a alguma festa?” – perguntou à sua Senhora.

“Não, meu bem” – ela respondeu, enquanto se aproximava do marido para saudá-lo com um beijo breve e inesperado.

“Você está usando maquiagem?” – replicou.

“Sim, meu bem. Para você”

Era realmente algo de muito intrigante para o major aquele tipo de comportamento por parte de sua esposa. Já havia muitos anos que ela não o chamava de “meu bem”, tampouco o recebia com beijos e vestidos novos.

“Por que você não toma um banho, meu bem” – disse Dona Lourdes – “e veste a roupa que separei para você? Está em cima da nossa cama”.

O major obedeceu à esposa com certa desconfiança, tentando adivinhar o que de tão estranho poderia ter ocorrido para que ela agisse de tal forma. Desceu para o jantar e encontrou, para maior surpresa, a sala com luzes apagadas e a mesa iluminada por velas.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

“Preparei a moqueca de camarão de que você tanto gosta, meu bem” – disse-lhe a esposa, encarando-o com um olhar antigo e já esquecido.

Jantaram em quase absoluto silêncio, entrecortado incidentalmente por um ou outro comentário de Dona Lourdes. O major nada falou. Apenas saboreou com prazer a moqueca e respondeu às intervenções da esposa com gestos faciais que apenas ela conseguia decodificar. Estava aflito, o velho senhor. Sentia suas pernas enrijecerem como rochas, e um suor gelado escorria pelas entradas de sua testa. Seu coração batia rápido como um repique de caixa, e sentia um certo medo envergonhado que o remetia aos tempos de sua adolescência.

Tão logo mastigou o último pedaço de camarão, levantou-se de sobressalto e sentou-se na poltrona, em frente à TV. O noticiário aproximava-se do fim, e o velho Homero Toledo sabia que, assim que começasse a novela das oito, Dona Lourdes se distrairia com o último capítulo e deixaria de encará-lo com aquele olhar que o oprimia e o encabulava. Não aconteceu. Antes mesmo de o repórter dizer “boa noite”, a senhora tomou o controle remoto e desligou o televisor. O major permaneceu imóvel, observando-a com o canto do olho, temendo e esperando por sua próxima ação. Dona Lourdes contornou o pomposo jogo de sofás que decorava a sala e se dirigiu até a estante, onde ligou a velha vitrola, há tantos anos parada. A voz grave de Elvis Presley começou a cantar “*Love me tender; Love me sweet. Never let me go*” em meio aos estalos do vinil. Ela se aproximou lentamente de seu marido, ainda com aquele olhar. O velho major, àquela altura, sequer conseguia se mover, e Dona Lourdes já o cercava de uma distância tão pequena que podiam sentir a respiração um do outro em suas faces. Ele nada mais podia fazer. Estava rendido na trincheira de sua poltrona. Ela o envolveu com braços e pernas e boca e abraços. Tirou seus óculos

POESIA, CONTO E CRÔNICA

e sua roupa ali mesmo, na sala, e o conduziu ao prazer esquecido como o fizera ainda na mocidade.

O major sentia seu corpo ferver em regozijo, e sua respiração era ofegante como a de um soldado no front. Estava vivo. Podia ter certeza. Vivo, como não se sentia havia décadas. Dona Lourdes beijava seu peito e acariciava suas costas; sentia-o em si como há muitos anos costumava sentir. O major emitia grunhidos graves, quase inaudíveis, e mexia seu corpo de uma maneira que já não era mais de seu feitio. Sentiu então suas pernas tremerem, como que num espasmo, e todos os pêlos do seu corpo espetaram-se arrepiados como baionetas em posição de combate. Era aquela velha sensação: o prazer, o prazer. Já não sentia medo ou constrangimento, e sua respiração ofegante ia se unindo aos grunhidos que emitia. Suspirou profundamente, anunciando quealaria finalmente alguma coisa. Dona Lourdes, colada em seu torso, apenas esperou em silêncio.

“Eu te amo, meu Brasil!” – ele bradou.

Naquele momento, o disco já rodava ocioso, e se ouviam apenas os estalos da agulha nos sulcos finais do lado A.

Arnaldo Pereira da Silva Junior - Sete Lagoas -MG / 1ª Menção

“Um Para Mim, Um Para Você!...”

Aaron Beleza (pseudônimo)

O povoado de Vai-Quem-Sabe nunca mais foi o mesmo depois da fama nacional de seu Cemitério de Sinos*. E foi justamente ele, cenário de mais um episódio memorável, causador de grande rebuliço.

Exatamente na cidade dos pés juntos, protegida pelos seus muros centenários e (durante o dia) pelo olhar atento do coveiro Ju Coité, uma figueira deliciava-se com o adubo abundante fornecido por aqueles que faziam dali sua última morada. A árvore era enorme, frondosa, exuberante e vendia uma saúde de dá inveja. Estava sempre carregada de enormes frutos. E ainda que não fosse uma unanimidade, pois muitos a olhavam com desdém (e nojo) por causa de seu local de nascimento, ela aguçava a cobiça silenciosa de boa parte da população.

Contudo, o ladino Ju Coité não permitia a entrada de ninguém com segundas intenções (para ele a tal árvore era amaldiçoada...). E à noite, os tais sinos (um para cada defunto) faziam do campo santo um local assustador. Quem seria desmiolado o bastante para se atrever a tamanha empreita por causa de umas frutinhas à toa. Que caíssem de podre!! E isso era o que geralmente acontecia...

Mas numa noite dessas, de lua clara que nem uma bandeja de prata, dois vultos escuros e silenciosos fizeram o impensável e foram direto para a tal figueira. Treparam na dita, que estremeceu

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

chocalhante. Caíram figos de todas as cores e tamanhos. Alguns, do lado da rua...

- Lástima! – cochichou um deles.

- Calma! Depois a gente pega, sô!... Vamos dividir esses daqui!

- Fale baixo, imbecil.

- Vamos andar logo com isso! Esse lugar é muito esquisito...

Assim, iniciou-se a ladainha:

- Um pra mim, um pra você! Um pra mim, um pra você!

(...)

Nisso, do lado de fora, vinha Zé da Noite, bêbado (como sempre) que nem uma égua, trocando as pernas... Cumprimentava até os postes e as coletoras de lixo - “Boa noite!” - De língua inchada, balbuciava palavras incompreensíveis. Ora ia... Ora parava...

De repente, já no rumo da figueira, ouve a tal divisão:

- “Um pra mim, um pra você! Um pra mim, um pra você!...”

(...)

Com o susto, estanca o passo cambaio, arregala os olhos e leva as mãos à boca. Branco de pavor, saiu embestado a procura de socorro. O medo foi tão grande que até lhe fder4esqueceu a embriaguez.

E como todo bom vai-quem-sabiense, foi parar à porta de João Palpitoso, cuja fama de líder (na maioria das vezes) só lhe servia para trazer desgosto e contratempos.

- Oh, João! Acode aqui homem! – clamou o pobre Zé, de respiração alterada, fazendo o sinal da cruz.

Palpitoso (algum tempo depois) abre uma fresta na janela de tábuas do quarto para fitar de rabo de olho quem bulia no seu sono.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

- Aí! Mas é “ocê” Zé!

- Homem, deixe de onda e vamos acudir lá no cemitério!

- Qual sino tocou agora?! – indagou, enquanto abria a janela, assuntando a falta de vento com uma das mãos e o céu repleto de estrelas... – “Será que alguém ressuscitou?!” – duvidou em pensamento.

- Que Nada! Lá tá é o maior bate boca...,

- Como é que é?! – indagou perdido, limpando a remela das vistas e desamarrotando o rosto.

- Deus e o Tinhoso estão dividindo as almas!!! – quase gritou, arregalando os olhos, naquele rosto inchado com a barba por fazer.

- Oh, Zé da Noite... Deixe de maluquice. Onde você bebeu dessa?!

- Juro! Juro por essa luz que me “alumia”! Os dois estão falando bem assim: “Um pra mim, um pro cê! Um pra mim, um pro cê!”

Nisso chegam também Dona Jurema, Isidoro, Sô Firmino, Compadre Ozézimo, acompanhado de uma chusma de gente. Souberam da notícia nas esquinas e ladeiras do lugar, decerto escapulida da boca frouxa de Zé da Noite. Alguns já haviam corrido ao tal muro e confirmavam a história:

- Oh, João! É isso mesmo, homem. Deus e o Trem-Ruim estão dividindo as almas – adiantou-se Isidoro.

- A prosa é bem assim: “Um pra mim, um pro cê! Um pra mim, um pro cê! Virgem Santíssima!” – Foi a vez de Dona Jurema

- É Só vendo que coisa horrorosa: “Um pra mim, um pro cê!...” – reforçou Compadre Ozézimo, balançando a cabeça e um dos braços, pra lá pra cá.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Palpitoso levou as mãos aos ouvidos, demonstrando cansaço.

- Tá bom! Tá bom! Eu irei ao cemitério tirar isso a limpo, pois aqui é cabra macho. – exclamou batendo no peito, enquanto vestia uma camisa, para ganhar a banda de fora da casinha de adobe e telhado baixo.

- E se querem saber de uma coisa: Deus nem deve de está lá! O povo daqui é tão ruim e imprestável que só a turma dos boca-de-fogo iria querer dividir esta corja e levar de vez para as “profunda” dos quinto! – emendou Dona Jurema, benzendo-se.

Uns balançaram a cabeça concordes, enquanto outros ensaiaram um protesto, sentindo-se alvos daquele comentário desabonador.

- Deixe de conversa fiada, gente! Quem tiver coragem que me siga! – desafiou Palpitoso, de olhar resoluto, acariciando o bigode.

- Enfim, partiram a passo largo. No caminho, encontram Padre Lelé de pijama e mais um montão de gente.

O vilarejo inteiro acordara com a fofoca medonha que corria de boca em boca, de porta em porta. Ao longe se avistavam as silhuetas das pessoas (evidenciadas pela luz tremulante dos lampiões, alguns nas janelas, outros já na porta de casa), balançando a cabeça e os braços pra lá e pá cá, enquanto a ladainha horripilante provavelmente era repetida. Olhares aflitos e bocas de risos compunham a platéia...

A turba curiosa aproximou-se silenciosamente do local indicado por Zé da Noite. E faltou espaço no muro do cemitério para tanta orelha. Ficou até bonito!

E para assombro geral, a divisão continuava:

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

“Um pra mim, um pro cê! (...)

- É o Tinhoso mesmo – murmura alguém, petrificado de medo.

- É verdade!

- O Encardido! – reconhece outro.

- O Maldizente de uma figa!

- O Coisa-Ruim!

- O Zóio-Junto!

Parecia até um jogral mal ensaiado.

- Tire a mão de minha bunda, infeliz! – protestou Dona Jurema.

- Desculpa aí, comadre... – responde alguém, que tentava encontrar um lugarzinho disponível.

- Cale a matraca, gente! – cochichou Palpitoso, com o dedo em riste diante da boca. O olhar esbugalhado substituíra a valentia dantes.

Cético, Padre Lelé ficou cismado, mas mesmo assim benzeu-se com o sinal da cruz. A peonada entreolhava-se incrédula. Algo estranho estava acontecendo ali sim.

A velha Jurema, mais calma, cochichava algo sobre a lua cheia, o lobisomem, o chupa-cabra...

Vamos continuar ouvindo, pessoal! – cochichou outro.

E cada vez ia juntando mais gente. Um alvoroço!

De repente, o diálogo dentro dos muros silencia por um instante, para apreensão dos ouvintes:

- Parou! – alarma alguém.

- O que será que aconteceu?!

- Não sei!

- Oh, compadre! Seu cabelo “tá” fedendo demais!

POESIA, CONTO E CRÔNICA

- Que “ocê” queria?! Hoje num é sábado!
- Às vezes, acabaram as almas! – conclui alguém, mais sensata, firmando o assunto.
- Será?! – foi quase um coro.
- Deus nos livre!
- Tem pulga aqui!
- Deve ter caído do Isidoro! – replica outro.
- Peguei com a santa da sua mãe! – replica o dito.
- Povo meu, vamos fazer silêncio. Escutem! – implorou, Palpitoso.

Passos ritmados e sinistros ecoam... Um vento assustador lambia tudo! Pios de coruja e o canto agoniado dos gatos por causa de alguma fêmea no cio faziam a sonoplastia de suspense e terror. Naquela noite a bicharada combinara direitinho...

E aquela multidão de orelhas amotinadas pareciam querer derrubar o muro.

Até que, uma voz grossa e medonha, do outro lado, sentenciava:

- Tá na hora! – pausa

A curiosidade daquela balbúrdia de gente chegou ao ápice. Arrepios corriam e faiscavam de um para o outro. Semblantes esbugalhados e boquiabertos prendiam a respiração... Agora, até os mais valentes tremiam! Um silêncio de morte instalou-se!...

- Vamos pular o muro e dividir as que... – A frase não precisou ser concluída para que o apinhe ouvinte desmoronasse num grito de pavor, que nem traque de São João.

- Do lado de dentro, ao mesmo tempo, uma espécie de uivo ficou abafado com a gritaria do povo que fugia em disparada.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

- Mas que gente frouxa e sem confiança em Deus! - Padre Lelé foi o único homem a honrar as calças e as roupas de baixo limpas. Ao contrário dos demais, pendurou-se ao muro e num esforço descomunal (para sua idade adiantada) conseguiu esticar o pescoço para dentro do cemitério. Com o auxílio da Lua, correu a vista: Não viu nada além de cruzeiros e jazigos. Percebeu apenas alguns sinos tinindo, num curioso alinhamento, como se mostrassem uma rota de fuga.

- Coisa estranha! - Coçou a cabeça, confuso.

Na manhã seguinte, investigou o lugar, não havia sinal de nada, apenas a figueira pelada de frutos. O certo é que nunca se descobriu o que acontecera de fato naquela noite. Mas sua intuição indicava tratar-se simplesmente de ladrões de frutas.

Ao chegar à casa paroquial, é que foi reparar a sorte de sua macieira (seu santo remédio de suas indisposições intestinais): Mais uma vez fora arrasada sem piedade! **

A conclusão óbvia escapou-lhe num sorriso divertido, disfarçado por uma das mãos que não conseguiram esconder o rubor das faces tremulantes:

- Eta povo cagão, sô!...

**“Cemitério de Sinos” é um dos contos da série sobre o povoado de “Vai-Quem-Sabe”.

** Referência ao conto “É onça” (da mesma série) onde a tal macieira é destruída pela população acometida de descontrole intestinal. (Nota do autor)

O JOGO

O local mais parecia uma toca. A luz balouçante que banhava as pessoas emprestava ao ambiente um ar soturno, autopsiante. Quatro homens. Dois fumavam muito. Mais o que servia as bebidas. Lá fora, a noite já abocanhava os transeuntes. Jogavam numa mesa puída de bilhar. Os tacos cortavam o ar a cada nova jogada. No canto, a tabela repousava esquecida. Passatempo, somente. Vez em quando, o mais alto de todos, barbicha por fazer, emprestando a ele um ar de desleixado, gritava “Outra, Mané”, em que o tal homem saía de detrás do balcão e vinha repousar a cerveja no canto da mesa, já úmida pelo suor da garrafa.

O mais baixo deles, uma barriga um tanto protuberante, com um risinho tatuado no canto dos lábios, falava — a boca entre dentes e cigarro — “A merda é ficar esperando...”. O do meio, cabelo partido do lado, uma camisa colorida e um ar um tanto calmo: o único sem cigarro e sem ar de malandro, confabulava: “Só mais um pouco. Eu garanto”.

Passava das nove. Aquele local perdido no meio de uma estrada esburacada, quase sem carros a rasgar a calmaria com monóxido de carbono e buzinas, dava uma impressão de isolamento adequado à situação. Enquanto os dois fumantes olhavam, o da camisa colorida parecia concentrado no jogo, e toda vez que errava uma jogada dizia: “Merda” e tomava um gole da bebida. Os outros só riam, um risinho debochado.

— Conta de novo aí, Mané.

O outro estava concentrado na jogada do grandalhão de barbicha. Respondeu com um “O quê?” meio pateta.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— A porra da salinha, ou quartinho, sei lá... O que mais!? Conta aí pra eles — e abriu mais o risinho de ironia, como se cúmplice de uma realidade fantástica. A novidade que só ele e o do balcão sabiam.

— Ah... O quartinho que fica no final da escada, lá embaixo. É bem isolado. Ninguém nunca mais foi lá, desde que uma tia-avó minha que morava aqui (só pra dar trabalho a desgraçada da velha!) morreu, só eu...

— Só tu? — interessou-se o grandão, que até interrompeu a tacada para atentar à narrativa do outro.

— Bem, só eu e... a menina.

— Que menina? — interessou-se o de cabelo partido.

O outro então, convencido de que não teria importância a confissão, afinal, dez anos faz muita diferença para o que for. Não pegaria mais nada com ele. Como provar? A não ser que alguém desse uma de besta para descer até o tal quartinho sem sua permissão... Mas para isso ele já estava preparado. Apertou firme o trinta e oito debaixo do balcão. E começou o relato.

— O que eu vou falar vai morrer aqui... Há muito tempo passou por aqui por essas bandas uma família de ciganos, gente que não tem paragens. O homem, já meio velho, a mulher, com dois pequenos de colo e... a menina.

— Menina... — tentou emendar o grandalhão, já esquecido da jogada, apoiado no taco, inteiro de ouvidos ao do balcão.

“Não era bem menina... De peito, batia no meu ombro, apesar da cara inocente. Mas foi justamente pela cara inocente e por aqueles olhos. Eles ficaram ali sentados naquela mesa — apontou para a mesa do canto, já bem estropiada. O homem tinha só alguns trocados. Pediu um sanduíche e um refrigerante grande. Dividiu com todo mundo. Pediu depois para dormirem lá fora, naquela garagem coberta. Deixei, aqui dentro pois é mais quente, mas eu não conhecia essa gente. Podiam me roubar... — falou tentando justificar suas ações.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Mas confesso que a menina me deixou doido. De noite eu fui dar uma volta lá fora, fumar um pouco. A lua alta. Quando vi, a garota também ali, na beirinha da estrada, com um olhar vago, parece que esperava algo acontecer para mudar seu destino. Perguntei pela família. Disse que estavam dormindo. Convidei para comer algo, ela hesitou. Mas a fome aplacou qualquer dúvida e ela entrou. Antes, eu confirmei se eles estavam mesmo dormindo. Entrei e fechei a porta. Falei para ela que era perigoso porta aberta. Dei um prato de sopa e fiquei ali, admirando aqueles peitos enormes e duros. Ela não me olhava. Foi quando me deu a doida, fui por trás dela, cheirei aqueles cabelos, a pele... Ela tentou se levantar e esboçou falar mais alto. Tapei a boca e fui carregando ela pro quartinho, lá embaixo — apontou para a porta fechada e todos acompanharam com a vista o gesto.

Depois de tudo, ela podia me denunciar. Sabe como é... Deixei ela lá. Não dava para ouvir o choro, o quarto é lá no final. Uns sete metros abaixo.”

Diante da revelação, o barrigudo deu uma de conhecedor do caso e completou:

— Nunca mais foi lá, cara. Imagina. A garota só tá esqueleto agora... — soltou uma gargalhada.

Os homens se olharam. Meio assustados com a ousadia e ao mesmo tempo aliviados pelo segredo mantido.

— E os pais da menina? — quis saber o de camisa colorida.

— Vieram aqui perguntar. Mas eu desconversei. Disse que não vi. A estrada é uma perdição, talvez a garota tenha partido, ou quem sabe pego carona com um desses que passam de vez em quando por aqui. Gente má, eu disse a ele. Foram embora e nunca mais voltaram. Desde então não fui mais lá. Não que tivesse medo, mas o problema era o cheiro... Batia aqui em cima...

Um caminhante estacionou na porta do bar. Os homens assustaram-se. O que estava no balcão gritou, firme. “Tá fechado!” O outro ia contra-argumentar sobre a presença dos outros homens

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

jogando, mas os olhares que teve que enfrentar, parado na porta, fizeram-no desistir. Saiu praguejando baixinho.

No meio daquela pacatez, uma luz de farol batizou o ambiente, no mesmo instante em que o de cabelo partido deixou o taco sobre a mesa, como se desse início a um enredo, perigoso... muito perigoso...

Todos, absolutamente todos, pararam, como se algo os tivesse desligado. O tempo suspendeu-se por alguns minutos, até a figura de cabelos longos ferir o ar com seu perfume de mulher. O olhar de nojo perscrutou todo o ambiente pesado de fumaça, olhares cobiçosos e cheiro de bebida. Ficou parada ali na porta, numa indecisão visível. Iria embora dali, que decididamente não era local para ela, ou terminaria de uma vez com aquilo que foi fazer?

— Pode entrar, Mercês... A gente... Quer dizer, eu estava te esperando.

Ela chegou bem junto ao de camisa colorida e falou, reservadamente:

— Que diabos é isso, Meireles? Por que aqui? E o horário? Tu sabes que merda de horas são?

— Eu adoro quando tu ficas fula da vida. Começas desbocada e acabas... — interrompeu a frase, sob os olhares interessados dos três outros homens. Mas queres saber por que aqui? Bem, concordas que é reservado. Ninguém conhecido passa por aqui...

— Eu caso amanhã, Meireles. Tu sabes disso... Ou melhor, será que é por isso que tu inventaste de eu vir aqui? Mas é claro — ela fez cara de quem entendeu tudo.

— Também é isso... Mas não é só. — falou olhando para os dois homens. O gordo deixou o taco do bilhar descansando em cima de um banco qualquer e começou a colocar as bolas na caçapa, deixando a mesa livre ao porvir. O de barbicha estalava os dedos como se fosse começar alguma tarefa. Enquanto isso, o outro limpava copos atrás do balcão, ligeiramente indiferente, mas com o olhar acompanhando tudo.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

A mulher olhou Meireles com um olhar indagante:

— Eu não quero que você case, Mercês, tá certo. Mas o principal é que eu te quero de novo... — ao dizer isso, fez com que os outros sorrissem de um modo sarcástico.

— Qual é, Meireles?! Tu achas mesmo que eu vou trair o Edu contigo? Tudo bem que foi bom enquanto durou, e coisa e tal. Tudo que já sabes. Mas eu tô em outra. Vim mais por consideração. Sabe como é, tu sempre te metendo com quem não presta... — soltou um olhar rápido aos três homens, que permaneciam com um aspecto intimidativo.

— Eu acho que não. Acho que tu vais aceitar... Uma última vez, sabe. Brincarmos fazendo nosso jogo. Lembra? Eu dizia que tu eras minha dama. Jogo de dama. Aos poucos eu ia comendo tuas peças...

— Qual é! Isso não se fala em “público”, né. E quer saber? Eu vou embora...

Ao se virar, esbarrou no grandão que bloqueava a porta do recinto, já trancada.

— Quer sair daí? — apesar de pedir com calma, a mulher já estava nervosa.

— Ninguém vai sair daqui, Mercês. Ninguém. Porque agora a gente vai iniciar nosso joguinho. Só que com mais peças...

O barrigudo, gargalhando, já estava só de cuecas. O grandão agarrou a mulher tapando a boca para ela não gritar. Empurrou-a em cima da mesa de sinuca e rasgou-lhe parte da blusa.

— Espera. Aí não, pode ficar algum vestígio — falou o do balcão, saindo lá de trás com uma garrafa de pinga. Destrancou a porta que dava ao quartinho diante da aquiescência de Meireles e dos outros três.

— É melhor vocês tomarem bem isso aqui — ofereceu a garrafa aos homens —. Lá embaixo o cheiro não está muito bom.

A mulher esperneava: “Que porra é essa, Meireles?!”

— É o nosso último jogo de dama, querida. Você é a peça principal.



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Os gritos abafados da mulher pela mão imensa do grandão de barbicha e os passos de descida na escada dos três outros homens seriam os últimos sons ouvidos por quem estivesse no bar, antes de Meireles bater a porta que dava ao quatinho.



ACORDES DA TARDE

... vem, vem sentir o calor, dos lábios meus, a procura dos teus. Vem matar essa paixão que me devora o coração...

A voz vinda do apartamento ao lado enche a sala. A voz e o violão penetram nas paredes e enchem mais o ambiente, do que os móveis ainda fora dos lugares. Mudou-se naquele dia para o prédio e logo que começou o vai-e-vem da sala para o quarto, retirando roupas e vasilhas das caixas, Mayra percebeu a voz que cantava e o violão que tocava. Na cozinha, ajeita as panelas nos armários e a voz acompanha, um pouco mais longe. Os movimentos das mãos, que delicadamente tocam as cordas do violão, vão juntos e dão ritmo aos passos, que seguem nos afazeres domésticos. Finda à tarde, a voz se cala. Ela exausta, termina de guardar a mudança.

“... e cada verso meu, será pra te dizer, eu sei que vou te amar, por toda a minha vida...”

Tarde de domingo. Os sóis penetram na sala. O sol que aquece o corpo entra pelas janelas amplas. O outro vem nas canções e aquece a alma. Ambos iluminam a vida. Mayra escuta embevecida a voz masculina. A voz firme, afinada, aveludada, penetra suavemente em seus ouvidos solitários.

“Hoje, eu quero a rosa mais linda que houver e a primeira estrela que vier, para enfeitar a noite do meu bem...”

Seu toca cd agora é obsoleto. O moço do 302 canta para ela. Prega o botão na blusa. O som do violão dá o compasso às mãos, que seguram a agulha perfurando o tecido fino.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

*“Meu bem você me dá, água na boca, vestindo fantasias,
tirando a roupa. Molhada de suor, de tanto a gente se beijar.
De tanto imaginar loucuras...”*

Como será o dono da voz oculta pelas paredes? Devem ser lascivas e sôfregas as mãos, que passeiam pelas cordas do violão.

“... tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais...”

Deitada, costura ao chão, corpo vibrando com os acordes sonoros. O dono da voz abre a porta e vem... Moreno, cabelos nos ombros, mãos grandes e fortes. Toca seu corpo, que desperta na tarde que acaba. Toma-a em seus braços peludos. Acaricia as cordas do violão. Silhuetas e curvas ardentes... Mulher e violão são seres anatomicamente semelhantes e sentimentalmente também. Ambos afeitos às delicadezas, às cadências... Ambos excitantes se tangidos com maestria. *“... se nós, nas travessuras das noites eternas, já confundimos tanto as nossas pernas...”* A voz bem perto. Canta agora só para ela. Sussurra em seu ouvido, em seu ventre, que se contrai freneticamente. Cordas vibrantes. Acordes arrebatadores. Continua cantando, tocando... As mesmas mãos circundam sua cintura, seus seios e o violão... Incompreensível para a mente embriagada pelo torpor. Ele atinge lá, o ápice. Um gemido mais forte do violão, um acorde profundo da mulher. *“... quem te ama, dorme à sombra de um vulcão...”*

“...” A voz se alonja... Sumindo... Sumindo...

Faz frio na sala escura e silenciosa. Acorda. O corpo seminu gelado e teso pela posição desconfortável. O prédio todo dorme. O vizinho já não canta mais. Levanta-se sonolenta e vai dormir no quarto. Falta muito para amanhecer. Ainda há muito que sonhar.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

“... e o barquinho vai, a tardinha cai...”

No decurso dos dias, vão-se as tardes musicais. Que nome terá o rapaz da bela voz? O que faz da vida, além de cantar? Como se cantar e tocar um instrumento, não fossem as maiores bênçãos que um ser humano pudesse almejar nesta vida! Mayra alimenta a curiosidade sobre o vizinho e dá asas à imaginação. Não vê a hora de chegar do trabalho, aconchegar-se na poltrona e ouvir, ouvir... Arruma a casa, faz café, lava a louça ao som do seu seresteiro. Moradora recente no prédio, não tem intimidade com ninguém para sondar sobre ele. Espreita do corredor na expectativa da porta do apartamento 302 se abrir. Sempre fechada.

Espreita. A porta se abre. Dois rapazes saem conversando e rindo alegres. Muito rápidos. Seus olhos não alcançam o alvo tão desejado. Recusa convites para sair com os amigos. Se for, perderá as canções da tarde. E ele canta todas as tardes, infalivelmente! Faz previsões das músicas do dia, não admite perder. Dos homens que conhece, nenhum se salva. Todos insossos, inaudíveis, com “voz de sovaco de cobra”, como diz o Lima Duarte. Namoros breves, destoantes, que não cabem em uma canção.

“... queixo-me às rosas, mas que bobagem, as rosas não falam, simplesmente as rosas exalam o perfume que roubam de ti...”

Faz vigília do lado de fora do prédio. Olha atentamente para a janela aberta, de cortinas floridas. Uma escada seria bem útil. Os olhos quase saltam tamanha a curiosidade. Vê as moças falantes e sorridentes entrarem e seguirem para o terceiro andar. Vai ao encaço, quase correndo. Abrem a porta do 302 e entram, sem sequer imaginarem a agonia que provocam. Uma fração de segundos. Mayra espicha o pescoço e nada. Só vê corredor e um berimbau dependurado na parede. Qual delas será a namorada do

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

seu cantor? O ciúme suplanta a curiosidade. Morde os lábios, sente a boca amargar. Será a loirinha baixinha? Deve ser a morena alta, ou a outra, de cabelos castanhos e short curto. Desassossego. Pensa em bater lá, à noitinha, quando estiver sozinho. Pedir algo emprestado. Uma xícara de açúcar, quem sabe... Muda a pauta O arranjo é muito antigo. Pedir canequinha de mantimento emprestado a vizinho está em desuso. Teme o vexame.

Sobe as escadas ofegante. Atrasou-se no trabalho, a colega a prendeu no ponto com suas lástimas costumeiras, o ônibus lotado... Mayra chega ainda em tempo de ouvir os primeiros acordes do violão.

*“... você é linda, mais que demais, você é linda sim.
Onda do mar, do amor que bateu em mim...”*

Entra em casa mecanicamente, guiada quase pela audição. Joga-se no sofá, sem pensar em banho e lanche, envolvida naquele momento ímpar de excitação. *“... vem que eu te quero todo meu...”* Cerra os olhos e desfruta de cada verso. Enlevada, acha-se musa, venerada pelo seu seresteiro vespertino. E ele vem esbelto e moreno. Com seus toques mágicos e suas carícias compassadas, vai explorando sem pudores, como na visita anterior. Mayra esvai-se em frenesis múltiplos. A voz longe... Longe... *“...”* Ainda entorpecida, o vê saindo com o semblante saciado de quem sabe o bem que causou. Levanta-se abruptamente. Decomposta e despenteada vai atrás. Precisa falar-lhe, não vai deixá-lo fugir desta vez. Passa veloz pelo corredor. Empurra a porta do 302 e entra impulsivamente, atraída pelo ímã melódico. Segue a voz que canta e o violão que toca, cada vez mais perto...

Pára, no centro da sala. Aos poucos, toma ciência do ambiente que invadiu. Estantes empanturradas de discos de vinil empoeirados, capas envelhecidas, muitos, milhares, incalculáveis. Um toca-disco Gradiente, tipo três-em-um e duas caixas acústicas

POESIA, CONTO E CRÔNICA

enormes. Espalhadas sobre a mesa, revistas com letras de músicas e cifras para violão. Dessas, que vendem em bancas de jornal. Dois violões e um cavaquinho encostados no canto, completam o recinto harmoniosamente desorganizado. Sentado no sofá de listras vermelhas, um homem empunha o violão. Gordo, calvo, de fartas e rosadas bochechas. No chão, uma menina ainda de colo, chupeta na boca, ergue os bracinhos, regida pela música. Ele tem um leve sobressalto com a aparição repentina. Interrompe o canto, mãos estacionadas sobre o instrumento. Olham-se, buscando as palavras, procurando o tom adequado. Impacto desconcertante. Tem um buraco no chão, que só Mayra enxerga e parece pronto para sugá-la a qualquer momento.

Vem chegando uma senhora, sacolas de supermercado nas mãos, semblante suado e cansado:

–Ainda tocando esse violão, homem! Por que não foi passear com a sua neta? Só enfiado dentro de casa! Não vai querer dar aulas de violão para a menina, como faz com seus netos maiores – e voltando-se para a criança, mais paciente. –Vovó trouxe o seu iogurte, querida.

Vai guardar as compras na cozinha Com as idéias dissonantes, a vizinha intrusa procura arranjar as palavras:

–A porta... Estava aberta. Eu ouvi a música... Eu... Moro no 301. Eu... Gosto muito de música...



XXXII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA, CRÔNICA e CONTO

33ª Edição

Santa Maria
2010

99

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

XXXIII Concurso Literário Felipe D'Oliveira

Edição 2010

César Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

Paulo Airton Denardin
Presidente da Câmara de Vereadores

Iara Regina Becker Druzian
Secretária de Município da Cultura
Coordenador Geral do Concurso

Rosangela Rechia
Dirigente de Grupo da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Equipe de Apoio:
Carlos Cavalheiro e Elizandra Quevedo

Participaram da XXXIII Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de **373** trabalhos provenientes de cerca de **treze** Estados Brasileiros: RS, SC, PR, SP, RJ, MG, BA, AL, PE, AC, MS, GO, PA e DF, assim distribuídos: **171** Poesias, **114** Contos, **88** Crônicas.

**XXXIII Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Poesia

COMISSÃO JULGADORA:

Evandro Caldeira - ASL
Eni Celidonio - UFSM
Luciana Montemezzo – UFSM

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Ida

Lueluí Aparecida de Andrade - Bauru – SP

2º Lugar:

Poesia Contemporânea

Lucas Jerzy Portela Silva - Salvador – BA

3º Lugar:

Alegorias

José Antonio de Souza Neto - Belém - PA

Premio Incentivo Local:

Pessoalmente a Clarice: um poema de conversa ...

Larissa Daiane Pujol Corsino dos Santos - Santa Maria - RS

Menção Honrosa:

1º Menção:

Canção cardíaca

Jaisson Oliveira da Silva – Santa Maria – RS

2º Menção:

A Biblioteca fala ao homem

Sérgio Bernardo - Nova Friburgo – RJ

Lueluí Aparecida de Andrade - Bauru - SP/ **1º Lugar**

Ida

ele indo embora
no gerúndio
eu sentida
no particípio, partida
ele dizendo voltaria
futuro incerto
eu cobrando então
no imperativo:
“Bumerangue!”

Lucas Jerzy Portela Silva - Salvador - BA / **2º Lugar**

Poesia Contemporânea

A palavra
solta
é a ordem
do dia

Versos
com frases
inteiras
não enchem
barriga

Uma palavra
apenas
por verso
(o verso
é o prato
e a palavra
comida):
os poetas
estão de dieta.

José Antônio de Suza Neto - Belém – PA / **3º Lugar**

ALEGORIAS

Pegar o suspiro grudado na página
torcer até as entrelinhas para ver o sumo
alquebrar o ambiente da tinta derramada
retirar do branco o espaço preenchido
fundir os olhos no afã da obra
cuspir a saliva grudada nas palavras
cerzir as palavras para preencher o nada
anular os sonhos para progredir o senso
extirpar a membrana de lábios e desejos
transformar o extenso em intenso
cortar, cortar, até restar somente a penugem
do que foi ou do que poderia, sem ser
continuar até a exaustão, derramando-se
por sobre a folha, por sobre os olhares
até a seiva preciosa pronunciar-se poema!

Pessoalmente a Clarice: um poema de conversa...

Distorcidas páginas manuscritas
a bege maquiagem e os olhos turvos
misturam-se o álcool perfumem
o álcool remédio
álcool transição

Nossas vestes femininas
tua boca traçada e poema
meu sentimento esquema
o espelho contrário das roupas íntimas

Pensar é teu ódio
sei e te procuro porque sabes
as conquistas em contramão. Observamo-nos,
o testemunho litígio dos nossos dissabores
a face esculpida por antônimos
a feição entendida por sinônimos

Alento e olor são tuas palavras
sussurradas e surradas de sentimento.
O tripé contingente em ambas
defeito perigoso destruído em nossa planta
perpetuam-se os platônicos enredos
nas figuras sépias dos nossos álbuns viris

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Sem cerne, nosso dístico ainda planeja o furor feminil
pela falta desta dureza em nosso regaço
impossível encontrá-los, homens, na virtude do nosso pó

As tuas celeumas narrativas conselheiras
infortúnio traço divisório da coragem
(entre o grito e o maligno silêncio)
oblitera-se a mão amiga nos desvios da incessante busca.
reformula-se a página semelhante
entre as riscas do descrito atavio e as espirais perguntas
sem respostas.

Uma carta, amiga poeta
sei e te procuro porque me ajudarás a saber;
retiro os olhos do instinto sonolento de pensar
(vistas a atuar nas emoções eternas)
diferente do corpo-matéria que me instrui o medo.
Admiradas, esperamos o edificado fátuo dos nossos homens
— Ironicamente dedicadas — mas são estes que desejamos!

Circular solidão do anel de Saturno
dar a volta por cima,
em cima da esteira giratória dos erros taciturnos
perigo que me indicas tu, poeta
a ânsia de acertar,
(a correção das minhas verdades).
Nesse obediente papel de ser,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

confesso-te, eu só posso sentir
e pior, sentir sem coragem...

Quiçá nesse sucumbo contato eu o toque
entre os corpos antônimos, os sinônimos
tu gritas e pedes para eu gritar novamente
a vogal primeira do surto sabor amargo do impossível
zênite encontrado em nossa verve!

Encontrar-nos em vezo nessa dissimulação mutante
os caleidoscópios a nos criarem figuras indeléveis
múltiplas vozes confundem o apreciado modo de viver

Solilóquio. As palavras dissolvidas neste meu curto espaço
e são muitas dentro de mim, poeta..
São as tintas jorradadas em telas registradas antigamente
conversas para os ouvidos destas paredes
certamente não sou eu. É o meu ambiente.

,Nas palavras o teu domínio sobre o mundo, caríssima poeta
resumo-me na cala desse sôfrego entendimento
obrigas-me a respeitar-me e a não perturbar minha infinidade
sei que sou menor que este vórtice descoberto em mim
planos derrocados para me alcançar.

Esses teus olhos no peso da lembrança
desconhecemos os próprios mistérios
encobrimos nossos segredos nos mistérios alheios

POESIA, CONTO E CRÔNICA

semelhamo-nos aos seus enigmas
por complicar a solução de si mesma.

Rendo-me às tuas palavras, estimada poeta,
sem procurar entender, apenas viver o novo
(ou o novamente).

Criou-se o impossível, logo sou
das faces maquiladas ou amanhecidas,
o “quase tudo” nas procelas do corpo feminino
toque de fina textura em nossas sedas
as palavras alinhavadas nas agulhas das semelhanças.
Para ti, cosemos as perguntas sem buscar sê-las
a sina rudimentar de conseguirmos viver sempre apesar de.

Despeço-me.

Jaisson Oliveira da Silva - Santa Maria - RS / **1ª Menção**

Canção cardíaca

Meu coração é uma colchinha velha
costurada pelas mãos de uma senhorinha.
Quando ele bate, as tábuas da casa tremem
e os ouvidos do mundo doem.

Um dia foi ao cesto de retalhos
mas cantiga de amor vira cordel.
E assim ele foi se fazendo
pandorga esperta a revirar as brisas.

Ele é um modesto e casto
e traz nas costas um bosquejo de mundo
feito as risco de tijolo quebrado.

Ele é venturoso destempero
e sabe contar o tempo: tique-taque, tique-taque
entre o espaço de cada beijo extasiado.

Sérgio Bernardo - Nova Friburgo - RJ / 2ª Menção

A biblioteca fala ao Homem

Não me calo nem apenas monologo:
há em mim prateleiras de diálogos
entre livro e leitor.

Sou como ponte unindo as margens
de pensamentos ora gêmeos,
ora antagônicos.

Dentro de mim cada autor compõe
uma sinfonia única de palavras:
música ouvida em silêncio,
orquestrada pelas páginas viradas.

Sou como o dia inaugurando o sol
num cérebro às escuras.
E ofereço todas as possibilidades:
dou sonho ao sonhador,
instruo o que tem sede de conhecimento.

Onde quer que eu exista,
nada sonego a quem me busca.

Parecem dormir os livros nas minhas estantes,
mas os livros não dormem nas estantes:
estão em posição de espera
das mãos que o irão folhear

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

como as que colhem diamantes
nas profundezas das minas.

Eles esperam com paciência
Pelos olhos que dentro deles percorrerão
caminhos de palavras, linha a linha.
São caminhos sonhando horizontes:
levam a mundos de idéias inéditas
que inauguram a claridade.

Nos meus livros não há inutilidade.
Mesmo que semeiem discordância,
terão construído universos.

Nunca houve em minha floresta de estantes
Um cemitério de árvores:
eu sou organismo vivo
no ritmo dos empréstimos,
no movimento das folhas sobre as mesas.
E se peço silêncio
é porque há vozes ocultas em trânsito
nas veredas dos textos.

Quando em mim você entra
com o pensamento cheio de perguntas
jamais me calo:
respondo com papeais falando
pela língua das letras.

**XXXIII Concurso Literário
Felippe D'Oliveira**

Crônica

COMISSÃO JULGADORA:

Maria Margareth Garcia Vieira - ASL

Andrea Reginatto - FAMES

Marta Lia Genro Appel - UNIFRA

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados:

1º Lugar:

Um mancebo no canto do quarto
José Carlos Santos Peres - Avaré – SP

2º Lugar:

A Travessia
Luiz Carlos Nascimento da Rosa - Santa Maria – RS

3º Lugar:

Feliz Aniversário é o que me desejo
Afif Jorge Simões Neto - Santa Maria- RS

Prêmio Incentivo Local:

A Travessia
Luiz Carlos Nascimento da Rosa- Santa Maria- RS

Menção Honrosa:

1ª Menção:

Só tu e eu
Afif Jorge Simões Neto - Santa Maria – RS

2ª Menção:

A mulher no metrô da Luz
Luna Villas-Bôas Lobão - Valinhos – SP

3ª Menção:

Um homem amparado
Fabricio Pires Fortes - Curitiba – PR

UM MANCEBO NO CANTO DO QUARTO

Dos fragmentos da memória, o quarto dos meus pais: pé-direito a se perder, cortinas pesadas, janelões abrindo-se ao átrio, onde minha mãe insistia com açucenas e folhagens em tons escarlates com finos frisos em azeviches. Na parede, alguns santos, com destaque para São José, conduzindo-se num cajado, arrastando um burrinho com a Santa em vestes fluídicas, véu de ombros e um olhar de paciência, beleza e bondade; na mesa-de-canto o castiçal, a Bíblia, o copo e o jarro; um arranjo com lírio pubescente e o despertador entrando pelas portas das madrugadas.

Não freqüentávamos o cômodo com regularidade. Havia proibição tácita, entendimento de que aquele espaço era único e sagrado. A porta - duas folhas, construída em madeira num verde-cansado, sempre fechada.

Só íamos ao quarto, quando a mãe “caia de cama” pela enxaqueca que sempre a perseguia. Ficávamos por ali, sentados no colchão com painas, compartilhando de sua angústia... O olhar curioso buscando os espaços:

Na luz morta, que a cortina filtrava a poeira em turbilhonamento, ganhava pontinhos multicoloridos e os olhos da Santa de vestes fluídicas brilhavam na réstia luminosa, apaixonadamente belos, delicadamente sedutores...

Sabíamos dos fantasmas que dormiam pelos cantos, por detrás da cômoda de muitas gavetas, do pesado guarda-roupa com seus pegadores em porcelanas. E no canto mais escuro, um mancebo

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

recolhia em seus braços a capa, o guarda-chuva e o chapéu em feltro marrom, consolidando a ausência-presente do Pai.

Era possível saber dos fantasmas caminhando pelas paredes, ao longo da passadeira pelo interminável corredor, quando a madrugada se debruçava com seus grilos e ruídos calados pela janela do nosso quarto...

Lembro-me, nesta quase noite, observando as folhagens acomodando-se ao vento gelado, de um tempo que me parece tão distante, irremediavelmente perdido nas dobras geométricas dos cobertores, que as mãos pacientes de minha mãe produziam... Lembro-me do candelabro de muitas velas sobre a toalha branca em rendas; da cristaleira com seus copos e taças, só usados quando Diamantino vinha para saber de suas colheitas e de seus bois...

Lembro-me, e a memória busca esse sítio motivada que está pela compra que fiz nesta manhã: um mancebo para o meu quarto... Coloquei-o ao lado da sapateira, experimentei-o pelos cantos, sem encontrar um espaço escuro que o pudesse acomodar. Um mancebo! Antigo sonho de consumo, como objeto de resgate de um tempo que não se realiza mais. Ei-lo! Desajeitado, sem a personalidade daquele, sem aquela grandeza e serventia... Nada tenho para pendurar em seus braços, a não ser a dor da saudade.

Gostaria de vê-lo com o chapéu em feltro marrom do Pai, sobre tábuas envernizadas daquele ambiente escuro, misterioso e acolhedor... Mas meu quarto é asséptico, não permite ao sol colorir grãos de poeira, não preserva fantasmas e não se fecha nunca, porque nada de misterioso conserva em suas paredes frias.

Fico com o mancebo, vazio e sem serventia... Mas não renego a compra, pois bem sei que numa próxima oportunidade trocarei o quadro com mulher nua que encima da minha cama de casal por um outro, um que tenha o olhar doce e enigmático de uma Santa, em véu de ombros, sobre um burrinho conduzido por um cajado.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

seu magnífico planetário e, por que não, borboletear pelo calçadão da Bozzano?

Ao falar em chegada, lembro-me que, naquela época, era difícil chegar à Santinha de avião. Avião, para nós pobres mortais, era a menina que flanava macio pela “Primeira Quadra da Bozzano. O acesso a Santa Maria era muito mais lírico. Rasgávamos os morros da “Boca do Monte” de trem. A velha viação férrea era um “baita” ponto de encontro para quem ia e vinha. Como a passagem do tempo era outra e nosso tempo dentro do velho trem era enorme, para se chegar a qualquer destino, o trenzinho transformava-se num excelente lugar para arrumar namoro. Nosso trem não possuía a velocidade de uma flecha, mas configurava-se como um maravilhoso cupido.

Neste perene fluir entre o passado e o presente, eu posso afirmar que a Santinha da “Boca do Monte”, cravou em meu ser marcas culturais e, infelizmente, físicas. Aqui, com a mediação da UFSM, fui capaz de me apropriar de um conhecimento profissional. Como consequência, tive solenidade de formatura e todas suas decorrências. Como manda o protocolo, muitas coisas de grã-fino tive de fazer uso na época: sapato de bico fino(moderníssimo para aquele tempo), terno e gravata. Baile de formatura. Noite de Gala no Clube Comercial. Casaco, gravata, camisa social e calça social foram todas peças emprestadas com diferentes amigos para o sonhado baile.

Foi histórico o dia, foi linda a formatura e maravilhoso o baile. Como tinha que ser, alguma coisa necessariamente não poderia dar certo. E infelizmente não deu. Como nunca tinha usado “sapato de bico fino” (desculpem novamente o trocadilho, eu não era um jovem fino), a partir da metade do baile o tal sapato, como estava

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

num pé que até então lhe era muito estranho, começou a apertar e, pela euforia da noite e insistência na dança, gerou um magnífico calo que, apesar da passagem do tempo, teima fazer-me companhia nesta, por que não dizer, maravilhosa travessia da vida.

Nunca esquentei a cabeça com o tal calo, muito pelo contrário, ele se transformou em um marco das mudanças de rumo que dei para minha vida, e para as formas de ver a condição do humano se transformando no devir do mundo e fazendo História. Como construí uma relação afetiva, denominei de “Nicanor” esse colega de viagem!

Santa Maria mudou. Santa Maria se modernizou. Completou, orgulhosamente, seus cento e cinquenta e dois anos. Eu mudei. De um menino que desfrutava o ambiente bucólico de Tupã e sonhava com uma formação profissional, construí meus fazeres e saberes profissionais através da luta árdua, mas prazerosa, com o conhecimento. Mudaram as formas de comunicação e as formas como as pessoas se relacionam afetiva e romanticamente. Não uso terno e, provavelmente, jamais usarei sapato de “bico fino”. Uso internet e telefone celular. Garimpando palavras para construir ideias, hoje volto a ser um menino travesso, pois sou capaz de esgravatar os porões da alma humana, para fazer de seus medos e alegrias alguns motes para compor versos.

Tudo muda o tempo todo, diria o grande Heráclito de Éfeso. Santa Maria mudou, eu mudei e mudaram as pessoas que configuram o coletivo da alma humana da “Santinha da Boca do Monte”.

Hoje em dia, não existe mais a chamada quarta-feira do sofá. Não podemos mais nem dizer para um amigo que ainda não se deu conta de algo que não poderia ter feito, como se dizia em outros tempos: “meu camarada não te caiu a fixa?” Não existe mais a velha CRT e

POESIA, CONTO E CRÔNICA

seus orelhões movidos a fixas. Hoje nos comunicamos com o uso do cartão. Não temos cinemas de calçada, o sapato da moda possui “bico” quadrado e, nossas vidas no mundo das trocas econômicas são governadas pelos moderníssimos códigos de barra. Bailes, pelo que sei, só ocorrem para pessoas da “melhor idade”. A rapaziada se encontra e beija na boca nas infindas “baladas” que a noite santamariense propicia.

As linhas férreas continuam cravadas nos caminhos que chegam e saem de Santa Maria. Os trens transportam cargas, mas não carregam gente para apreciar o quão magnífica é nossa geografia. As casas dos ferroviários viraram “Vila Belga” e a velha estação virou “Gare” e transformaram-se em patrimônio histórico de nossa cidade, sendo a atual sede da Secretaria da Cultura.

Hoje temos “linhas aéreas” e, portanto, podemos fazer “ponte aérea” com as metrópoles do país. Não temos trem para subir o Perau, mas a revitalizamos para continuarmos descortinando a beleza de nossa “Boca do Monte”, a partir de uma visão privilegiada. Nossos morros continuam estéticos e sedutores. Modernizamos-nos, mas com carinho e lirismo queremos continuar contribuindo para compreendermos e aprimorarmos nossa cidade e nosso tempo.

A TRAVESSIA

O grande pensador grego, Heráclito de Éfeso (séc. V a. C), ao defender que as coisas do mundo estavam em permanente estado de transformação, afirmava: não é possível entrar duas vezes na mesma água do rio, nem tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; pela velocidade do movimento, tudo se dispersa e se recompõe novamente, tudo vem e vai.

Quando olhamos pelas frestas do tempo neste perene fluir da História, podemos vislumbrar que, entre o passado e o presente, são nossos passos e nossas escolhas na vida que definirão que caminho e que futuro construiremos, para nossas diferentes formas de manifestação da nossa condição humana. Com Heráclito, podemos afirmar que a condição humana é fluídica, mas são os caminhos que escolhemos nas infinitas encruzilhadas com que nos deparamos, que definirão quem, provisoriamente, nos tornaremos.

Lembrei disso quando me detive a pensar no quando, como e por que aportei minha vida na instigante e maravilhosa “Santinha da Boca do Monte”. Primeiro, diria que, infintos desejos e sonhos mobilizavam minh’alma irrequieta e juvenil; segundo, o conhecimento que a Universidade Federal de Santa Maria poderia me propiciar seria a princípio, desculpem o trocadilho, o fim.

Três décadas até então é o tempo que respiro, desfruto, vivo e tenho reinventado meus desejos e sonhos entre esses estéticos e sedutores morros que circunscrevem a bela geografia de nossa Santa Maria. Fincar meus pés neste lado da velha “Garganta do Diabo” não foi produto do destino. Foi e está sendo um longo

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

processo de buscas, inovações e superações.

Quando aqui cheguei, não existia shopping center, não existia celular, e internet se configurava como coisa de filme de ficção científica. Para nos comunicarmos com a família ou com a amadinha que ficara distante, ou recorriamos à velha e saudosa cartinha dos correios e telégrafos, ou tínhamos que encarar uma fila de espera para utilizar as cabines telefônicas da antiga e boa Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT).

No final da década de setenta e início dos anos oitenta, em Santa Maria, os jovens casais não tinham o costume ou hábito de “ficar”. Muitas vezes com a aquiescência do papai e da mamãe, outras vezes às escondidas, a rapaziada namorava.

Namorava-se na Praça Saldanha Marinho, “Saturnino de Brito”, na “Primeira Quadra da Bozzano” e, acreditem se quiserem, nos cinemas “Imperial” (pejorativamente chamado de “O pulguinha”), no “Independência”, no “Glória” e, por último, no também saudoso “Glorinha”. Tempos em que quarta-feira, para os casais de enamorados, era dia do “sofá” e beijo na boca constituía-se sinal de compromisso e aprofundamento de romance.

Hoje, não existe mais nenhum cinema de calçada em nossa “Santinha da Boca do Monte”. Namoro é coisa de “dinossauro” e a garotada está mais preocupada em contar o número de bocas que beija do que saber o nome de quem vai ser beijado. Isto é, a “parada” hoje é ficar. Sem falar que a gurizada se comunica, acreditem se quiserem, novamente, em três segundos através do celular e arrumam namoro e namoram através do meio virtual, isto é, pela internet.

Santa Maria possui hoje vários shoppings center, sendo que as modernas “Casas de Cinemas”, juntamente com as moderníssimas

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

“praças de alimentações”, ficam neles localizados.

Depois do cinema, nos idos de oitenta, fazíamos lanche na confeitaria “Copa cabana”, na padaria “Chave de Ouro”, no “Gato Preto” e “café Cristal”. Eram escassas as nossas possibilidades e infintos nossos projetos e sonhos.

Vários lugares eram obrigatórios ir para quem chegava para ficar ou estava de passagem em Santa Maria: à Basílica da Medianeira, aos cinemas da cidade, passear pela UFSM e se deslumbrar com seu magnífico planetário e, por que não, borboletear pelo calçadão da Bozzano?

Ao falar em chegada, lembro-me que, naquela época, era difícil chegar à Santinha de avião. Avião, para nós pobres mortais, era a menina que flanava macio pela “Primeira Quadra da Bozzano. O acesso a Santa Maria era muito mais lírico. Rasgávamos os morros da “Boca do Monte” de trem. A velha viação férrea era um “baita” ponto de encontro para quem ia e vinha. Como a passagem do tempo era outra e nosso tempo dentro do velho trem era enorme, para se chegar a qualquer destino, o trenzinho transformava-se num excelente lugar para arrumar namoro. Nosso trem não possuía a velocidade de uma flecha, mas configurava-se como um maravilhoso cupido.

Neste perene fluir entre o passado e o presente, eu posso afirmar que a Santinha da “Boca do Monte”, cravou em meu ser marcas culturais e, infelizmente, físicas. Aqui, com a mediação da UFSM, fui capaz de me apropriar de um conhecimento profissional. Como consequência, tive solenidade de formatura e todas suas decorrências. Como manda o protocolo, muitas coisas de grã-fino tive de fazer uso na época: sapato de bico fino(moderníssimo para aquele tempo), terno e gravata. Baile de formatura. Noite de Gala

POESIA, CONTO E CRÔNICA

no Clube Comercial. Casaco, gravata, camisa social e calça social foram todas peças emprestadas com diferentes amigos para o sonhado baile.

Foi histórico o dia, foi linda a formatura e maravilhoso o baile. Como tinha que ser, alguma coisa necessariamente não poderia dar certo. E infelizmente não deu. Como nunca tinha usado “sapato de bico fino” (desculpem novamente o trocadilho, eu não era um jovem fino), a partir da metade do baile o tal sapato, como estava num pé que até então lhe era muito estranho, começou a apertar e, pela euforia da noite e insistência na dança, gerou um magnífico calo que, apesar da passagem do tempo, teima fazer-me companhia nesta, por que não dizer, maravilhosa travessia da vida.

Nunca esquentei a cabeça com o tal calo, muito pelo contrário, ele se transformou em um marco das mudanças de rumo que dei para minha vida, e para as formas de ver a condição do humano se transformando no devir do mundo e fazendo História. Como construí uma relação afetiva, denominei de “Nicanor” esse colega de viagem!

Santa Maria mudou. Santa Maria se modernizou. Completou, orgulhosamente, seus cento e cinquenta e dois anos. Eu mudei. De um menino que desfrutava o ambiente bucólico de Tupã e sonhava com uma formação profissional, construí meus fazeres e saberes profissionais através da luta árdua, mas prazerosa, com o conhecimento. Mudaram as formas de comunicação e as formas como as pessoas se relacionam afetiva e romanticamente.

Não uso terno e, provavelmente, jamais usarei sapato de “bico fino”. Uso internet e telefone celular. Garimpando palavras para construir ideias, hoje volto a ser um menino travesso, pois sou capaz de esgravatar os porões da alma humana, para fazer de seus

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

medos e alegrias alguns motes para compor versos.

Tudo muda o tempo todo, diria o grande Heráclito de Éfeso. Santa Maria mudou, eu mudei e mudaram as pessoas que configuram o coletivo da alma humana da “Santinha da Boca do Monte”.

Hoje em dia, não existe mais a chamada quarta-feira do sofá. Não podemos mais nem dizer para um amigo que ainda não se deu conta de algo que não poderia ter feito, como se dizia em outros tempos: “meu camarada não te caiu a fixa?” Não existe mais a velha CRT e seus orelhões movidos a fixas. Hoje nos comunicamos com o uso do cartão. Não temos cinemas de calçada, o sapato da moda possui “bico” quadrado e, nossas vidas no mundo das trocas econômicas são governadas pelos moderníssimos códigos de barra. Bailes, pelo que sei, só ocorrem para pessoas da “melhor idade”. A rapaziada se encontra e beija na boca nas infindas “baladas” que a noite santamariense propicia.

As linhas férreas continuam cravadas nos caminhos que chegam e saem de Santa Maria. Os trens transportam cargas, mas não carregam gente para apreciar o quão magnífica é nossa geografia. As casas dos ferroviários viraram “Vila Belga” e a velha estação virou “Gare” e transformaram-se em patrimônio histórico de nossa cidade, sendo a atual sede da Secretaria da Cultura.

Hoje temos “linhas aéreas” e, portanto, podemos fazer “ponte aérea” com as metrópoles do país. Não temos trem para subir o Perau, mas a revitalizamos para continuarmos descortinando a beleza de nossa “Boca do Monte”, a partir de uma visão privilegiada. Nossos morros continuam estéticos e sedutores. Modernizamos-nos, mas com carinho e lirismo queremos continuar contribuindo para compreendermos e aprimorarmos nossa cidade e nosso tempo.

FELIZ ANIVERSÁRIO É O QUE ME DESEJO

Recebi cumprimentos pelo meu meio século de vida, fechado no dia 12 de março último. Algumas pessoas me disseram que estou na melhor fase, na flor da idade, e que a parte boa começou agora. Outras, que considero mais sensatas, sentiram muito. Não tenho a utopia como minha praia. Herdei uma lucidez que tanto me fere. Seria leve sem o seu fantasma agourento. Trago comigo a certeza de que gostaria de receber de presente de aniversário uns 20 anos a menos. Já que não posso dispor de tão formoso regalo físico, queria sonhar, ainda que acordado, olhos postos no poente encarnado. Alguns sonhos fortuitos, como comprar uma casa no Mediterrâneo, para veraneio, ou alguma escapada para esquiar nos Alpes suíços. De preferência sozinho, ou melhor, eu e Deus, pois a minha insanidade não chegou ao ponto de dispensá-lo, sendo Ele a mais agradável das companhias, certamente com histórias do arco da velha para contar aos ouvintes.

Mente, quem ao buscar um filho no colégio, na aula de violão, não teve o súbito desejo de dobrar na rua oposta e alinhar, picar a mula, e voltar depois de um mês bem cheio no calendário, daqueles de 31 dias e algumas sobras. A explicação seria que, deitado na areia branca de Bombinhas, tomando uma água de coco, a memória voltou, sem mais nem menos, como voltam as garrafas com mensagens atiradas ao mar. A amnésia passou e já sei quem sou, uma mistura aflita de poesia e perversão. Volveria para as

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

afeições que me cercam corroído de saudade, e tudo se faria inteligível.

Acontece, meu amigo, que a realidade é fera que não se doma. Nem me separando retornaria a ser o mesmo que fui quando era por inteiro. Faz tempo que me tornei organicamente desigual, impregnado pelo rolar das pedras que afetou o número de mitocôndrias nas minhas células. Até o DNA mostra-se diferente. Sou abençoado, tenho um casal de filhos que superou em muito a minha expectativa, e uma pacata transmutação farta de benevolências. Mas, cá entre nós, nunca fui tão feliz, de quando o nosso time estava completo lá na casa branca da Emídio Jaime. Aquilo é que era bom, aquilo é que era vida. As minhas irmãs jogando handebol entre o portão e a garagem, e eu embasbacado com o rumor da minha 125 vermelha, derradeiro brinde da vó Elvira. Daria vários e vários meses dos que tivesse eventualmente pela frente, pelo retorno do meu pai nem que fosse apenas uma semana, se possível com a Diraci a tiracolo. E também daria um braço, uma perna, qualquer pedaço do corpo, a escolher, para que jamais me despedisse da minha mãe. Trago comigo a certeza de que somos bem mais do que uma família, talvez uma “Loja Maçônica 1014”, um tipo de seita a ser definida pelos doutores, algo assim!

Mas o tempo urge e ruge — como todo animal selvagem aprisionado —, e a argila que nos modelou lá atrás, vai se esfarinhando aos poucos, para que a gente não se assuste tanto da sua pressa incontida de virar pó. Não há sequer espaços dentro de mim para divagações acerca do imaterial, pois o relógio da catedral não cede aos meus apelos de girar ao contrário.

Tenho dado risadas de tudo, principalmente de mim, do meu jeito inútil de querer andar no trilho. Acho que é a maior prova de



POESIA, CONTO E CRÔNICA

maturidade que possa oferecer. Rir das bobagens que pratico no varejo, com um riso tão infantil que já estaria penitenciado. A essa altura do jogo, tenho o dever constitucional de saber que o pior de todos os pecados é o de se adiar uma alegria.



SÓ TU E EU

Tenho contabilizado horas de voo a transportar esta minha fuselagem carnal pra lá e pra cá, desorientado, como quem carrega o filho padecido à procura de um posto de saúde. Com ela, períodos atrás, subia serras que pareciam tocar seus galhos na soleira do céu. Atravessava pequenos rios que ainda davam vau e descia bravas encostas, sem sequer perguntar o que estava achando da travessia.

O meu corpo, quando moço, era pleno de viço e vaidade. Tinha fôlego de maratonista. Braços em incansável préstimo aos outros da mesma espécie, e pernas que, resolutas, buscaram amores desviados de sua rotina vulgar. Uma cabeça que eu não diria lúcida, mas complacente com a turbulência, e um tórax descarnado, muito próprio de quem viveu escondido na timidez.

O meu corpo, quando moço, tinha veias e artérias assemelhadas ao desenho de arroios interioranos, por onde o sangue novo desfilava todo o seu ímpeto de cavaleiro medieval. Nos olhos vívidos, um cenário de primaveras enfloradas, quando a vida ainda era uma paisagem de aurora, musicada pelo riso sinfônico dos canarinhos da terra.

É claro que a gente não envelhece tão depressa assim, entre um jantar e o café da manhã do dia seguinte. Mas tenho notado que o meu corpo já não é mais o mesmo, quando se acalma dentro de mim a cada sono que empeça. As constantes viagens estão deixando-o afônico, em dispnéia, embora resista em admitir a chegada da maresia que vai apodrecendo máquina, casco e convés.

A propósito, a linhagem racional a qual pertencço clama não é de hoje por uma CPI contra o Criador. O intento dos meus pares

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

é investigar a fundo a ação omissiva Dele, que nada fez para impedir que os dias roubassem descaradamente o nosso tônus muscular, nosso colágeno, os cabelos e até um pouco da gana de viver, a cada despedida na estação.

Sinto que se aproxima o momento em que a carcaça vai me abandonar, exaurida e febril em razão do sofrimento tirano que lhe impus no verdor dos anos. E na minha opaca lembrança do que serei depois, restarão algumas imagens reveladas pela fotografia esmaecida de um tempo imemorial.

Na partilha dos haveres, não terei mais nada a oferecer-te, oh, Deus, afora estes pedaços meus sobrados do naufrágio. Tu me fizeste assim, uma inquieta biruta a desviar-se das rotas da ventania, e eu sou, tão-somente, um rascunho em papel de pão do que fui quando era inteiro.

Ah, corpo velho de ternas lembranças, agora sei por que andas arredio comigo, com cara de enfado, e uma importuna vontade de se aprontar para o salto mortal. É chegada a hora do retorno ao colo úmido da terra, abrigo virginal e morno de todos os teus iguais de pele, ossos, fadigadas carnes e vísceras.

Varando estradas, em virações sentidas, vai o meu corpo, adulterado e melancólico. Do Arpoador à Sierra Maestra, com cantos vagos, seguimos nós. Bem no final, por entre nuvens ou arrebóis, só tu e eu...

A mulher no metrô da Luz

- Cá entre nós, você já sabia, não?

Ele parou de andar. Virou-se para ela, ainda sem acreditar no que havia escutado. Olhou-a ali, sentada absurdamente confortável para um momento daqueles. O rabo de cavalo de sempre, a blusa em tons vermelhos, jeans. Ali estava ela, calma e sincera. Era isso que o havia encantado desde o primeiro instante, essa facilidade de dizer o que pensa, sem se importar. Sem se importar demais. Ela nunca se importou: “Tudo nessa vida passa”. Frase ridícula. Algumas coisas não passam. É assim, algumas coisas na vida entram, e se fixam em algum lugar de nós e simplesmente não passam. Mas nela não; tudo acabava, com a mesma facilidade que um dia começou.

Ela suspirou pelo silêncio, pegou a bolsa no chão e procurou rapidamente algo. Tirou a caixa de metal de cigarrilhas, um isqueiro prata que ele havia dado de aniversário. Acendeu, tragou, soltou e olhou de perto para a ponta da cigarrilha.

- Essa é a melhor de todas. Sente só esse cheiro...

Era mesmo inacreditável. A facilidade com que ela levava a vida, a simplicidade dos fatos. Ele sabia de cor o discurso: que a de baunilha era enjoativa, que a tradicional era muito masculina, mas que a de café, era fantástica. Quantas e quantas horas passaram fumando juntos, na varanda, fim de tarde de quinta feira, quando nenhum dos dois trabalhava depois das sete. Falavam sobre nada. Sobre os sonhos, sobre a conta de luz alta, sobre uma possível ida

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

à praia no feriado. E ela sempre começava o diálogo com o discurso da cigarrilha.

Sem tirar os olhos dela, ele resolveu sentar na poltrona da frente. Ficaram em silêncio até ela terminar de fumar. Ela o olhou sem muito interesse, levantou e foi até a cozinha. Voltou com dois pratos, cada um com uma fatia de pão de forma, sem as cascas, um patê de atum mal colocado e um café requentado. Ela nunca se dava ao trabalho de fazer café. Se ele não fizesse logo pela manhã, ela tomava o do dia anterior, reclamava, fazia cara feia, e ia para o trabalho como se, por acaso, tivesse perdido um botão.

— Custa muito para você fazer o café um dia? Hein?

— Ora, mas eu não me importo de tomar requentado...

— Como não? Sempre reclama, faz cara feia... Você é assim... Você reclama e não faz nada para mudar. Com essa sua mania de achar que ninguém é importante além de você... Já parou para pensar que talvez eu me importe de tomar requentado?

— Então, faça você mesmo o café. Que coisa, você complica tudo...

— Não. Chama-se gentileza, morar com alguém, agradar ao outro. Não é complicado, é um café!

Já tinha açúcar e já estava mexido, e ela entregou a xícara como se aquilo fosse mais do que o necessário. Sentou-se novamente, bebeu com barulho e comeu a fatia deixando os cantos da boca sujos. Ele a olhou com nojo, sem demonstrá-lo. Tanta coisa nela o irritava há tanto tempo, e ainda assim não podia deixá-la ir. Não queria. Bebia um vinho, lia um livro, ouvia música para não escutar a cantoria durante o banho. Contratou uma faxineira, para não brigar mais pelo lixo. Olhou-a ali, toda suja, cheirando a cigarro, com aquela arrogância típica, aquela independência que

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

magoava, e sentiu até raiva dela. Do desleixo dela. Raiva do pensamento de que ele passaria logo, como tudo na vida. Raiva por saber que ele havia realmente passado.

— Bem, estava bom. A maionese era velha, estava no fim, mas... Comível, eu diria.

Limpou com a mão a boca e o olhou. Foi um olhar rápido, daqueles que precisa se mostrar como despreocupado. Viu-o ali, o fundo verde da parede deixando-o mais magro, mais parado, mais dependente. Sentiu uma certeza da decisão, certeza dos seus atos e pensou o que sempre pensava nessas horas “Tudo nessa vida passa”. Levantou-se resolvida, pegou as duas mochilas, avisou que Pedro voltaria para levar as caixas, mas que não se preocupasse, viria quando ele não estivesse em casa, assim não haveria constrangimentos. Sempre direta, sem enrolação, sem se preocupar em ser gentil. Destrancou a porta e se virou para vê-lo, para confirmar mais uma vez seus passos:

— Eu prefiro as de baunilha. Deixam o ar mais doce. Não sei, é como se a vida tivesse algo mais para nos dar.

Ele falou calmamente, como se não a quisesse magoar. Continuou sentado, a porta se fechou e, depois de um gole de café frio, ele suspirou e finalmente sorriu. No metrô que vai para Luz, ela chorou desesperadamente, molhando o vermelho e fazendo barulho. O rapaz a olhou, seco, e preferiu ir de pé a sentar-se ao seu lado.

UM HOMEM AMPARADO

É sempre a mãe quem me faz acordar. Tenho dificuldades com relógios despertadores. Sempre tive; já desde os primeiros anos de escola. É preciso que ela fale comigo em voz alterada, com aquele tom rude que os mais antigos da família costumavam usar. Então me levanto, um pouco irritado (odeio ter o sono interrompido). Também não gosto de escovar os dentes, fazer a barba, lavar as cuecas ainda embaixo do chuveiro. É preciso que a mãe seja irredutível, como sempre foi, para que eu me comporte não como menino, mas como um homem, um homem de verdade, como foram o pai, o avô e os tios.

A mãe me faz colocar um pouco de leite no café, e sempre me obriga a comer uma fruta nas primeiras horas da manhã. Me faz pentear o cabelo, usar camisas bem passadas e manter os sapatos razoavelmente lustrados. Me faz ser cuidadoso com o orçamento e nunca me deixa esquecer luzes acesas ou torneiras pingando. Nunca permite que eu me aproxime de mulher vulgar; diz que vai me ajudar a escolher uma verdadeira dama para companheira. Não sei o que seria de mim sem a mãe. Ela, com sua voz matriarcal e seu vestido verde-musgo, é quem me faz tomar as decisões acertadas; é quem me orienta sempre para o bom, o belo e o verdadeiro.

A mãe vai comigo para o trabalho, toma café entre as moças da recepção, me ajuda com os contratos e com os investimentos. A mãe senta comigo para o almoço, caminha ao meu lado pelo parque ao fim da tarde, faz comentários taxativos durante o telejornal e me obriga a dormir ao menos oito horas por noite. Aos domingos,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

acompanho a mãe até a igreja para missa e comunhão. Não que eu seja religioso ou coisa parecida; faço isso pela mãe. Ela realmente merece. Mesmo há tantos anos morta, nunca me faltou com dedicação.

**XXXIII Concurso Literário
Felippe D'Oliveira**

Conto

COMISSÃO JULGADORA:
Carla Mano - ASL
Silvana Schwab do Nascimento - UFSM
Vitor Otávio Biasoli-UFSM

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Jesus de Copacabana
Zulmar José L. de Vasconcellos - Rio de Janeiro – RJ

2º Lugar:

Obra Viva
José Antonio de Sousa Neto – Belém – PA

3º Lugar:

A intenção do tempo
Luciano Damaceno – Santa Maria – RS

Prêmio Incentivo Local:

A intenção do tempo
Luciano Damaceno – Santa Maria - RS

Menção Honrosa:

1º Menção:

Se eu pudesse, te cravaria os dentes
José Antonio Sousa Neto- Belém - PA

2º Menção:

Desculpa ... mamãe
André Telucazu Kondo - Jundiaí - SP

Jesus de Copacabana

Ernestina, sentimentos escravizados pela devoção ao cristianismo, com olhos marejados de lágrimas rogou à irmã.

— Pelo amor de Deus! O Menino Jesus não!

— E como vamos pagar a conta de luz que vence amanhã, mana? Com a sua fé no bonequinho?

Esta contenda vinha de anos. As dificuldades financeiras que as duas irmãs solteironas passavam, obrigavam-nas, vez por outra, a se desfazerem das relíquias que a família acumulara durante décadas e agora, dominavam os espaços do minúsculo conjugado alugado em Copacabana.

Desfizeram-se da prataria, bibelôs de louça, conjuntos de porcelana, até mesmo a cristaleira, herança da avó materna. Ernestina recebia essas perdas sem dizer um “ai”. Tal qual uma santa martirizada, aceitava o destino dado às peças que a irmã se desfazia para obter uns trocados. Mas deu para reclamar, quando Raimunda decidiu vender um presépio com figuras em biscuit que todos os natais decorava um canto do conjugado e havia chegado ao Brasil no princípio do século XX, por intermédio dos seus ancestrais portugueses. “Não serve pra nada, só ocupa espaço”, costumava dizer a mais pragmática das irmãs. Ernestina abominava a ideia de vender imagens religiosas. Para ela, temente a Deus até as entranhas, aquilo tinha cheiro de sacrilégio, além de uma afronta à memória dos seus antepassados.

Inicialmente, Raimunda sacrificou os animais do presépio. Em seguida, os reis magos, vendidos em lote único a Agemiro Caldas, um antiquário da Rua Barata Ribeiro. Os olhos do homem reluziam

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

em ganância, após cada telefonema de Raimunda. O antiquário já possuía até um comprador para o presépio, mas o problema era ele não ter em mãos todo o conjunto de peças. Aquelas imagens chegando em doses homeopáticas o irritavam profundamente. Podia fazer uma oferta pelo que sobrara, Maria, José, o menino e a manjedoura, porém, temia que a as irmãs julgassem baixa a sua proposta e todo o plano viesse por água abaixo. Agemiro Caldas assim, violentando sua cobiça, tentava exercer as virtudes da paciência e esperava.

Não precisou esperar muito para se apossar do casal bíblico. Uma dívida com o açougue obrigou Raimunda a vender os pais do Cristo. Agemiro Caldas voltou saltitante para a loja. Desembrulhou os dois personagens e os colocou na prateleira onde estavam as outras peças do presépio estrategicamente arrumadas, vaquinhas, cordeirinhos, um jumento e os três reis magos. Um espaço vazio, no centro da cena, esperava pelo Menino Jesus. “Agora só falta o garoto”, ruminou sorridente o comerciante.

Meses depois, o dia tão aguardado chegou. Agemiro Caldas, após um telefonema, bateu à porta do apartamento das irmãs e encontrou nelas resquícios de que ali houvera uma discussão. Ernestina fungando, Raimunda com cara de poucos amigos. Deduziu que o clima entre as irmãs pesara em virtude da venda do Menino-Jesus.

— Bem... – disse, sentando, sem esperar convite – vamos ao que interessa. Dou 80 reais pela peça.

— De jeito nenhum! – rosou Raimunda. Ernestina apenas soluçava.

— Os tempos estão difíceis, tenho tido poucas vendas – desculpou-se.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

- Trezentos reais ou Jesus não sai desta casa!
— Trezentos?!
— Só o menino. Sem a manjedoura.
— Caramba!

Negociaram durante meia hora e fecharam em 200 reais, manjedoura inclusa. A necessidade em pagar a conta de luz derrotara Raimunda. O antiquário deixou o apartamento com o pequeno Jesus, metido dentro de um saco de supermercado, alegre como um porco na lama. No quitinete das irmãs, ficou um surdo ressentimento de Ernestina em relação a Raimunda.

Depois desse episódio, Ernestina adoeceu. Começou com uma tosse seca que não a largava. Em seguida, perdeu peso e disposição para o trabalho. Acabou na cama, voz fraca, mãos trêmulas. Raimunda gastou os 200 reais do Menino-Jesus e mais um pouco com remédios e médicos, mas Ernestina não melhorava. Entrevada na cama, um fiapo de voz na garganta, Ernestina se penitenciava à irmã:

— Estou sofrendo porque vendi Jesus. Sou uma Judas. Vendo que a irmã só piorava e se convencendo de que a venda do Menino Jesus fora realmente a causadora daquela doença, Raimunda telefonou para o antiquário tentando reaver a peça. Agemiro Caldas, sabedor do estado de saúde de Ernestina e desejoso em tirar vantagem da situação, jogou duro:

- Lamento, dona Raimunda. Estou cobrando 600 reais.
— Pelo Presépio? – Espantou-se.
— Pelo menino.

Não adiantaram as súplicas de Raimunda nem a alegada doença de Ernestina. Agemiro Caldas argumentou que não conseguira vender o presépio, que o comprador roera a corda na

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

hora de fechar negócio, e que ele tinha que reaver de uma forma ou de outra o dinheiro empatado naquelas peças, pois aquele era o seu negócio: comprar barato e vender caro. Até frases de economistas famosos ele cito, para justificar sua usura. Raimunda desligou o telefone sem se despedir do ganancioso. Olhou para a irmã, moribunda e sendo consumida pela paixão por um ídolo de biscuit, entrementes, tomou sua decisão.

O pequeno antiquário localizado na Rua Barata Ribeiro, esquina com a Paula Freitas, já estava fechando as portas, quando dois pivetes invadiram o estabelecimento. Agemiro Caldas, que por avareza não possuía empregados, estava sozinho. Apesar de não reagir, levou uma estocada na perna esquerda. Aos policiais um trêmulo comerciante, perna enfaixada em gaze avermelhada pelo sangue, relatou que os pequenos assaltantes haviam roubado apenas peças miúdas, mas algumas de alto valor no mercado, entre elas, peças de aparelhos da Companhia das Índias e figuras de um presépio de biscuit.

Na Praça do Lido, às onze horas do noite, sob um calor incomum para um outono, deu-se o insólito encontro.

— Trouxeram?

— Tá aqui, dona – disse um dos meninos, abrindo o saco de estopa onde estava o produto do assalto.

Raimunda procurou afoitamente pelo Jesus de biscuit. Um sorriso iluminou seu rosto, quando achou o que procurava. Lá estava ele, liliputiano, olhar cândido e barroco, branquinho feito cera, cabelos loiros pintados com tinta dourada. Apertou a imagem no peito e perguntou.

— Deram a facada que eu mandei?

POESIA, CONTO E CRÔNICA

— Na perna, como a senhora mandou. O coroa ficou bolado – falou, às risadas, o menor dos dois.

— Podem ficar com o resto das peças e tá aqui os 50 reais combinados. Agora se mandem. Eu nunca vi vocês na minha vida, entenderam?

— Deixa com a gente, dona.

Mal chegou ao conjugado, Raimunda foi ao encontro da irmã. Ernestina jazia na cama. Tinha feições alvas como um zumbi de filme B. Um hálito de morte empestava o local. A irmã entregou a ela o Menino Jesus. Ela segurou com força a imagem em uma das mãos. Seus olhos se encheram de lágrimas. Encarou a figura tomada pela emoção. Ofegante, tirou do peito suas últimas forças e falou.

— Agora eu posso ir em paz.

O enterro foi concorrido. Não se sabia que Ernestina conhecia tanta gente. Capela lotada, parecia que todos os velhinhos de Copacabana vieram se despedir da anciã. Havia muitas velas, pouco choro e uma coroa de flores. Entre os presentes, Agemiرو Caldas, mancando em virtude da facada, contemplou o corpo de Ernestina no caixão. Raimunda suspirou aliviada depois que o antiquário se afastou sem perceber que a defunta segurava, fechada em uma das mãos, o Menino Jesus de biscuit.

OBRA VIVA

Começava com um embucho, um não-sei-quê de sofreguidão, o chão fugia, os olhos ficavam turvos e a boca secava. Sempre a boca secava, numa sede insaciável. Bastavam os primeiros sinais e ele tinha certeza de que a doença o acometia e era hora de criar. Ninguém conseguia entender essa necessidade, como se faltassem todas as nuvens no céu e ele precisasse recriá-las, uma a uma, para que o céu não perdesse o sentido e pudesse enfim curar-se. Mas as coisas não eram assim, fáceis como criar nuvens. No caso dele, precisava criar o mundo inteiro, cada detalhe verossímil, palpável e passível de ser aceito sem desdém. A aceitação para ele era imprescindível. Não concebia seus escritos nas mãos de críticos vorazes. Prontos a queimá-los com palavras, derretê-los com um olhar minucioso, destruir enfim aquilo que poderia ter sido uma obra de arte. Mas há tempos nada lhe vinha à mente, só o sentimento implacável, a vontade que ultrapassava os limites da normalidade, os olhos vidrados, a fome pelo papel. Criava com caneta e papel, pois lhe era artificial demais ficar separado de seus escritos por uma tela de computador. As letras foram feitas para serem cheiradas, sorvidas, arranhadas como um amante em comunhão com sua amada. As letras eram sua fórmula para chegar ao paraíso, precisava tratar bem delas, e odiá-las ao mesmo tempo, se necessário...

Estava voltando para casa, quando tudo aconteceu. Não lembra bem, talvez fora uma sena banal, mas tudo sempre nascia do banal para tornar-se idéia fixa e daí, quem sabe, uma obra. A rua não esta tão movimentada, uma penumbra parecia encobrir todos, assim, feito estivessem participando de um ritual, intenso e calculado. A mulher atravessara a rua, pelo que se lembra – mas não pode confiar bem em sua memória, tomada pela fome, pelo

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

desejo a ser satisfeito a qualquer custo – a mulher atravessara e ele viu, não lembra agora se foi um gesto, uma palavra ou mesmo nada, apenas atravessara? Tudo sua imaginação naquele torpor, sim porque quando começavam os sintomas, transformava-se em um intenso torpor, como se ele tivesse tomado o seu Lexotan, mas ultimamente não tomava nada, o médico proibira, ele mesmo havia se proibido, precisava estar sóbrio de pensamento, para quando a obra viesse, pudesse estar viva e pulsante para ser clara, acessível e prima, obra-prima. Cansara-se dos enredos desgastados, dos finais surpreendentes que somente surpreendiam a ele. Por isso, não tivera coragem para mostrar seus escritos, precisava de tempo para a grande obra, a obra das obras, que faria ser enfim reconhecido, mas a necessidade era mais, por causa dela – que até atrapalhava de vez em quando – ele havia escrito tanta bobagem, tantos contos, poemas e romances pela metade, sem alma, sem o sopro que nasce dos períodos eficientes e das palavras bem colocadas. Não havia metáfora, e isso era o grande mal. Estava à beira do precipício, pronto a pular. Os carros passavam por ele e o chamavam, mas ultimamente passou a viver para ela, a obra, a que viria, ele tinha certeza, havia lido bastante, faria com que o seu escrito superasse e tudo quanto fora feito até então. E por isso, só por isso não atravessava no meio dos carros, como fez a mulher... Sim, fora isso, a cena daquela mulher ziguezagueando entre os carros chamou-lhe a atenção, a mulher conseguia driblá-los, conseguia brincar com a morte e desprezá-la. Essa a verdade, pois chegou do outro lado da calçada sem um arfar, sem uma réstia de espanto nos olhos, incrível. Ele ali, olhando-a, entorpecido e maravilhado por tal gesto. Feliz dela que não precisava criar nada, ela era a própria criação. Ele precisava transformá-la em tinta e papel. A mulher seria sua personagem principal na obra que seria composta com o que há de mais admirável, a simplicidade.

E ele estava no meio da rua, assim, como uma pessoa normal, mas não era, não podia ser, pois carregava dentro de si

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

vários mundos imaginários que precisavam, pediam, para serem postos para fora a qualquer momento, e isso incluía aquele, onde ele vagava pela rua voltando de seu trabalho maçante, das broncas por ficar sempre avoado e não prestar atenção às coisas (se o chefe soubesse como ele prestava atenção...). Deixar o trabalho para ficar olhando o duplo sentido que havia por trás das gotas encharcadas de poesia, que teimavam em vir ter a sua janela, ali, tão perto dele e tão distante da eternidade.

No meio da rua dera-se a cena, quando a mulher atravessou, transpondo-se do mundo real para o da ficção, e era como se ela chegasse até o outro lado da rua, já coberta por uma aura de eternidade, a mesma que as gotas buscavam, mas que ele nunca soube dar a elas, mas agora, não, agora seria diferente. Nos seus olhos, nasceu intensamente o brilho inominável, a vontade de escrever, de criar; a fome pelas palavras, filtrando-as, sorvendo-as, desprezando-as.

Ele então chegou a sua casa nem sabe como, talvez guiado por essa vontade que busca o papel e a tinta onde quer eles estejam, atraído como dois corpos em busca do mesmo prazer. Mas escrever para ele, não era a princípio um prazer, antes, uma dor dilacerante de saber-se limitado para colocar ilimitados mundos no papel. E depois, o pior, romper de si a história, quando o último ponto fosse posto no papel. Isso seria o corte que o separaria da criação, e seu sentimento de deus tornava-se tão efêmero quanto sua dor. Estava pronto para novamente criar, novamente dar vida às personagens, aos outros. Dar vida, enfim, a si mesmo.

A noite estava fria. Ele não trocou de roupa, apenas rapidamente catou a caneta que havia deslizado pelo assoalho, colocou o maço de papel próximo de si e começou o que seria a mais importante viagem aos confins da ficção. Ada letra escrita, cada parágrafo, cheios de uma aura que ele sabia, sim, sabia, eram diferentes enfim. A agonia, a sofreguidão com que fazia a coisa parecia querer consumir-lhe todo, como se cada letra colocada no

POESIA, CONTO E CRÔNICA

papel representasse uma célula sua a menos. E assim se sentia, fraco, vários sóis queimando dentro de si, algo tal qual um parto. Os personagens tomando forma, os mundos sendo decorados com frases seguras e eficazes, dizendo muito em poucas palavras, eis o segredo. Mas a dor o incomodava deveras, uma dor mais do que espiritual, física, como nunca havia sentido antes, uma dor que era maior do que ele: a vista escurecendo, os lábios secos, a obre agora sendo ele próprio, anulando-o, criatura e criador, um definhava para o outro sobreviver. Seria a história das histórias, apesar de muitos não acreditarem, mas ele sabia ser capaz, ele sabia...

Os olhos de repente escureceram, não viu mais nada, um blecaute interno que o impedia de continuar nas linhas, mas nada o fazia parar até então, nada. As mãos permaneciam firmes, apesar dos garranchos em que haviam se transformado as letras, a obra deveria terminar, deveria... De repente o silêncio dobrou de intensidade, nem o ruído da caneta, deslizando sôfrega pelo papel era perceptível. A obra o havia consumido, o coração chegou ao fim antes de tudo. Não havia mais pulsações, não havia mais vida, pelo menos nele. O corpo desabou no chão, um filete de sangue escorrendo da sua boca.

Foi então que, de súbito, um movimento em cima da mesa, as folhas movimentavam num febril farfalhar, a caneta então se pôs a postos e as letras foram aparecendo, os personagens estacionados tomaram movimento e a história continuou, viva, pulsante, até o final, embora nenhuma réstia de vento tivesse tomando o ambiente.

La fora, a noite continuava estacionada, como a vida fora dos papéis.

A intenção do tempo

David Gustavo

Vestígio e aura. O vestígio é aparecimento de uma proximidade, por mais distante que esteja aquilo que o deixou. A aura é o aparecimento de uma distância, por mais próximo que esteja aquilo que a suscita. No vestígio, apossamo-nos da coisa; na aura, ela se apodera de nós...

Para além do crepúsculo, subitamente, uma linha do tempo parece delinear-se.

A sensação é inesperada. Ao redor, o presente sendo corroído pela existência que pouco a pouco tece o passado. As pessoas com suas preocupações, o tráfego, os sons da vida contemporânea % e de repente uma brisa de outros tempos, um corte na memória e no instante —. Outra vez, os pés descalços correm lado a lado com o amigo nunca mais visto. Outra vez a velha mãe caminha pelo pátio empoeirado, seus cabelos de um castanho revivido... Nas cinzas do tempo há uma espécie de corredor de todas as vivências, mas que não guarda senão restos do que foi visto e sofrido por nós. São migalhas de lembranças. Vozes que ecoam sem sentido, um olhar por sobre uma varanda, lágrimas silenciosas que cairão toda vez que o pensamento mergulhar naquele estranho minuto sem volta.

Quando foi que nasceu essa fragilidade? O tempo em nossos olhos, em nossa pele, em nossa vasta alma absolutamente

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

desconhecida. Podemos sentir o tamanho da nossa solidão, mas apenas isso. Em algum filme antigo, em fotos amareladas, um caderno rabiscado em letras juvenis, e lá estamos nós, improváveis e imponderáveis. Entretanto, não podemos saber que sutil abstração nos colocou frente a frente. No confronto do olhar vendo o próprio olhar antigo, há mais que uma batalha visual de realidades diversas. Ao mirarmos nossa paisagem subjetiva desfeita pelos anos, estabelecemos um confronto dialético entre a presumível certeza de vida do agora e o passado em fuga, perdido em nosso íntimo. Da materialidade de outrora — objetos manuseados que talvez hoje ainda existam, as casas, as roupas, as ruas, encostas que foram demolidas, espaços onde havia árvores e hoje há um colégio ou um supermercado — tudo foi tocado pelos olhos, pelas mãos e pelo sentimento. Porém, não há homem ou Deus algum capaz de provar que aquilo foi real, que de fato estivemos numa época chamada infância, num momento de doces virgindades fadadas a se corromperem.

O imaginário de nossa vida é construído, paralelamente, ao desenvolvimento da saudade que nos devasta. No princípio, o mundo ao alcance dos sentidos derrama seus desígnios sobre a inocência do curto caminho por nós trilhado. Pouco a pouco, nossa história vai sendo erguida, e sua base são as garoas de lágrimas e os escombros de aflições. Lentamente, aprendemos como gritar para dentro, como camuflar nossas vergonhas, como engolir escondido nossos medos e agonias mais atroz.

Na plenitude da razão, ainda estamos (e estaremos) à mercê do tempo. Alguma coisa ficou por ser feita, uma intenção cheia de força não teve ânimo de concretizar-se, uma frase de amor não encontrou a gramática que pudesse trazê-la à existência, e tudo jaz

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

no porão escuro do arrependimento. Lembrar é como sonhar. A ilusão e a inocência são as mesmas. É um mergulho eterno atrás de tesouros inesquecíveis. Mas o contato vivo com o inacabado, sempre é feito por alguém que também está em pedaços. A atmosfera onírica dessa busca provém da complexidade do processo, de alguém que se reconstrói enquanto se desmancha.

Na pura sensibilidade do presente, não passamos de máquinas a repetir gestos, a insistir nos mesmos anseios, a construir infatigavelmente as mesmas esperanças. Que palavras ou frases são tão imortais que nunca mais puderam ser repetidas? Ao longe, no passado ignoto, é a mesma a intenção da língua infiltrada em seu discurso. Houve um raro sentimento de alegria, em algum mês de algum ano, que já não é possível lembrar. Também houve um desejo, um tédio, um vazio, uma idéia, um sonho. Tudo se deu por um único momento, e nada pôde ser retido. A maior mágoa é não ter consciência das falhas. E na idéia ou nos sonhos tidos, deixamos um fragmento precioso da nossa alma ainda infantil e sem cicatrizes.

Descobrir o nosso passado, pode ser a mais irremediável das dores que infligimos a nós mesmos. Não importam os segredos ou as coisas ditas atrás de cortinas. Nada valem as traições insuspeitas ou os gestos que existiram, quando nossa atenção tinha outro mundo a mirar. O passado em si é impenetrável. Não são os fatos que lá se deram. Importa a idéia de termos estado lá, respirado aquele outro ar, articulado sons, visto com outros olhos um outro céu. E na brisa súbita de outros tempos, a memória que chega não traz consigo sua época, não tem história nem divisões. É a memória individual sem referência, limitada unicamente pela fronteira da vida pessoal. Onde estamos também está todo nosso passado. O amigo nunca mais visto corre outra vez, perdendo a infância conforme se

POESIA, CONTO E CRÔNICA

desfaz o crepúsculo. A velha mãe regressa pelo pátio empoeirado dos tempos perdidos, e sua falta dói de novo no grande vazio de amor ausente.

Nunca mais nos ergueremos do golpe de termos nascido. Falamos de tardes opressivas e de manhãs memoráveis, que são ficções lingüísticas no mundo encantado de nossa incerteza. Nas vozes, que hoje escutamos, há ecos de vozes que há muito emudeceram. O máximo que temos à mão são palavras para descrever o infinito dentro de nós. Isso é pouco quando a memória constata a permanência da vida em cada resquício de nossa morte cotidiana. É pouco quando, nos momentos em que a beleza do mundo é mais sensível, o silêncio tem mais significados que todo simbolismo da palavra escrita. Pois não ficaram nem as pegadas de tudo aquilo, que nos pareceu ser importante para alguém, em algum lugar, em algum momento. A nostalgia, pálida e ansiosa, brota da incapacidade de preencher com sentidos a alegoria do passado em contínuo desmoronamento. Nenhuma ponte ligará a esperança, que faz o futuro com o espectro dos dias sem retorno. Não haverá diálogo entre a dor antiga e a paz consoladora que só o tempo pôde inventar. Envoltas em mistério todas as palavras são inatingíveis.

SE PUDESSE, TE CRAVARIA OS DENTES

Traduzir-se

(...)

Uma parte de mim

é multidão:

outra parte estranheza

e solidão.

Uma parte de mim

pesa, pondera:

outra parte

delira.

FERREIRA GULLAR.

Se ela fosse igual à outra, mas não é. Não pode ser e nem conseguiria.

Todo dia de manhã ela vem com a boca mastigando injúrias. Dessa vez é o pão que está mais seco, ou mais mole, ou mais sem sal. O mundo dela é insosso e ela vive soltando impropérios sobre toda criatura. O cachorro já nem se aproxima mais. As roupas dela são, pela manhã, sempre da mesma cor tosca, cinza ou qualquer outra apagada, como é sua vida. Há anos, não sei mais quantos (porque há muito deixei de contar) não me importo com tanta excrecência do modo de ela existir, de ela falar, de ela rir (raro,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

raro), há anos, como dizia, eu não sei mais como falar com ela, como conduzir nossa vida diante de tantas barreiras, que foram construídas no nosso casamento.

Todo dia de manhã, antes de eu sair para o trabalho, tento lhe falar, tento contar por que faço o que faço, sinto como se fosse uma traição. Mas como traição, se ela não se importa, se foi dela que partiu a idéia, e nada mais pude fazer senão aceitar, como a planta aceita o adubo por saber ser-lhe útil para viver? O que acontece entre mim e a outra é útil para eu sobreviver. Para eu permanecer perto desta aqui diante de mim, e que me olha como se varasse o olhar para além de mim, que estou implorando por uma palavra doce, um sorriso, mesmo que torto, uma paciência no servir o café... Mas ela olha tudo como se pudesse ver sua vida para aquém de nosso casamento. Às vezes acho que ela seria mais feliz, se não tivesse me conhecido, se esse dia nunca houvesse chegado e eu não fosse capaz de fazer o que faço com ela. Nem ela, o que faz comigo.

A outra é o avesso. A pele doce, lisa, bem cuidada para mim. A outra é água; esta, fel. Como gosto de estar com ela, a outra. Nosso relacionamento é puro gozo, uma mistura de suores e sabores, uma fusão de olhares e dizeres, sussurros e assopros. A outra faz-me sentir o homem realizado que um dia fui com esta. A outra é tão diferente, e confesso: mesmo sem amá-la, (talvez porque a convivência com esta tenha anestesiado qualquer nova esperança de reconstruir minha vida), eu a admiro e a quero perto de mim. Como as quero. O costume da presença, a pena, ou seja lá o que for, me impede de doar-me por inteiro, como o sol adentrando todo arbusto, toda espaço se lhe derem passagem. Eu me dou só o necessário, só o estritamente preciso para que — egoisticamente

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— me satisfaça. A outra, então, é somente a ponte, para que eu consiga o que eu não tenho com esta: prazer, não só carnal, mas um prazer que vai além, um prazer de ser respeitado, de ser gostado, um prazer de saber-me ainda com encantos que podem despertar uma mulher no seu mais íntimo desejo. Eu faço isso com a outra, com a permissão desta. A outra me dá, não somente seu corpo, não somente seu aroma, me dá — por instantes, posso sentir — sua vida. Ela me pertence nas noites em que a encontro.

Esta agora, leva o café à boca, como se provasse não um néctar saboroso, mas apenas uma bebida qualquer. E olha que eu caprichei no café, preparei-o forte e aromático como sei que um dia ela gostou, um dia em que chegamos a um bar de terceira, no meio da estrada: dois adolescentes a ver a vida como uma passageira inseparável. Ela pediu ao homem barbudo de detrás do balcão café: café forte, ressaltou com aquela sua vozinha que um dia foi suave e melódica para mim. Recebi a revelação como um dever de fazê-la feliz. E durante anos, tenho feito esse café sempre que a quero ver sorrir. Foram muitos deles ultimamente, mas não têm dado certo. A resposta continua sendo sempre a mesma: um esgar de boca, uma pausa que dura o átimo de eu torcer por um comentário, por um sorriso, por um deslize, mas nada, absolutamente nada, enquanto eu me retiro com minha esperança. Tomo o café como quem engole minha vida e a dela: o café mais forte já feito e provado. Um café, devo dizer, amargo.

À noite, sempre à noite, a outra me recebe com um licor de sabor diferente a cada comemoração. Sempre ela varia no cardápio, cujo prato principal é ela mesma. Invento bebidas para nós brincarmos. Ela guarda em sua boca por alguns instantes o licor e depois me beija. Bebemos juntos, misturando nossos sabores: o meu, o dela e o do líquido prazeroso.

Ah, se esta pudesse ser a outra! Mas é impossível. Uma o verso, a outra o reverso. Tão diferentes... Para falar a verdade, não

POESIA, CONTO E CRÔNICA

sei nem que denominação dar à outra. Só a chamo de mulher. Acho mais provocante e perspicaz de minha parte. Assim, sem saber como tratá-la, mantenho a distância necessária entre nós. Ela, porém, chama-me pelo nome, quer aproximação, deseja ir além do que posso lhe dar. Parece não entender que minha vida é com esta aqui e não com ela. Ela é apenas a que me satisfaz. Nada mais além. Não poderia construir uma vida com outra já tendo uma que — apesar de tudo — é minha mulher, se é que ainda posso chamá-la assim... Não saberia viver só de mistérios gozosos, afinal, sou um homem de paixão e de sentimentos. Preciso compartilhar mais que uma cama, mais que um olhar. Preciso compartilhar as dores e os desdêns. Acho que é isso que ainda me mantém junto a essa que agora se levanta e vai para a janela abreviar o tempo que lhe resta desse dia. Ela passa, ultimamente, as horas assim, no aguardo de alguma coisa, que eu teimo em dizer que não sei ,só para me proteger do que mais me atormenta, desde quando me descobri traindo-a. É assustador sim, não nego. Mas igualmente revelador. Eu quero minha mulher pela manhã. Mas nunca a tenho. Eu quero cravar-lhe os dentes como faço com a outra. Eu quero arranhar-lhe as nádegas, sugar-lhe a língua, provar-lhe o gosto mais íntimo. Quero dar-me a ela como fruto proibido, igual faço com a outra. Ela e a outra, tão diferentes, mas tão iguais.

A outra me aceita homem. Esta só fica com o olhar perdido em algum ponto que — juro — gostaria de estar lá, para ser o motivo de seu olhar, o motivo de seu viver, esse viver que se divide e se condensa a cada dia, na sua indiferença para comigo. Nem parece, meu Deus, que...

A outra continuará sendo minha fuga, meu porto seguro, toda vez que eu não puder ter essa em meus braços. Na outra eu

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

cravo meus dentes; nessa, fico na esperança de cravar meus lábios, pelo menos.

Já estou de saída para o trabalho. Numa última tentativa de aproximação, dirijo-me a ela para uma despedida, um beijo, quem sabe o resgate do mínimo que fomos. Ao pressentir minha chegada, de costas, ela apenas diz, displicentemente, como ordem, como lei: “Não chegue tarde. Ela não gosta de esperar...”.

Saio e deixo-a sozinha. Levo comigo uma certeza: Ela não é igual à outra. Nem poderia, ainda que sejam a mesma pessoa...

Desculpa... mamãe

Vera se foi. No momento em que a terra cobriu-lhe irremediavelmente o belo rosto, ainda sem rugas, um menino suplicou: “Desculpa... papai”. Um pedido de desculpas não chega a ser uma súplica, se pronunciado apenas por educação ou mera formalidade. E aqui, não convém a sintaxe querer colocar um pronome, nem a semântica estabelecer a diferença ou a semelhança entre um pedido de desculpas e uma súplica por perdão. O que se deve considerar é que aquele “desculpa” do menino expressava uma dor que nenhuma gramática poderia diagnosticar. Muito menos, remediar. Aquele “desculpa” era mais do que um desejo de retirar a culpa, ultrapassava até o mais desesperado rogo de perdão. Uma criança de apenas seis anos não poderia ter feito nada de tão hediondo, que justificasse aquele doloroso pedido de clemência. O pai, perdido no pensamento de que nunca mais veria o rosto de Vera, não escutou o menino.

Quando alguém morre, vira santo. Como se a morte remisse todos os pecados da vida. Não há mais como julgar o pecador. Não há mais como apontar-lhe as falhas, indignar-se com suas iniquidades, condená-lo... Não há mais rosto a quem atribuir a culpa. “Vera era tão boa”, disse a vizinha, que a detestava e sempre a xingava de porca imunda, porque Vera jogava o lixo mal embalado e os cachorros espalhavam tudo pela rua. “Minha Verinha, por que foi embora? Vou te amar para sempre”, o marido lamentava, ocultando que, há poucos dias, planejara se divorciar de Verinha, pois não a suportava mais. “Vera era uma santa”, concluíram todos no funeral, antes de voltarem para as suas casas, de onde apedrejariam outras santas e outros santos que ainda estivessem vivos.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Apenas Luizinho foi sincero. Apesar de sempre apanhar da mãe, que de mãe não tinha nada, Luizinho acariciou com carinho as letras, que desenhavam o nome de Vera na lápide. Suplicou: “Desculpa... mamãe”. E chorou, chorou um choro doído de dar dó. Choro de culpa sem perdão. Luizinho sempre, sempre foi culpado por tudo. “Quem derramou o leite na cozinha?” Antes que alguém respondesse: vapt! Chinelada no Luizinho. “Quem pisou nas minhas flores?” Vapt! “Desculpa... mamãe.” Quem isso? Vapt! Quem aquilo? Vapt! “Desculpa... mamãe.”

Vera não queria ser mãe, porque acreditava que isso estragaria a sua aparência perfeita. Ela era obcecada pela beleza. E como era bela! Usava todo tipo de creme e loção para tentar manter o que o tempo fatalmente arruinaria. Só teve o Luizinho por acidente e quase o matou. Não queria engravidar, queria apenas manter o corpo esbelto. Ela temia que a gravidez deixasse a sua barriga flácida. Ela que tinha a pele tão lisa, perfeita. Pensou em aborto, mas teve medo. Olhava para o marido com fúria. Era um desgraçado, porque fizera aquilo com ela? Por que não comprara um preservativo infalível? Deixou de amá-lo por isso.

Quando Luizinho nasceu, ela não quis segurá-lo no colo. Disseram que era normal, que algumas mães rejeitavam os recém-nascidos. Depois, isso passava. Mas com Vera, não passou. Antes mesmo de Luizinho nascer, ele já era xingado pela mãe: “Por que esse desgraçado tinha que ficar empacado nessa posição idiota?” E por culpa da posição idiota do filho, a mãe teve que se submeter a uma cesariana. Ela odiava a cicatriz do parto, um horrendo queleide. Quando Luizinho cresceu o suficiente para entender os xingos da mãe, ela começou a disparar magoada: “Está vendo essa cicatriz nojenta na minha barriga? A culpa é sua! Foi você quem fez

POESIA, CONTO E CRÔNICA

isso comigo”. E Luizinho, horrorizado por ser um garoto tão perverso, chorava: “Desculpa... mamãe”.

No primeiro dia na escola, Luizinho achou estranho: as mães a abraçar os filhos. Demoravam-se, abraçados. Uma mãe dizia para o filho que tudo ia ficar bem, que logo estariam juntos de novo. Abraço. Luizinho achou graça. Sua mãe disse: “Vai logo”. E Luizinho foi. Não importa se ele não ganhou um abraço da mãe como os outros garotos, porque ele estava feliz com o presente, o primeiro presente que ganhara da mãe: uma mochila estampada com o Mickey sorrindo. Toda manhã, ele passou a pegar a mochila com carinho e dizer: “Vamos, Mickey! Vamos para a escola, porque mamãe disse que se eu estudar bastante talvez deixe de ser burro. E eu não quero ser burro para sempre... e não quero que você seja burro também”.

Mas não demorou muito para os colegas descobrirem que Luizinho era burro. Descobriram isso, quando um garoto endiabrado jogou uma borracha na professora, que escrevia na lousa. Ao se virar, com ar zangado em busca do culpado, Luizinho não hesitou em se desculpar: “Desculpa”. E Luizinho foi para o castigo. E assim, qualquer coisa errada na aula passou a ser culpa do Luizinho.

O tal garoto que havia jogado a borracha, infelizmente para Luizinho, acabou gostando do Mickey também. O pestinha tentou pegar a mochila à força, mas, por incrível que pareça, Luizinho reagiu. Pela primeira vez na vida ele reagiu, porque ele não podia permitir que alguém lhe tirasse o único presente que havia ganhado da mãe. Isso nunca! Ele amava aquela mochila, ele amava o seu único amigo, Mickey. A professora viu a briga. O pestinha disse que a culpa era do Luizinho, que apenas pediu desculpa. “Seu filho é terrível”, reclamou a professora. “Que vergonha você me fez

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

passar! O que eu fiz para merecer um filho tão ruim assim?”, Vera ralhou com o filho. “Desculpa... mamãe.” Vapt!

Na semana que antecedia o domingo do Dia das Mães, toda a classe estava ocupada, fazendo desenhos para presentear as queridas mãezinhas. Todos estavam felizes, orgulhosos de seus desenhos estampados com o nome de suas mães, que haviam acabado de aprender a escrever. Luizinho até chegou a ficar alegre, mas desistiu do sorriso. Lembrou-se de que já havia dado um desenho para a mãe. “O que é isso? Moleque! Arrancou a folha da agenda e ainda por cima rabiscou?”, Vera amassou o desenho de uma tremida flor e o jogou no chão, enquanto o chinelo: vapt! “Desculpa... mamãe.” Não, ele não poderia dar um simples desenho para a mãe. Ela não iria gostar.

O garoto da borracha, vendo a indecisão de Luizinho diante do desenho inacabado, provocou: “Você é tão burro que nem sabe desenhar”. Luizinho ignorou o insulto, porque queria a ajuda do colega mais esperto do que ele. Contou o seu problema e perguntou como deveria agir. O garoto da borracha sorriu, olhando para a mochila de Luizinho. Olhando para o amigo Mickey.

“Como você é meu amigo, eu vou ajudar. Eu tenho um lápis mágico. Tudo o que eu desenho com ele vira de verdade. Você pode desenhar qualquer coisa e dar para a sua mãe”, o garoto da borracha afirmou. Os olhos de Luizinho brilharam! Poderia dar um vestido novo para a mãe. Poderia dar uma casa nova, um avião, um elefante, tudo! “Mas em troca eu quero a sua mochila.” Luizinho olhou para o amigo Mickey. Era um preço alto a pagar, mas ele achava que a sua mãe... merecia. Quando Luizinho ia tirar suas coisas da mochila, o garoto o interrompeu: “Com tudo dentro”. Luizinho não se importava com o que tinha na mochila, só com o

POESIA, CONTO E CRÔNICA

amigo Mickey, que o acompanhava para todos os lugares. Ficaria mais solitário agora, mas a mãe merecia. Luizinho deu um abraço apertado na mochila, chorou baixinho, dizendo: “Desculpa... Mickey”.

Luizinho voltou para casa, sonhando com o que poderia dar para a mãe. Queria dar rosas, mas isso era difícil de desenhar. Queria dar um anel que o pai não havia dado para ela. Isso era fácil de fazer. Daria um anel. Mas um anel é pouco. Faria um colar também. E brincos! E um vestido novo, porque “mamãe gosta de vestidos novos”. Desenharia um monte de potinhos de creme e perfumes, que mamãe também gostava. Desenharia o mundo para a mãe!

“Cadê a mochila, Luiz?”, perguntou Vera, ao ver o filho chegar. Luizinho disse a verdade, mas não contou sobre os presentes que iria lhe dar no Dia das Mães, porque isso era surpresa. A mãe olhou para o lápis com a ponta mastigada na mão do filho. Pegou o objeto com raiva e o partiu ao meio, gritando: “Burro! Burro! Burro! Mas que filho burro e idiota eu tenho! Meu Deus, o que eu fiz para merecer um filho tão burro assim?” Vapt! “Desculpa... mamãe.” Vapt! “Desculpa... mamãe.” Vapt! “Desculpa... ma...” Vapt! “Desculpa...” Vapt! “Des...” Vapt! Vapt! Vapt... “E suma com essa porcaria da minha frente”, gritou Vera, jogando os pedaços do lápis no rosto do filho.

No quarto, a cabeça de Luizinho girava. Seu corpo doía, latejava. Com a dor no corpo ele já estava acostumado, mas agora era a alma que estava ferida. Sentiu algo que nunca sentira antes. Algo que não deveria ser sentido por uma criança. Luizinho sentiu ódio da mãe. Tentou afastar esse sentimento, mas a dor o aproximou do desejo hediondo. Queria que a mãe morresse! Sim. A mãe morta.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A mãe morta e o chinelo morto. Nunca mais: vapt! Nunca mais. A mãe morta. Luizinho pegou um pedaço do lápis mágico e desenhou. Desenhou um túmulo e nele escreveu: VERA. Depois, adormeceu. “Filho, filho... acorde”, o pai de Luizinho acariciava seu rosto. A mãe havia morrido. Parada cardíaca. Coração ruim. Luizinho correu para o quarto da mãe. Ela não estava mais lá. Luizinho chorou. Ele era o culpado. Ele havia matado a própria mãe. Entrou em desespero. “Desculpa... mamãe. Desculpa... mamãe.” Então, o enterro.

Luizinho acariciava as letras do túmulo da mãe. O pai tentou consolar o garoto: “Não se preocupe, filho. Sua mãe foi para o céu”. “E onde fica o céu, papai?”, Luizinho olhou para cima, os olhos mareados, sem acreditar que a mãe estivesse lá. O pai percebeu a incredulidade do filho e explicou: “O céu fica em um lugar muito longe e muito bonito. Não dá para ver daqui. Sua mãe vai ficar bem lá... Bem melhor do que com a gente aqui”. Luizinho acreditou, porque a mãe já havia lhe dito que ficaria bem melhor se ficasse longe dele e do pai. Ficou mais tranquilo, enxugou as lágrimas. Sua mãe estava bem, porque estava longe do filho malvado, estava longe dele.

No dia seguinte, Dia das Mães, Luizinho pegou uma folha branquinha e foi para o quarto dos pais. Viu que ela havia se esquecido de levar todas as coisas de que gostava. Ela não levou os perfumes e cremes, vestidos e joias... Ficou preocupado, porque a mãe não havia levado nada. O pai ainda dormia. Ele pegou o lápis mágico e passou a desenhar, deitado no chão. Desenhou primeiro a mãe, do jeito mais fiel que conseguiu. Desenhou a mãe com uma blusinha que ela dizia amar, mas que ela não usava mais porque deixava à mostra a cicatriz na barriga. Não usava mais por culpa dele. Ao seu redor, desenhou um monte de vestidos, perfumes e

POESIA, CONTO E CRÔNICA

potinhos de creme. Desenhou flores e uma bela casa para a mãe morar no céu. Sorriu.

Luizinho ficou olhando para o desenho. Parecia perfeito, mas tanto olhou que descobriu uma coisa que não o agradou. Havia desenhado Vera com a cicatriz na barriga. “Desculpa... mamãe”.

Luizinho apagou o risco da barriga da mãe, enquanto dizia: “Esse é o meu presente para você, mamãe! Feliz Dia das Mães!” E pegando o lápis mais uma vez, alargou o sorriso da mãe, que em seu desenho, o havia perdoado.



XXXIV
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA, CRÔNICA e CONTO

34ª Edição

Santa Maria
2011

163

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

XXXIV Concurso Literário Felipe D'Oliveira

Edição 2011

César Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

Sandra Rebelato
Presidente da Câmara de Vereadores

Iara Regina Becker Druzian
Secretária de Município da Cultura
Coordenador Geral do Concurso

Rosangela Rechia
Dirigente de Grupo da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Carlos Cavalheiro e Elizandra Quevedo
Equipe de Apoio

Participaram da XXXIV Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de **605** trabalhos provenientes de dezessete estados brasileiros: RS, SC, PR, SP, RJ, BA, SE, MG, PE, DF, AM, PA, AL, TO, MT, MG, assim distribuídos: **224** Poesias, **231** Contos, **151** Crônicas.

**XXXIV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Poesia

COMISSÃO JULGADORA:
José Vanderlei Prestes de Oliveira - ASL
Rogéria Santos - FAMES
Vera Elisabeth Farias Prola - UNIFRA

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Clarice

Elroucian Ucayal Santos da Motta - Porto Alegre- RS

2º Lugar:

Três Vozes

Rogério Luz - Rio de Janeiro - RJ

3º Lugar:

Sobre Tempos e Memórias

Edelson Rodrigues Nascimento – Brasília - DF

Prêmio de Incentivo Local:

Graveto Campeiro

Clauton Monte Machado - Santa Maria- RS

Menção Honrosa:

1º Menção:

A vera condenação ao fim do Eden

Lucas Jerzy Portela Silva - Salvador - BA

2ª Menção:

Quando o tempo era nem tanto

Lilian Dora Gattaz Correia - São Paulo - SP.

3ª Menção:

Insônia e Sonho

Christian Koenig - Florianópolis - SC.

Elroucian Ucayal Santos da Motta - Porto Alegre - RS / **1º Lugar**

CLARICE

Queria ter teu rosto, Clarice Lispector.
teu rosto anguloso, esculpido a versos.
Teu olhar, em si, nos dizia em silêncio
poemas calados, incrustados
no espaço vazio
entre o olho e o objeto olhado.
E eras dura, e eras forte. Eras Clarice.
Clara manhã
no antiescuro do sol,
na luminescência do que nasce
no alvorecer.
Mas eras também escuridão
do de dentro da alma,
do que não se mostra
senão a nós mesmos,
talvez em sonho, talvez num delírio sem sentido.
Vi-te anteontem, em olhar antemanhã,
escrevendo como que sem mão,
apenas fluxo, devoção.
Eras um espectro, Lispector,
um traço lançado a esmo
de um lugar qualquer
para um qualquer ponto inexato.
Eras tu, Clarice,
a escrever, escrever, escrever...

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Sonhos e mais sonhos,
nus em sua essência,
nus no seu todo
de púrpura e de lodo.
Teu rosto... teu rosto
absorto
no escuro-claro
de um destino morto.
As coisas, sob teu olhar que fulmina,
transcendem-se, transmutam-se,
alucinadas como um viajante perdido
sob o sol escaldante do deserto.
Não há mais papel,
não há mais tinta sobre o papel.
Há um enigma de dimensões colossais.
Uma inexplicação de tudo
e um desfazer-se de nada.
É o átrio,
o pátio,
o sapato,
o evangelho,
a maçã.
Tudo em conexão ímpar, lúcida, louca,
como o despertar pela manhã
após uma semimorte noturna.

Rogério Luz - Rio de Janeiro - RJ / **2º Lugar**

TRÊS VOZES

Victor

Cortaram-te os dedos
sem culpa nem medo
o bordão do nervo
a corda violada,
Victor Jara!

No canto remoto
do estádio dos mortos
luz de maremoto
em teu peito arde,
Victor Jara!

É tarde em teu corpo
mas cedo no sopro
da canção: o fogo
que a aurora declara,
Victor Jara!

Mercedes

A voz dos mortos não te pode consolar –
planuras, o vazio dos pátios, cordilheiras
o sangue que correu para teus rios
de palavras e suicidas

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

afundadas em águas de revolta
atiradas do mais alto dos oceanos
Alfonsina, Ana Cristina, Violeta.

Corpos e cabeças nos quartos úmidos
musgos e moluscos ignorados
nas ilhas lançadas a esmo longe do litoral
no caminho abandonado da pátria americana
no deserto de sal e de soja
no músculo esfomeado do menino
no cárcere das grutas, das minas, das empreiteiras

dos governos de esterco e fanfarronadas
nas alturas da loucura e das ditaduras
nos bailes da democracia e da democracia
à mercê dos corruptos e de suas armas
no tecer de cruéis anoiteceres
sobre a guitarra que cantava vida, povo e paz.
(Te escuto ainda, continuo te escutando, Mercedes)

Federico

Federico García Lorca
descansa entre mil caídos
lá, sem medo e sem pouso

há mariposas do campo
entre flores fenecidas

POESIA, CONTO E CRÔNICA

há o sangue da lembrança
e ossos de assassinados
pela sanha falangista
há seu olhar de criança

há retratos desvalidos
e nomes em série em lousas
de mil heróis conhecidos.

Federico García Lorca
está entre companheiros
cativo do próprio berço.

Não trasladem Federico
a tantas pompas avesso
de sua pedra natal:

todo de branca memória
um lagarto nos espia
com olhos de lua e sal.

Edelson Rodrigues Nascimento - Brasília – DF / 3º Lugar

SOBRE TEMPO E MEMÓRIA

*“As peras, no prato,
apodrecem.
O relógio, sobre elas,
mede
a sua morte?”*

(Ferreira Gular – “As peras”)

A maçã
apodrece
sobre a mesa.

A comida
posta à mesa
(que apodrece).

Tal qual
um homem
apodrece.

(Seu olho de vidro.)

A mesa
apodrece
sob a maçã
(aquela),

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

sob o prato
de comida,
que também...

A madeira
apodrece
o interior da mesa,
antes.
E o homem
(o mesmo)
tem tremor nas mãos.

A fórmica,
revestindo a madeira,
solta-se em lascas.

(Como a pele
do homem.)

A comida
apodrece
no estômago.

(E o homem
regurgita
pássaros
calcinados.)

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A memória
da maçã
já não traz
a mesa,
que não traz
a madeira,
que não mais

a árvore.

Esta
já não (se) lembra
(d)a floresta.

(Envelhecer
é só
e sozinho.)

O homem
e seu dente de ouro
sem sorriso.

A mulher
e seu colar de pérolas
sem a festa.

Um e outro
e sempre sem
(e só).

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Na memória
de ambos,
um que se foi
e outro nunca.

A mulher
reluta
em ser a maçã
(que apodrece).

E o homem,
a mesa
(que também).

(A madeira
Corroendo (-se)
por dentro).

A memória
(dela)
seca
como a carne
da maçã.

Seca
como os olhos
(de vidro?)
filtram
a desluz.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A memória
(dele)
sobe na mesa,
pula da árvore,

cai no rio.

Mas rio
já não há:
vazio espesso.

E o homem-
árvore
apodrece
longe

da floresta
de homens.

(Envelhecer
é só
e sozinho.)
Torna-se
refém
da memória.

Como a árvore,
da terra que
a sustém.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

E a maçã,
da espada
que a corta.

A memória
é lâmina
de dois cortes.

Tanto fere
quem a cultiva
quanto
quem a ignora.

A memória
é lâmina
que divide
as horas.

Como a espada
divide a maçã
(sua carne
morta).

A memória
é substância
torta
se apodrece
dentro
de quem

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

a gesta.

Tal qual
a comida
(indi)
gesta
os vermes
que a
devoram.

A memória
esconde-se
em ausências
fortuitas.

Relógio
sem pêndulo,
marca o esque-
cimento.

A memória
paralisa
o tempo

(rio de matéria
putrefata).

Tenta
dissolvê-
lo – unir

POESIA, CONTO E CRÔNICA

suas pontas.

Ou dividi-lo:
múltiplos
espelhos.

A memória
quer fazer-se
mesa

antes
de fazer-se
árvore,
antes de
floresta.

O tempo,
por seu turno,
separa

a madeira

da mesa,

a mesa

da maçã,

a maçã

da mulher

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

a mulher

do homem

e o homem

de si mesmo

(o outro

que já

não há).

O tempo

prepara

o mote

do homem

livre

(: ser livre,

de fato,

é estar

morto).

Graveto Campeiro

Graveto campeiro ,
espalhado mato a dentro
ou campo a fora,
solitário e ao relento.
Embora fino,
mostra enorme serventia,
e mesmo frágil,
possui grande valentia,
pois vivendo quase morto
e esquecido pelo chão,
sobrevive ao tempo feio,
ao relâmpago e ao trovão.
Mas ao encontrarem ali,
agonizando no chão,
com carinho o acolhem,
feito amigo, feito irmão.
E quando isso acontece,
é a maior emoção,
pois vai juntar-se à peonada,
reunida no galpão.
E antes do clarear do dia,
cedinho da madrugada,
principia o fogo,
no ritual da mateada.
E ao esquentar a chaleira,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

com a água do chimarrão,
deixa cair seiva-lágrima,
apertada de emoção,
pois mesmo sendo um graveto,
nessa hora, no seu peito,
pulsa forte um coração.

E acolherado ao tronco,
que vai virar o brazeiro,
e aquecer o galpão,
se imagina ginete,
domador de alazão.
Alí escuta estórias,
contadas pelos peões,
e também as velhas lendas
e causos de assombrações.
Mas quando a peonada,
já se prepara pra lida,
e aquela labareda,
vai ficando enfraquecida,
solta suas últimas fagulhas
em sinal de despedida,
como que agradecendo,
pela emoção vivida.
E no derradeiro momento,
e já cumprida a missão,
corcoveia feito bicho,
se esbraseando pelo chão,

POESIA, CONTO E CRÔNICA

coabrindo de cinzas branca,
o santuário da mateada,
tal qual uma coxilha,
castigada pela geada.
Como um manto sagrado,
adormecido no chão,
o graveto vira cinzas,
pra manter a tradição.

Lucas Jersey Portela Silva - Salvador – BA / 1ª Menção

A Vera Condenação ao Fim do Éden

Em memória do poeta Borges, de John Steinbeck
e para meus sobrinhos, Linus e Rita

Homem,
terás a terrível sina de nascer amado por todos
e todos te quererão feliz,
cada um a seu modo
sempre contraditório com o dos outros.

Te frustrarás eternamente
a cada uma das infinitas tentativas de satisfazer a todos
sem agradar, nunca, a ninguém.

Serás amado sem que saibas que és.

Quase-sempre que te descobrirem amado,
perderás o amor.

És condenado a ver passar todos os definitivos amores
e morrerem todos os amigos.

Só será eterna a ausência de eternidade.

Terás terríveis momentos
em que serás a pessoa em que menos confias
e com quem menos contas

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Principalmente, desejarás que estes sofrimentos não
cessem jamais:

clamarás pela tortura
(ausência da qual chamas de “morte”).

Ao fim, nada lhe será dado
salvo o peso de teus ossos
e acreditarás, por isso, que és feliz.

Quando o tempo era nem tanto

Levou-se para ser pescada pelo último barqueiro anunciado.
Entregou a ele a terra o piso o solo
e ele desenhou-lhe as margens.
e ela entendeu a amplidão da margem.
Colou imagens e memórias fraturadas,
enquanto ela cantava a hora violácea.
Ele cuidava, ela entendeu.
Forjou-lhe o tempo da alfazema
e ela se entendeu eterna
e se gostou eterna e se esqueceu.
O barqueiro lhe trazia à tona
suas ondas que pulsavam subterreas
e ela entendeu o que era
ritmo marcado nas teclas a bombordo,
iam de um navegar
movido a perfume de algas defloradas
perfeito incenso a campear dos mares
os céus da boca de múltiplos sentidos.
E ela gostou de deflorar palavras
(a pele o pelo o apelo o arrepio acastanhado
que azuleja o olhar além da lente).
Suas janelas ele as virou do avesso
com ele o vento vem de proa, ela entendeu.
Voz de macieira à sombra esse barqueiro
foi-lhe entrando pela nuca, pelo dorso,
pelo inverso, que ela não mais pode desejar outras cinturas.
Dele fez o mastro cata-vento
de todos os seus sonhos drapejados

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

e aqui ela entendeu a amplidão da vela.
Se há manhãs e despertares,
a imagem do encontro é resguardada
no olhar que atreve o muro inexplicável
e no eterno beijo anunciado pelo mar
de quando o tempo era nem tanto.
E quando volta a refazer caminhos,
a vela, o farol, o canal,
o vento lacrimal a traz de volta
à terra deslembada, devastada e só
mas ainda úmida.

Viver é líquido no olhar.
Ela entendeu.

Lilian Dora Gattaz Correia - São Paulo- SP / **2ª Menção**

Insônia e sonho

Para Manuela Gamarra

A insônia:

Serões inteiros de penumbra,
do infeliz azo o qual se deita
até que o sol no céu deslumbra,
teve-se a pálpebra desfeita.

Enquanto arrata-se na umbra
o corpo a custo que se ajeita,
até que o dia então a alumbra,
busca à esquerda e a direita.

Mas sem sucesso se revira,
como se a cama fosse pira.

A transição:

Confesso insônia, sim, a mim não rara,
o pensamento vivo em mil lugares.
E das vigílias que dormir tentara
recordo apenas seus clarões solares.

Antes de ti, ah!, quanta noite à clara!
Centenas com centenas dão milhares,
porém das horas em que tempo para
jamais valeram tanto até me olhares.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Ora não vou perder um só luar,
porque poder pensar-te é já sonhar.

O sonho:
Nos braços de Morfeu mal cérebro vinha,
latente e manifesto vertia tua figura
em lídima nudez ao te fazeres minha,
despida da sincera cauta que te mura.

Aos poucos destrinchada cada uma linha
das tuas coxas, do teu colo, da tua cintura,
o meu beijo febril ardente e se detinha
no vão da carne dada à mão d'amor segura.

Imagens estas que o Hipnonida trazia,
pois ao despertar vi velar-se a fantasia.



**XXXIV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Crônica

COMISSÃO JULGADORA:

Andréa Reginatto - FAMES
Maria Eulália Albuquerque - UFSM
João Marcos Adede Y Castro - ASL

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados:

1º Lugar:

Bem durável e bem-querer
Maria das Dores Oliveira - Ipatinga - MG

2º Lugar:

Entrevista
Elias Araujo - Américo Brás - SP

3º Lugar:

Defeitos
Emir Ross - Porto Alegre - RS

Prêmio Incentivo Local:

Kinder Ovo dos Pampas
Juliano Lanus - Santa Maria - RS

Menções Honrosas:

1º Menção:

Além das Nuvens
José Antonio de Souza Neto - Belém – PA

2º Menção:

Esses Maus Tempos
João Paulo de Miranda Parisio - Jaboatão dos Guararapes – PE

3º Menção:

Celeiro da Infância
André Telucazu Kondo – Caraguatatuba - SP

BEM DURÁVEL E BEM-QUERER

O marido vê as propagandas dos novos modelos de televisores, no aparelho de 29 polegadas e tubo de imagem, que impera na sala. Cogita comprar um daqueles fininhos, moderníssimos. A esposa argumenta que não precisam, a TV ainda funciona. Deslumbrado, ele só fala nisso. Traz panfletos das lojas, exibindo esplendorosos televisores, de diversos tamanhos e paisagens exuberantes. Ela presume embates e debates, que fazem parte do cotidiano do casal, desde o início, como comer feijão e arroz e beber café com leite. O marido impetuoso e ousado. A esposa ajustando, cerzindo os buracos nas roupas e nos desentendimentos. Pondo panos quentes nas controvérsias e nas barrigas dos filhos acometidos de cólicas.

Ele se encanta com um televisor de 50 polegadas, estupendo! A esposa replica que é bobagem, para que fazer prestações altas, que escolha um menor, dentro do orçamento... Ele refuta, passara a infância assistindo aos desenhos animados nas casas dos outros, sem condições de ter uma televisão e agora pode, não vai se privar de nada. Já fora cerceado de tantas coisas... Televisão é um bem durável, não um patrimônio para a vida toda... Ela critica o exibicionismo e a ostentação. É absurdo, um homem dessa idade, não saber discernir entre a necessidade e o consumismo exacerbado! Ele a chama de medíocre e que possui complexo de inferioridade. Procurando apaziguar, ela abdica das críticas e adjetivos sórdidos, que usurpam a harmonia e o bem-querer. É sempre assim, desde o início do matrimônio. Mostra afável e objetivamente, que a sala é

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

pequena para um televisor de tal porte, melhor comprem um de 32. Consegue convencê-lo e seguem para as lojas. São sempre cúmplices, tanto nas questões imprescindíveis, quanto nos fatos irrelevantes, como naquele sábado chuvoso. Assistiam a um filme, ainda no videocassete, quando chamaram lá fora. Pelo olhar, entenderam-se. Continuaram abraçadinhos, em silêncio e não atenderam. Que o inoportuno batesse palmas até se cansar!

Dedicam a tarde em busca do precioso sonho de consumo. Munido de papéis amassados, com anotações das características do aparelho que deseja, o marido inquire os vendedores. Mais contida, a mulher não vê utilidades naquelas siglas todas. No fundo, no fundo, contenta-se com uma televisão com boa imagem e bom som, o resto é exagero. Em nenhuma época, houve tanta diversidade de modelos desses eletrodomésticos. Coisa de matar de inveja as velhas e robustas TVs General Electric, de válvulas e em preto e branco de outrora. Ele cobiça uma *led* de alta definição, entrada USB, conversor digital integrado, *full HD*, *Bluetooth*, *widescreen* e *HDMI*. Um verdadeiro cinema! A TV de 3D o seduz, uma tentação! A mulher varre para longe tal namoro. Teriam que deixar de comer, para pagarem as prestações. Acaba dissuadindo o marido com palavras ponderadas. Há tempos, deixara os tons raivosos. O mel adoça o coração, enquanto o fel faz cuspir azedumes acumulados pelo cansaço e rotina. Não adiantava brigar com ele, todos os dias, para não deixar os jornais espalhados no sofá, pedir calmamente surtia mais efeito. Os anos de convivência ensinaram-na. Ele conduzindo e ela sinalizando o tempo e o momento, desde a primeira noite de amor.

Depois de intensa pesquisa, compram um televisor de 37 polegadas, em dezoito vezes, sem entrada. O marido sai da loja

POESIA, CONTO E CRÔNICA

exultante, mas com a ligeira impressão de que merece mais. É colocar o troféu na moto e tocar para casa! A esposa sugere que deixem para a loja entregar, é arriscado transportar o aparelho na moto... Ele não aceita. Lojas de departamentos demoram nas entregas, não vê a hora de assistir ao seu time jogar, na televisão nova... Então, ela propõe pegar um táxi e levar a TV. Não, para que gastar dinheiro? Dá para levar bem assim, ele pilotando a moto, ela agarrada nele, segurando a TV. Exaurida, concorda.

Aventuram-se no trânsito ensandecido das dezessete horas, entre a indecisão do sol em se pôr e da noite em estender o seu manto negro. O marido acelera, a esposa pede para manear, mal conseguindo segurar o televisor com a mão. O vento forte quase lhe rouba o tesouro tecnológico. Por pouco, não se desequilibra na garupa da Honda. O condutor impaciente a acusa de moleza, exigindo cuidados. É sempre assim, equilíbrio e direção fazem parte do cotidiano do casal. Arranca quando o sinal abre, ela se equilibra a custo, abalroa a caixa com o aparelho no retrovisor de um carro. Ouve impropérios do motorista e do marido. Outros motoqueiros mangam deles, gente doida, olha se é jeito de transportar as coisas! Seguem desligados do mundo, almejando ligar a led e partilhar um prazer imensurável. Ele dirige o veículo à uma rua mais calma e estaciona. Admite que esteja penoso para a esposa, que ela pegue um taxi e faça o restante do trajeto com o aparelho. Reconhece seus olhos solidários o companheiro de sempre. Conversam e acordam que já estão perto de casa e devem prosseguir. O diálogo e a compreensão também fazem parte do cotidiano deles, desde o início.

Conduzindo e equilibrando, chegam ilesos em casa. Desembalam a televisão, descobrindo um arranhãozinho na moldura.



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

O marido culpa a esposa, que minimiza, isso não é nada, a tela está intacta... Ele passa a noite regulando a cor, o brilho e decifrando o manual. Consegue fazer a fascinante máquina funcionar, a tempo de ver o jogo. A imagem não fica perfeita como nos anúncios, a cidade ainda não possui sinal para TV digital, mas é grande e domina o ambiente.

Normalmente, o controle remoto fica na mão do marido. A esposa se irrita quando ele surfa entre os canais, sem resolver a que programa deseja assistir. Reclama com serenidade, sem deixar que outros ressentimentos venham à tona. É do cotidiano do casal, desde sempre. Certamente, farão bodas de prata, de ouro... Ele conduzindo e ela equilibrando, por toda a vida... Até que a morte os separe.

ENTREVISTA

Entrevista com um amante da língua:

— Quem é você?

— A pergunta está errada, senhor.

— Por quê? Como assim?

— Devia perguntar: Você é quem?

— Não é a mesma coisa?

— Não é não. Quando você pergunta quem sou eu, respondo: Eu sou Mizael. Mas quando você pergunta: “você é quem?”, eu respondo: Sou apenas um homem tentando resolver o duplo mais profundo do ser humano: viver. E morrer. Porque morrer é simples, as pessoas é que escandalizam. Viver é que são elas: ruas íngremes e sinuosas.

— Está bem, mas... você está filosofando e Filosofia não tem nada a ver com o nosso assunto.

— Como não? Desde que o homem descobriu como usar a linguagem, começou a filosofar sobre tudo.

— Tudo bem, mas eu quero escrever uma crônica popular e se nós falarmos termos muito cultos, os meus leitores do jornal não vão entender nada.

— Então, se nós falar as palavra difícil, as pessoa não vai entender? Tá bom, então nós conversa com as palavra fácil.

— Certo, mas... eu me dou o direito de escrever corretamente, não do jeito que você está falando.

— Moço, pois é com isso que não me conformo.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— Com o quê? Com o fato de eu querer escrever certo?

— Não. A Língua Portuguesa é uma das mais belas do mundo. Afirmar que todas as formas de falar e escrever são corretas é um crime imperdoável. É um crime de lesa-pátria!

— Não é exagero dizer que é um crime dessa natureza?

— É sim, é um exagero. Assim como é um exagero querer acabar com a gramática, a concordância, a ortografia e toda a beleza da nossa língua. Já me “sequestraram” o trema e sem pedir resgate. O que mais vão fazer? Eu sempre fui um analfabeto funcional, não tenho vergonha de dizer. Eu sabia desenhar letras, mas não sabia escrever. Eu sabia falar palavras escritas, mas não sabia ler. Era como um aluno de pré-escola copiando o nome de uma ficha ou de um crachá. Eu copiava MIZAEL e lia Mizael José da Silva.

— E você culpa a escola por isso? Ou existem outros fatores?

— Sempre existem outros fatores. É muito cômodo eu culpar a escola. Não sei se a culpa é só dela. Mas eu atribuo muito da culpa — se é que ela pode se aplicar, nesse caso — a mim mesmo. Porque eu reconheço que não tinha interesse nas aulas, nem nos esforços imensos que os professores de Língua Portuguesa faziam para serem ouvidos entre as brincadeiras, as gracinhas, a bagunça.

— E hoje, como você se avalia em relação a isso?

— Eu sou um dos poucos que correram atrás do prejuízo. Voltei a estudar para aprender a estudar. Fui escrever para aprender a escrever. Passei a ler para aprender a ler. E descobri que a diferença entre “Nós lê os livro” e “Nós lemos os livros” é a mesma entre um garoto que entra numa escola de canto desafinado e sai de lá como um tenor. A nossa língua é para ser cantada. Nós que a

POESIA, CONTO E CRÔNICA

cantamos temos no mínimo o dever de aprender a letra, como se aprende o Hino Nacional por obrigação escolar ou por amor à Pátria.

— E como você se sente depois de tudo isso?

— Sinto-me vivo como alguém que se livra de um vício linguístico e agora só canta a Língua de forma correta e bela. Sei que os dialetos existem em todo o país, mas isso é diferente de se perder a cultura através do tempo. A última coisa que eu quero é voltar ao vício.

Defeitos

É praticamente impossível alguém botar defeito em mim. Não há espaço. Eu já tenho todos. Defeito duplo não conta.

Todo dia, passo algumas horas a procurar novos defeitos para meu acervo. Confesso: no meu estágio evolutivo, é difícil encontrar novos. Quando acontece de eu não me deparar com um, trato de aprimorar os existentes. Com minha experiência adquirida por anos de empenho, isso é barbada.

O aprimoramento de um defeito consiste em observar alguém que tenha o mesmo defeito que o seu, mas o exerce de forma muito mais profissional. Por exemplo: quando preciso aprender a mentir melhor, acompanho uma semana na vida de um político. Nesse caso, as semanas são um pouco mais curtas: mais precisamente, duram dois dias: de terça a quarta. Talvez por isso, os políticos nunca tenham espaço na agenda. Com minha capacidade de aprendizado, em poucas lições já saio convencendo padre a abençoar cachorro.

Eu já sou um péssimo escritor: escrevo tão mal que minha única leitora manda cartas e cartas para que eu comece a escrever em braile. Mesmo assim, tento aprimorar-me. Afinal, sempre pode-se escrever pior. Nestes casos, leio muito. O meu favorito é Martha Medeiros. Mas também leio alguns gaúchos que ainda não são escritores e se acham talentosos e futuros Saramagos. Depois, tento

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

imitá-los. Confesso que tenho conseguido escrever textos tão ruins, mas tão ruins, que não consigo sequer chegar ao final. Daqui a

pouco, chegará alguém e dirá que é literatura pós-moderna e que poderei ganhar milhões, editando na França. Mas não cederei, direi que é literatura ruim mesmo. Ruim que nem caralho lê.

Sou um infame, sei. Mas não me elogie assim. É gostoso ser chamado de infame. Você diz IN-FA-ME e as letras vêm de forma arredondada. Sexy. Eu sou mais infame que um dicionário jogado na sarjeta. Ali, todas as palavras são sujas. Eu espiro lama por todos os lados.

Mas, como digo, nada que não possa ser piorado. Quando quero enfeiar minha cara horrenda, faço a barba. Fico com aquele rostinho bunda de neném guchi-guchi. Ninguém resiste à vontade de cuspir em alguém perfeitamente barbeado. Delicio-me com as flechas, cortando o ar em minha direção:

DEPRAVADO
BO-ÇAL
EGO-ÍS-TA
FANRA-RRRÃOOOOOO
DETESTEI
E a minha preferida:
CRE-TIIIIIIIIIIIIII-NO

Essa última é a mais excitante.

Mas, o que mais gosto, é que as pessoas, após falarem deliciosamente com a boca mais cheia de saliva que dentes para

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

saborear ao máximo o defeito, é vê-las sorrir de canto de boca, principalmente as mulheres.

As mulheres deleitam-se com o defeito. Falam pausadamente. Engolem devagar. Depois, aquele sorrisinho disfarçado e uma piscadela para o lado.

Nessa hora, já sei o que devo fazer.

KINDER OVO DOS PAMPAS

Quando criança, adoramos ganhar presentes. Qual criança não gosta? Mas o bom mesmo são os momentos que antecedem a abertura e revelação do regalo. Toda aquela expectativa em saber o que se encontra dentro do embrulho, nos faz imaginar mil coisas. “Será que é um carrinho? Será que é uma boneca? Se for roupa eu não quero!”

Todos conhecem o chocolate chamado Kinder Ovo, não? Pois é, este pode ser considerado como o legítimo exemplo de espera angustiante. Muitas vezes, gastamos horrores de dinheiro tentando acertar na compra do Ovo, que contém aquele brinquedo que falta à nossa coleção, e na maioria delas, não conseguimos. E, se conseguimos, já não temos mais um terço da mesada concedida por nossos pais. Aí, lá vem outra série de surpresas e somos obrigados a tentar completar mais um grupo de mimos.

Assim também é a fruta chamada caqui. Existe uma lenda que diz existir dentro da semente desta fruta desenhos de talheres, como garfo, faca e colher. Sempre achei essa história meio boba, porém a comprovei abrindo a semente e testemunhando o fato, que muitas vezes é a alegria de crianças, jovens e até adultos que desconhecem a lenda, que na verdade não é lenda, pois cada semente realmente possui um dos talheres: garfo, faca ou colher. Vêm daí algumas brincadeiras e jogos na tentativa de adivinhar qual utensílio virá na próxima semente. Coisa simples, mas que aguça a curiosidade

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

de pessoas que, sem conhecimento de causa, ousam denominar o caqui de “Kinder Ovo dos Pampas”.

E não deixa de ser autêntico. Como o chocolate, o caqui também possui a forma arredondada. Ambos possuem casca, são comestíveis e têm, em seu interior, surpresas que despertam nosso interesse, como bons curiosos que somos. Esta denominação se deve a uma conversa informal durante o almoço, em que lembranças do tempo de criança sempre vêm à tona. Devíamos registrar esse nome e dar os créditos à professora de língua inglesa Gabriela Bueno, cuja surpresa a fez criar um novo produto gaúcho: o “Kinder Ovo dos Pampas”. De repente, até aumentemos o consumo e as exportações da fruta, devido ao desejo indiscreto e intrínseco do ser humano em saber o que há por dentro das coisas e comprovar uma teoria, no caso a dos talheres. Mas, com certeza, devemos pedir aos produtores que repassem à professora Gabriela uma porcentagem das vendas, afinal de contas uma nova marca foi criada.

O caqui é originário da China, sendo também muito consumido no Japão. Porém, o Rio Grande do Sul tem uma forte produção da fruta, justamente pelo clima favorável ao cultivo na nossa região, pelo solo fértil que possui nosso Estado e pelo fato de possuímos pessoas curiosas, que compram o produto somente para ver se é garfo, faca ou colher. Portanto, podemos sim considerar o caqui como o “Kinder Ovo dos Pampas”, ou “Kinder Ovo nissei”. Contudo, devemos valorizar os produtos que venham da nossa terra, por isso meu voto vai para o primeiro nome.

Graças a Deus estamos em época de alta produção de caqui, pois, com a nova descoberta, é bem provável que a professora provoque a falta da fruta nos supermercados e feiras. Não que ela vá comer todos os caquis, mas certamente ela abrirá todas as sementes no anseio de ver os desenhos dos talheres ou na tentativa de invalidar a história.



POESIA, CONTO E CRÔNICA

Fica aqui um aviso a todas aquelas pessoas que gostam de caqui: corram e façam seus estoques, pois pelo jeito, Gabriela vai dar um desfalque na comercialização da fruta. Ainda mais que esta semana é de pagamento, ou seja, com dinheiro no bolso e a novidade da surpresa em voga, haja paciência para desvelar os segredos do “Kinder Ovo dos Pampas”.

ALÉM DAS NUVENS

Domingo de sol e férias. Combinação perfeita para sair, ir à praia, passear na praça... Para os outros. Para mim, dia perfeito para deitar numa rede e curtir um livro de contos e crônicas, um bom romance. Pode ser o “Chove nos campos de Cachoeira”, de Dalcídio Jurandir, ou mesmo “A sombra do Vento”, de Ruiz Safón, cuja leitura há dois anos iniciei e ainda não consegui concluir. Parei por falta de tempo e agora preciso voltar desde o início, para entender o enredo já esquecido. Mas estava assim, pronto para vestir-me com um confortável short e esparramar-me na rede da varanda de casa, quando meus filhos vieram com a proposta.

— Pai, vamos empinar pipa?

Tentei desconversar dizendo que não era época de pipas, mas não colou. Disse que não havia linha para empinar, porém, a vontade deles era maior do que qualquer barreira. Criança quando quer, já vem com a vontade e os argumentos necessários... Disseram-me que na outra rua vendiam linha, cerol, pipa e todos os apetrechos para um bom empinador. Coisa que já sabia, mas não lembrava de ter-lhes informado isso. Onde eles descobriram?

Sem justificativa, o livro e a rede tiveram de esperar. Lá fui eu para a penosa tarefa. Tentei, antes de sair, uma última cartada: não havia vento.

— Não tem agora, pai. Mas ontem foi a mesma coisa, lá pelas nove começou a ventar. O homem da meteorologia disse cedo na televisão, que hoje vai ventar muito pela manhã.

Não havia escapatória. Eles estavam armados de informação. Resignei-me e segui em frente.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A primeira coisa a fazer era comprar um bom carretel de quinhentas jardas. Preferencialmente, linha dez ou zero. A linha vinte e quatro é mais fina, todavia, serve na falta das outras duas. Não consegui achar a zero perto de casa. Encontrei somente o carretel pequeno (duzentas e cinquenta jardas). Comprei dois. O cerol também e a tala. Os meninos queriam a pipa pronta, mas eu disse que fazendo era melhor, dava mais emoção. Eu sabia do que estava falando.

Tudo pronto, partimos para casa, para um domingo de pipas e laços. Eu já estava me animando com a aventura.

Fiz a pipa em alguns minutos. Bastou um saco qualquer de supermercado, a tala cortada na medida certa, plástico picotado e amarrado com linha para servir de rabo e pronto. A brincadeira estava garantida. Os meninos me acompanhavam os movimentos (eu agora já bastante animado)! Carretel devidamente encerado, restava colocar a pipa no ar. Não é que os danados tinham razão? O vento corria de sobra, balançando as palmeiras, atijando os papagaios, rabiolas, curicas, cangulas e rabiolões, que naquele domingo de julho coloriam o céu, igualzinho como na minha infância.

Pipa no ar, meu coração nas nuvens. Disse aos meninos que assim que ela pegasse força, passaria a eles e iria ler meu bendito livro. Resolvi ficar por ali, pois como eles são pequenos (6 e 8 anos apenas), alguém poderia dar laço com eles e cortá-los. Dito e feito: mal coloquei a pipa no ar, ainda sem força, já estava uma outra, da rua de trás, tentando me revirar. Voltei a ser moleque naquela hora. Tive que me sair, não porque não pensasse em dar laço (afinal nunca fui penoso), mas o laço tinha uma hora certa, um momento adequado. Descaí a linha e dei cabeça para o lado contrário.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Nessa hora, imaginei o Dedeu e o Bacurau querendo me pendurar na mão e eu entrando por cima das duas e cortando-os de gasgo. O grito de satisfação foi para toda a rua ouvir. Mas não é que o grito saiu mesmo? “Lá vai, penoooooso!!! De gasgo, otário!” Meus filhos ficaram me olhando. Perguntaram com quem eu falava. Desconversei, disse que era para animar... As vozes do meu passado voltaram para dentro de mim...

A pipa subiu feito pássaro que acabava de aprender a voar. Era catinha, constatei. E o orgulho voltou feito um turbilhão. Afinal, não era eu o fanchão da rua? Quem mais havia cortado, num dia — vejamos bem, num dia — vinte? Não era eu que fazia as rabiolas e pipas mais catinhas da redondeza? Não era eu, enfim, que batia o vidro mais fino da rua e fazia os ceróis mais maneiros do pedaço?

A música veio à mente para me atiçar ainda mais, uma canção antiga, mas que servia para demonstrar todo aquele sentimento que se renovava naquele instante: “Há, há, há, minha pipa está no ar/ Tem rabo grande, tem linha grossa/ Com meu cerol não há quem possa/ Não encosta, não encosta/ Com meu cerol, não há quem possa/ Tá com medo, Cabaréu/ É de linha de carretel...”

— Pode dá-lhe, penoso! — eu disse para um negrinho que tentava colocar uma curica de jornal.

Eu queria dar laço! Empinar sem dar laço não tem graça... Foi então que comecei a descair. A pipa quase desaparecendo de minha vista. Um rabiolão começou a subir na rua de cima. Bastou ele dar o ar de sua graça e eu o revirei. O berro novamente se fez escutar: “Bem na mão, penoooooso!”. Que domingo maravilhoso, que bom era empinar pipa! Mas uma voz veio me tirar do transe:

— Pai, a gente já pode empinar?

Esses Maus Tempos

Já há muitos dias, talvez mais de uma semana, a rã instalada no ralo da varanda chamava chuva. Croac, croac, cró-cró-cró. Rã, xamã, cumpriu-se a profecia: o sertão não se fez mar, mas a rua se fez rio. Está parecendo uma imagem do encontro do Negro com o Solimões, que a gente conhece das reportagens ufanistas. Só que aqui as águas que se encontram são as da fossa com as da lama, e a piracema é de ratos: carentes da técnica dos primos castores para construir diques e barragens, abandonam seus covis agora submersos e, carregando as ninhadas cegas nas costas, refugiam-se nas restingas. Esta última, uma palavra que recordamos das aulas de geografia física, cujo sentido poucos retiveram, tendo se evolido da maioria de nós, em vez de passar para o lençol freático da memória. Eu, por exemplo, acabo de consultar o dicionário. Uma das acepções, por sorte, diz justamente “terra que emerge do rio nas enchentes e inundações”.

Elas culminam junto aos muros em vicejantes matagais, em meio aos quais a passagem constante abre trilhas, e onde jazem, quase soterradas, as manilhas que seriam usadas para o saneamento e subsequente calçamento da rua, se a verba não tivesse sido desviada pela quarta vez, no mínimo. Um dia, serão desenterradas por arqueólogos maravilhados. A placa da obra foi removida, mas o buraco no limiar da via principal, cuja escavação desastrosa já cortara os cabos de telefonia e nos deixara incomunicáveis por um dia inteiro, só foi tapado depois que uma mulher grávida de oito meses caiu nele à noite, por mercê da iluminação precária. Sem

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

embargo dessas minudências, a prefeitura ameaça tomar os imóveis dos que não estão com o IPTU em dia.

Os terrenos baldios tornaram-se brejos, onde os sapos se congregam numa seresta dionisíaca. Pela manhã serão berçários de girinos. Não se sabe de onde surgiram tão rápido e em tal número. É perfeitamente compreensível, que até um dia desses nas longas trevas da história, a geração espontânea tenha sido a doutrina científica. Do contrário teriam que atribuir o fenômeno a um ser divino. Os trovões, que também já foram atribuídos aos deuses, começaram às cinco da manhã, calando as alvíssaras dos passarinhos, e agora mesmo ribombam. Confesso que de trovões tão altos não me recordo, nem no engenho. Os telhados flutuam e os carros boiam, o sol sequestrado, metido num saco de nuvens, em plena abertura de veraneio – hoje é justamente o dia em que o sol morre, segundo as velhas crenças setentrionais –. Talvez os meteorologistas devessem convocar a imprensa para explicar à população perplexa o que são monções, agora que já temos terremotos no interior e tufões na costa. Sinais dos tempos, prenúncios da besta.

Sei, sei que isso está parecendo livro de Jorge Amado ou Gabriel García Márquez, mas que fazer, se a realidade é prodigiosa? Os realistas é que eram uns mentirosos. Com efeito, qualquer um desses dois escritores poderia ambientar nessa cidade uma de suas histórias. São daqui os tubarões internacionalmente notórios que quase vêm dar à praia para abocanhar os banhistas, que por sua vez insistem em frequentar o lugar em que os ataques se deram, numa lacuna dos arrecifes. Assombrando tão numerosos aos domingos, sua visão ao longe, faz pensar numa colônia de pinguins dividida entre a água e a terra. Foi aqui, que um leão de circo

POESIA, CONTO E CRÔNICA

faminto, puxou para dentro da jaula um menino que se aproximara para olhá-lo de perto e devorou-o sem reservas, perante os olhos do respeitável público. Foi aqui, que um edifício chamado Areia Branca, justamente o material indevidamente misturado ao cimento em sua construção, caiu de uma hora para outra; os ex-moradores continuam a esperar indenização, e pode-se supor que o mesmo acontece com a mulher grávida de oito meses que caiu no buraco da minha rua. E é aqui que o mar está engolindo a orla, solapando os prédios como cáries. Não obstante tudo isso, uma onda neorrealista varre o mundo quase sem encontrar resistência, ainda mais agora com a morte de Saramago, esse parabolista, e a aposentadoria do próprio Gabo.

Há pessoas, que se aventuram lá fora, desdenhando o risco tão remoto quanto o real dos raios e o mais real que remoto da leptospirose, já que a chuva recrudescer a cada hora, como se caísse de rachaduras no céu, e cada relâmpago parece um piscar de olhos do universo, como os do atirador no exato instante em que abre fogo.

Temporal é uma convulsão do tempo. É possível que mais tarde se perceba a influência que o regime das marés exerce sobre o nível dessas águas, como se fosse um canal a céu aberto, fenômeno que meu irmão mais velho teve oportunidade de detectar por ocasião de dilúvios menores. E caso a lua se reflita na superfície da lagoa, o cenário, embalado pelos hinos amorosos dos anfíbios, será fétido e poético. Quem diria que a musa dos apaixonados interviria em minha rua sem ser rima de mau gosto? É até provável, a experiência nos ensina, que dois fios de poste encostem, um transformador estoure e fiquemos à luz de velas, o firmamento tanto mais claro quanto aqui embaixo se fizer escuro. Mas, se a chuva não der trégua nem

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

de dia nem de noite, as provisões vão escassear sem demora. Talvez tenhamos que recorrer aos ratos, se não forem eles a nos tomar de assalto. E se esta mensagem, que agora insiro numa garrafa, chegar a suas mãos, caro leitor, sua ajuda será bem-vinda, mas, por favor, não contate as autoridades. Elas estão do lado dos roedores.

Celeiro da infância

A estrada que levava à fazenda do meu tio era cercada por eucaliptos. A porteira de madeira, com os braços abertos, me recebia com carinho. Eu ainda era criança, quando entrei no celeiro da fazenda pela primeira vez. Na época, havia uma grande coruja branca morando lá, sempre de olhos bem abertos. Era como se ela fosse uma grande avó, só observando as estrepolias que meus primos e eu aprontávamos. Fazíamos bagunça, ela piava, nós ríamos.

De todas as brincadeiras no celeiro, a mais divertida era com certeza subir a escada do silo e saltar no mar de milho. “Nadávamos” por horas, sem nos importar com nada, sem nos importar com o tempo. Mas, infelizmente, o tempo se importava e passou...

Já adulto, voltei à fazenda. A porteira de madeira era agora de ferro. Os novos tempos exigiam mais segurança, pois a fazenda já havia sido roubada várias vezes. E o celeiro? Desapareceu. Os novos tempos exigiam mais economia, e estocar os grãos ficava mais barato no celeiro da cooperativa local. E as crianças? Cresceram. Os novos tempos exigiam um comportamento mais sério deles.

Bateu uma saudade grande, enquanto eu caminhava pelo local em que um dia o celeiro existiu. Um dos meus primos estava se preparando para casar, minha prima já tinha até filho e o outro primo estava se formando na faculdade. Eu caminhava sozinho pelo vazio de um celeiro que já não existia mais.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Foi então que o vento soprou e me trouxe uma pena branca. Apanhei-a no chão e sorri. Aquela singela pena deu asas à minha saudade. Fechei os olhos e ouvi uma grande coruja branca piar, enquanto o meu mundo se acabava num dourado e imenso mar de milho.

Ao abrir os olhos, eu vi que o celeiro não estava mais lá, simplesmente porque, agora, não era mais o celeiro que guardava a minha infância... Era eu quem guardava o celeiro, dentro do peito.

**XXXIV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Conto

COMISSÃO JULGADORA:
Athos Miralha da Cunha - CMC
Sílvia Helena Niederauer - UNIFRA
Pedro Brum Santos - UFSM

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados:

1º Lugar:

Elizeu e Maria e a História que não lhes Pertencia
Emir Rossoni - Porto Alegre – RS

2º Lugar:

Quedêlhe
Diego Trindade Hahn - Santa Maria - RS

3º Lugar:

Monólogo sobre Leões e Borboletas
Eltânia André – São Paulo - SP

Prêmio Incentivo Local:

Quedêlhe
Diego Trindade Hahn - Santa Maria - RS

Menções Honrosas:

1º Menção:

Não levar desaforo
José Carlos Santos Peres - Avaré - SP

2ª Menção:

O suado milagre
Raimundo Nonato Albuquerque Silveira - Fortaleza - CE

3ª Menção:

O pacto
Maria Regina Caetano Soares - Santa Maria- RS

Elizeu e Maria e a história que não lhes pertencia

Sei que histórias de amor não rendem boas histórias. Mesmo assim vou contar a deles.

Maria amava Elizeu. Elizeu amava Maria. Mas eles amavam-se separados. E não faziam idéia do que fazer para amarem-se juntos.

Então, um dia, o carro de Elizeu estragou. A oficina era perto da casa de Maria.

“Maria, me dá uma carona hoje?”

“Claro, Elizeu.”

Maria era casada. Tivera apenas um namorado e conhecia apenas um tipo de beijo. Faz isso dez anos: cinco de namoro, cinco casada.

Não conhecera outros homens, nem em pensamento. Na sua cabeça era proibido pensar neles. E era proibido olhar para certas partes. Isso tudo na sua cabeça. Pois Maria era casada. Fazia isso cinco anos.

Cinco anos a trabalhar oito horas de segunda a sexta. De fazer jantar de segunda a sexta. De fazer almoço e jantar aos sábados. Cinco anos de almoçar no mesmo restaurante com o marido aos domingos. Cinco anos de fazer amor terças e sábados. Cinco anos de assistir tevê no quarto às quartas; pois quarta a tevê da sala transmite futebol.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Maria tinha a idade das filhas de suas colegas de trabalho: uma idade fresca para uma rotina tão madura, mas tão madura, que de tão madura parecia prestes a cair: virar semente na terra a brotar em nova árvore. Uma idade fresca que escondia por debaixo dos passos um corpo que tem o frescor da água; e é capaz de esquentar conforme bate o sol. Mas o sol que saía de muitos olhos parecia incapaz de penetrar às roupas que escondiam Maria do mundo. E o sol também não saía dos olhos de seu marido, pois debaixo dos cobertores das terças e sábados, a carne dela amadurecia e entregava-se em prato feito, mas sem os temperos necessários para penetrar além da superfície de dez anos.

Porém, um dia, Elizeu passou a trabalhar no mesmo prédio que Maria, no mesmo andar: sala ao lado. E Elizeu tinha os olhos tão quentes, mas tão quentes, que de tão quentes derreteram as roupas de Maria e, por baixo destas, enxergaram o frescor censurado de seu corpo.

Maria sentiu-se despida por esse olhar. E, assustada, olhou-o. E olhou, sem querer, para tudo nele que julgava antes proibido. E viu o reflexo dela mesma. A refrescar-se em água de cachoeira. Barulhenta e jorrante. Viu-se como jamais se vira antes em qualquer terça ou sábado de cobertores semi-suados.

Elizeu era pouco mais velho que Maria na idade do tempo; mas anos mais jovem na idade nos olhos de quem os via.

Morava com os pais. Melhor dizer: dormia na casa dos pais. Pois trabalhava de dia e morava em botecos na noite. Uma noite por semana em cada boteco. Exceção para o Pinas, que freqüentava duas. Sempre com amigos de monte, às vezes com amigas de monte, que no final da noite transformavam-se em algo, diferente de amigas, para voltar ao normal no dia seguinte. Às

POESIA, CONTO E CRÔNICA

vezes, o monte que o acompanhava era de garrafas vazias de Polar, pois o conteúdo havia-se transferido para seu interior e as cadeiras vazias que rodeavam sua mesa ensaiavam músicas do Chico na cara dura de um bêbado que pede a saideira.

Ele gostava da vida rueira. Da intelectualidade boêmia, queimada nas fumaças de vários tipos de cigarro. Das idéias anarquistas, formuladas no bar que, de tão anarquistas, de tão anarquistas, eram decepadas pelo esquecimento do dia seguinte. Elizeu envolvia-se consigo apenas. Mas, um dia, viu Maria no corredor do prédio em que trabalhava. E ela emanava um calor tão intenso, mas tão intenso, que fez seus olhos grudarem ao corpo dela, olhos cegos a olhar o que não se pode enxergar com um olhar.

Maria despiu-se. Dele aproximou-se. Liberou cheiros de Maria e soprou seu hálito colorido pelo corpo de Elizeu, que abriu os olhos cegos.

Então entrou no seu escritório. Há tempo Maria já estava no dela.

Naquela noite, Maria foi pra casa pensando numa coisa diferente. E tomou um banho diferente. Depois, cuidou da casa, jantou e olhou pela janela de um jeito diferente. E, quando preparava-se para dormir, já adornada de cremes de Maria, viu seu quarto, viu sua cama, viu-se no espelho e viu o marido; e tudo era o mesmo. Viu então que aquela noite seria a mesma noite de quinta-feira de dez anos. Uma noite tão longa, que acaba num piscar de olhos. Então Maria deitou e deixou as pálpebras caírem para o mesmo sono de sempre, certa de que teria os diferentes sonhos de nunca. Elizeu, depois do trabalho, foi para o bar. Carregava na pasta o serviço que não terminara no escritório e que nem olharia até o

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

escritório do dia seguinte. Mas, como todas as pessoas que acham que vão fazer as coisas, carregou o trabalho consigo para casa: o bar. Além disso, carregou uma vontade diferente: era vontade de provar uma cerveja diferente, cerveja com gosto de vida que não tinha. E carregou também uma vontade de provar um prato diferente, que tem gosto que não se pode descrever antes de provar. E, naquela noite, Elizeu viu várias cores de cores diferentes. Então foi pra casa por um caminho que não costumava seguir: o caminho do onde estou?

Mas Maria sabia que era casada e já era casada há muito tempo para pensar em coisas que todos pensam nessas situações. E Elizeu sabia que Maria era casada e isso o fez pensar nela muito mais intensamente do que pensaria se fosse ela solteira e pudesse a qualquer momento com ela ficar.

Mas ela não podia.

Até que um dia o carro de Elizeu estragou. A oficina era perto da casa de Maria.

— Maria, me dá uma carona hoje?

— Claro, Elizeu.

Todavia, o engarrafamento do final de tarde aumentou com um acidente que não podia ter acontecido. E o tempo em que ficaram juntos no trânsito multiplicou os muitos assuntos numa vontade única e silenciosa, que se manifestaria num desejo de comer qualquer coisa num boteco antes de retomar o caminho tão diferente de suas vidas, mas que se convergia num trecho de mão única claro-sinuoso.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

— Topa, Maria?

— Tá Elizeu, pode ser.

Aguardaram o atendente chegar, sem muitas palavras na boca, mas muitas frases nos olhares que se perdiam nas paredes alaranjadas de gesso poroso. Maria gostou da decoração quente.

Elizeu pediu um pastel de novidade. E bebeu cerveja.

Maria bebeu apenas alguns goles da mesma bebida para não deixar o pastel de que faço aqui? ficar preso na garganta.

Comeram em silêncio, para contrabalançar o turbilhão de informações que se passava à cabeça.

Então, no último gole daquela cerveja, Elizeu disse 'te amo'. Mas disse numa voz tão baixa que só ouvida foi pelo coração de Maria, que nada disse, pois estava mudo de surpresa.

Ele pediu mais uma cerveja.

Enquanto isso, continuaram apenas se olhando, talvez falando na língua dos anjos, mas essa língua eles não entendiam e talvez anjos não existissem, o que existia eram eles dois, e duas asas em suas costas a erguer-se em coração.

Maria não acreditara que aquilo pudesse estar a acontecer, porque a vida de Maria era uma mentira.

E Elizeu era uma verdade tão verdadeira, mas tão verdadeira, que de tão verdadeira Maria pensou ser uma mentira do tamanho de dez anos de desculpas esfarrapadas pelas superfícies do dia-a-dia.

Era hora de pedir a conta. Hora de pegar o carro e deixar Elizeu na oficina. Mas aquela carona duraria para além da oficina ou de alguns quilômetros de noite com sabor de nova estação.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Na mesma noite, quando estava no banho, ouvindo a água cantar uma música de “ouça o coração”, Maria sentiu que seus próximos dez anos de vida deveriam ser diferentes. Deveriam ter gosto de surpresa, gosto de pastel de fim de tarde, gosto de vida com Elizeu, e a isso chamou amor.

Mas Maria nada sabia de amor: só sabia de seus anos e mais anos investindo numa vida estável: a princípio pensava que sua vida bonita era o próprio amor: mas viu que não era: sua vida eram dias de vai com as outras: e os minutos com Elizeu faziam-se mais fortes que dez anos de nada.

E Elizeu, de carro consertado, passou pela rua do bar preferido, mas não estacionou porque, apesar de ser cedo, já havia vivido aquela noite. E sentiu que, daquele instante até quando durasse Maria em sua vida, seus dias seriam pensar nela. Dirigiu para casa com gosto de felicidade na boca, e a isso chamou amor.

Mas, pensava Maria, o que estará pensando Elizeu?

Elizeu em nada pensava: Maria ocupava todas as porcentagens de sua concentração: e, embora só soubesse das mesas de bar com cheiro de madrugada, a partir de Maria, já sabia de algo mais: sabia que aquelas mesas seriam melhores se divididas com ela: mas onde enfiar os amigos? Onde enfiar as amigas? Pra onde mandar todos quando quisesse ficar apenas com Maria? Elizeu não sabia que espaço daria a ela, mas um espaço ela deveria de ter: porém, esqueceu-se que Maria era casada e que isso não era tão simples assim, afinal ele nada sabia de amor.

Então ele parou de pensar se ela também pensava nele.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Passou-se uma semana. E nada de se verem. Até que o marido de Maria viajou a trabalho: duas semanas fora. Até que o corredor do edifício em que trabalhavam tremeu tão forte num depois do , que as paredes todas caíram, as salas separadas dos vários escritórios transformaram-se num único grande salão de baile.

E os olhos de Elizeu e Maria cruzaram-se: mútuo convite para dançar.

Foi um de encontro ao outro, como andassem sem tocar o chão e sem esbarrar nos entulhos de vida que os separavam. E o corredor novamente voltou a ser corredor e as salas puderam voltar a ser salas e todos puderam continuar com sua vida normal, pois, afinal, eles tinham se encontrado:

- Sabe o que eu tenho vontade de comer hoje, Maria?
- O quê?
- Um pastel de boa companhia.
- No mesmo lugar?
- Na mesma hora!

Quando Maria chegou ao bar, ainda emanando perfume fresco de manhã, Elizeu já estava acomodado a uma cadeira de esperança e também já havia bebido duas Polares, fumado alguns cigarros e suado de será que ela vem?

Maria sentou numa cadeira parecida e falou numa linguagem parecida. Porém, aos olhos deles, via-se que não tinham muitas combinações, a não ser a vontade de estarem ali.

E a conversa de um complementou o passar das horas do outro. Quando viram já era tarde e já haviam bebido várias. E perceberam estar com fome.

- Pizza pra mim, disse Elizeu ao garçom.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— Vou querer esta panqueca, disse Maria apontando para o cardápio.

E quando os pratos chegaram, as cadeiras estavam bem mais próximas, assim como as pernas por baixo da mesa, os antebraços a procurar o outro corpo. E os sorrisos se viam nos lábios. E nos olhos via-se algo difícil de explicar. Talvez, nos olhos deles, se pudesse ver uma história que não lhes pertencia.

E lá no meio da pizza de Elizeu, ele olhou para Maria.

— Quer provar?

— Quero.

E levou um pedaço de massa fina com mussarela derretida à boca de Maria com o próprio garfo, repleto das vontades presentes em sua saliva. Ela abriu a boca devagar, aceitando a pizza e o garfo de Elizeu.

E gostou.

Gostou tanto que saboreou de olhos fechados.

E quando novamente pôde ver o mundo que a cercava, viu a face pulsante dele rente a sua e quis sentir de novo o mesmo gosto. Então fechou os olhos outra vez e abriu de leve a boca. E Elizeu transferiu todo sabor que havia em si para a boca de Maria. E ela descobriu que mussarela tinha gosto de quero mais, gosto quente e molhado, gosto em movimento, que faz fechar os olhos e pensar em coisas que não precisam ser reais.

Então o beijo nas bocas findou. Migrou para dentro de ambos. Que continuaram a beijar-se de rostos separados; mas as mãos já estavam unidas por baixo da mesa. Apertavam-se e percorriam-se na tentativa de descobrir o que de tão bom havia no corpo contrário que não os deixava pensar em outra coisa.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

E, logo, seus mundos que eram tão diferentes deixaram de existir. As cortinas fecharam-se e o quarto de motel foi o cenário da encenação que ninguém viu.

Durou tanto tempo quanto necessário. Tempo que eles não viram passar, mas o tempo é só uma medida de vida que faz as pessoas olharem pra trás; e tudo que não queriam naquela hora era olhar pra trás; o que queriam era matar as medidas, assassinar os poréns e viver a história que não podia ser vivida fora de seus corpos. Nunca dormiram noite tão boa. E nunca acordaram manhã mais feliz.

E quando Maria chegou ao trabalho no dia seguinte, estava Elizeu em frente ao elevador.

Nas mãos, maço de flores. Nos olhos, um desejo. Na boca, uma frase feita.

— Maria, pra você.

— Obrigada.

Ela sorriu sorriso roubado do coração. Ele continuou.

— Preciso te dizer umas coisas.

— Almoçamos hoje. Até.

— Adorei as flores. Combinado o almoço.

Ao meio-dia, escolheram um restaurante perto do trabalho, mas onde sabiam não haver pessoas conhecidas. Elizeu ensaiou frases melosas que Maria adorava.

— Maria, estou apaixonado por ti.

— Elizeu..., Maria sorriu em reticências.

Depois continuou.

— Você não pode.

— Mas estou.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— Sou casada.

— Sei disso.

— Se sabes, também deverias saber que não podes.

— Então aquele teu olhar, aquele teu sorriso, aquelas tuas vontades de ontem não são verdade?

— Foi bom o que aconteceu. Gosto muito de ti. Mas não podemos.

— Por quê?

— Porque sou casada. Além de tudo, somos completamente diferentes, nossos mundos jamais se cruzariam.

— Mas tem um mundo em que apenas nós podemos viver.

— Apenas palavras, Elizeu. O mundo não é feito delas.

Elizeu não conseguiu comer o almoço. Também não conseguiu trabalhar a tarde. Em compensação, bebeu à noite. Porque nenhuma noite passaria a ser plena depois da noite com Maria. Então deveria engoli-la em goles grandes e seguidos. Assim, não haveria tempo para se pensar em outras coisas.

Maria sabia que não deveria mais ver aquele homem. Mas, apenas sabia. E saber as coisas não é suficiente. Dois dias depois, ao final de tarde, estavam olhando-se nos olhos e devorando as vontades nada escondidas em suas faces e corpos.

— Maria, se o problema for o casamento, separe-se.

Mas Maria teve medo. Medo de ter pressa. Medo de não conhecer Elizeu. Medo do passado que não a fazia feliz, mas que assegurava um futuro sem tristezas. E teve tanto medo que disse para Elizeu ser melhor ir devagar, melhor esperar, melhor verem-se de vez em quando apenas; apenas quando desse vontade. E disse isso em voz tão cortada por soluços e suspiros e interrupções, que

POESIA, CONTO E CRÔNICA

não se pode descrever como parte de um diálogo, foi parte apenas de uma história que talvez nunca acontecera.

E assim passou-se uma semana. Viam-se quando tinham vontade. E sentiam vontade todos os dias.

As histórias não pertencem às pessoas. As pessoas é que pertencem às histórias, que podem ser longas, ser curtas e podem não existir.

Naquela semana, Elizeu pensou que a história dele com Maria, de tão forte que era, nunca teria acontecido. E tentou ver o quanto Maria não seria importante na sua vida que era tão diferente da dela quanto as cores que não se misturam.

Mas, naquela semana. E no final de semana que seguiu, e na outra semana que também passou, Maria pegou as cores, tão diferentes uma das outras que separadas conviviam tão bem e desenhou um arco-íris.

E viu que o arco-íris tinha brilho de Elizeu junto dela. E sorriu de peito inchado de uma felicidade que não existia, pois a felicidade fazia parte de um mundo pintado a lápis de cor. E, nesse momento em que ela coloria a vida, Elizeu traçava tabelas e números, e gráficos e setas, que lhe indicavam um caminho para longe de Maria, pois se dera conta que Maria era casada e que não poderia por ela se apaixonar, pois ela jamais deixaria o marido e, mais cedo ou mais tarde, estaria ele de cotovelo inchado de dor de amor.

Porque a boca de Maria era uma fonte de vida. Mas sentia essa fonte envenenar-se toda vez que chegava em casa sozinho,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

depois da roda de cerveja no bar, e a imaginava beijando o marido, dormindo com ele de lábios entrelaçados.

Só não sabia que Maria tinha mudado de opinião, depois das semanas de encontros evitados e pensava e repensava nas frases melosas que ele costumava dizer. Mas isso não importou na hora em que conversavam de sem querer.

— Tu tinhas razão, Maria.

— Por quê?

— Somos muito diferentes

— É, somos.

— Talvez por isso eu tenha me empolgado contigo. Por eu sempre querer ser como tu.

— Como assim?

— Tu tens uma vida... uma casa pra voltar à noite. Um abraço que te espera, uma cama com dois travesseiros...

Elizeu levantou-se. Também tinha uma vida enquanto estava com ela. Mas sua vida quando sozinho, restringia-se a procurar um copo qualquer. E esperar a hora de voltar pra casa.

Tinha uma dúvida e esta não lhe era cruel. Cruel era a certeza de uma convicção e de uma decisão que acabara de tomar.

Olhou rápido para Maria pela última vez. E caminhou na direção da porta. Na direção de uma dor que sentia forte.

Choveu nessa noite.

E a delícia dos cobertores nas noites de chuva não acalentou nem Elizeu e nem Maria.

Dormiram sozinhos; ouvindo os pingos de água chocarem suas vidas contra as janelas intransponíveis, caírem pelos andares

POESIA, CONTO E CRÔNICA

e morrerem no chão, onde transformavam-se em qualquer outra coisa, menos pingos de chuva.

Na manhã seguinte, Maria chegou cedo ao trabalho. Da janela, espiava, a ver se Elizeu entrava no prédio.

Mas ele não apareceu.

Elizeu quis fazer outro algo, para ver se conhecia outra coisa que não Maria. Maior e mais forte, que calasse aquele chamado que ecoava no rádio dos seus ouvidos, mas rádio não é nome de osso de ouvido, porém também sente dor quando esta quer, porque quer aparecer de todas as formas.

Foi andar na beira do Guaíba; foi falar com crianças que pescavam nada. Mas uma delas de repente pescou um peixe que nadava no olho de Elizeu, que tentou escondê-lo, vestindo os óculos escuros, para ver se diminuía o tamanho da dor tão doída que ele fingia não sentir, mas ela ficava lá, escondida, enquanto as crianças tentavam pescar outros peixes, em outras partes do corpo de Elizeu.

E passou-se o dia.

E passou-se outro dia.

E mais outros vários.

E Maria chegando cedo no trabalho. E a janela não apresentando a chegada de Elizeu, que nunca mais foi trabalhar lá. E teve um dia, depois de muitas noites viradas, depois de muitas Polares engolidas, que Elizeu ergueu o queixo. 'Estou bem.'

E tinha um amigo, que morava em outra cidade, que conhecia alguém nesta outra cidade que trabalhava no mesmo ramo que Elizeu.

Mudou-se na mesma semana. Já não era preciso fugir da dor. Julgava que dor já não sentia e que Maria já se havia ido.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Então saiu da cidade. Arranjou novo emprego. Fugia? sim, fugia. De si mesmo? não, não era de si mesmo, era da dor que ele não sabia que era dor.

Porém, antes de sair, passou bem cedo no prédio em que trabalhara. Retirou um envelope fechado da pasta com os dizeres 'A/C Maria' e colocou por baixo da porta fechada da sala dela.

Maria já não chegava tão cedo ao trabalho e Elizeu já era só uma lembrança que não deveria existir. Pela janela, já nem olhava para ver se ele aparecia, exceto em certas recaídas normais a qualquer um. Mas Maria tinha marido. Tinha noites de amor às terças e sábados. E na semana que passara até fora num *happy hour* com amigas. Porém, nas quartas-feiras, ainda precisava refugiar-se no quarto, pois a tevê da sala sintonizava futebol. E, nessas quartas, Maria sintonizava Elizeu, que vivia mais que um jogo de tevê.

Naquela manhã, Maria viu um envelope destinado a ela, sobre a mesa. As letras garrafônicas espreitavam bem dentro de sua curiosidade. Uma curiosidade de não quero ver agora. Uma curiosidade de o que será?. Uma curiosidade de quem mandou. Então, chegou a curiosidade de vou abrir logo essa droga.

Um papel simples, escrito à mão:

HOJE NÃO VOU DIZER NEM UMA FRASE
MELOSA, NÃO HÁ MAIS MEL PARA LAMBUZAR
MINHAS PALAVRAS, SÓ UM FAVO VAZIO DE
ABELHAS ÓRFÃS.

Dobrou o papel em dois.

Sentou-se.

Respirou saudades.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Ficou duas horas espreitando as possibilidades. Enfim, criou atitude e saiu. Andou alguns passos pelo corredor, até a sala onde trabalhava Elizeu.

Parou diante da porta.

Olhou para o número da porta.

Encheu os pulmões de possibilidades.

E pensou.

... pensou.

Pensou demais, outra vez pensou demais.

E a mão a meio caminho entre o corpo e o bater da porta voltou para junto de si. E Maria voltou para sua sala. Voltou a apertar-se em dúvidas. E voltou a prometer para si mesma que jamais chegaria de novo rente àquela porta.

‘Essa história nunca existiu’, pensava enquanto terminava o dia. ‘Essa história nunca existiu’, pensava enquanto terminava mais uma semana, que também nunca existira. E os dias de Maria também não mais existiam. Nem as noites. Nem os feriados.

Nem os sábados à noite cheios de amor sem amor.

Era hora de fechar os olhos e sentir Elizeu sobre seu corpo. E sentiu que ele estava dentro, muito dentro dela e que dali não sairia. E pela primeira vez, em muito tempo, o amor provocaria um gemido numa noite de sábado. E o gemido, um sussurro que não se sabe o que mais provocaria, pois logo Maria dormiria com o marido virado para o lado. Este sábado terminaria com gosto de nunca e logo traria o domingo, e os domingos, ah, os domingos, esses são todos iguais e não rendem boas histórias.

Quedêlhe

A turma do Zózimo era muito engraçada. A começar pelo próprio, que costumava usar certos termos que nem minha avó usava mais.

— E aí? Vamos pegar uma matinê amanhã ou não? – indagava à turma, perguntando se estavam a fim de ir ao cinema no dia seguinte, no turno da tarde. O pessoal nem ria, todos já haviam se acostumado com o jeito do Zózimo, que, para começar, já tinha nome de velho. Ou você já viu algum outro garoto chamado Zózimo? Realmente, era a sua sina. Um outro amigo nosso só foi descobrir que aquele era mesmo o nome dele e não apelido anos de convivência depois.

— Mas o que dá na cabeça de uma mãe batizar o filho assim? – indignava-se. Mas a verdade é que Zózimo era um sujeito bem-quisto em todo o bairro. Também, concordavam todos, um cara que fala como ele não pode ser um mau sujeito. Porque o associávamos aos nossos bons avós, provavelmente.

— Quedêlhe meu ingresso? – Perguntava Zózimo.

— Tá na mão e pá. – Respondia seu amigo Gatuca, esse sim, apelido de infância. A princípio, era Tuca. Depois de levar uma surra de um gato vira-lata, que andava pelo bairro, ganhou umas cicatrizes, o prefixo e o apelido definitivo. E atualmente, a marca registrada de Gatuca é o “e pá” no fim de absolutamente todas as suas frases.

— Vamos comprar umas guloseimas para assistir ao filme? – perguntava Zózimo.

— Vamos comprar uma pipoca e pá. – sugeria Gatuca. O resto da turma era composto pelo Sérgio, sexólatra sem cura, mas que geralmente mais inventava histórias do que realmente fazia; o Kadu, filho de advogado, que, por diversão, abusava da “mesóclise”

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

nas frases que proferia, mesmo sabendo que o fazia quase sempre de maneira errada, pois dizia que assim procedia, porque gostava de copiar alguns termos difíceis usados pelo pai para ir treinando, pois pretendia seguir a mesma carreira; e o Luciano Felipe, que tinha a mania de terminar algumas palavras com um curioso sufixo “eira”.

— Pô... Esse filme é pra criança... A gente tinha que assistir algo mais... – reclamava Sérgio.

— Assistir-mo-emos esse e ponto final. – cortava-o Kadu.

— Baita filmeira! – completava Luciano Felipe.

Andavam juntos todos os dias. Não eram os sujeitos mais populares do bairro, mas se davam bem com todo mundo. Apesar disso, não costumavam se misturar. Andavam realmente só os cinco. Lá de vez em quando, apareciam em alguma festa do resto do pessoal do bairro, mas mesmo nessas ocasiões, costumavam ficar mais entre eles mesmo. Poucos tiveram a oportunidade de conhecer de perto aquela turma engraçada, ainda que ninguém tivesse muito interesse mesmo. Afinal, só os viam meio à distância e os *playboys* os achavam um bando de zé-manés e os zé-manés os achavam meio *playboys*. Ou seja, eles não eram nem uma coisa nem outra. E nem se preocupavam em se enquadrar.

— E aí, Gatuqueira!

— Fala, Luciano. Vamos curtir um joguinho hoje e pá?

— Não sei. Vamos passar lá no Zózimo?

— Vamos lá. Depois a gente passa no Sérgio e no Kadu e pá...

— Falou.

E lá iam os dois juntar o resto da turma. Iriam assistir a uma partida do time da cidade pelo campeonato estadual da terceira divisão.

— Fala, Zózimo. Vamos lá naquela jogueira?

— Claro. Deixa só eu pegar um pullover que acho que vai gear...

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Realmente, Zózimo não tinha só palavras de velho, tinha atitudes também. E não saía de casa só com o tal *pullover*, mas também com uma almofadinha para sentar na arquibancada de cimento do estádio municipal.

— Vamos lá no Sérgio e pá.

— Peraí, que o Kadú já tá chegando ali, ó...

— Ah... Não esperar-me-iam, né?

— Ai, caramba. Vamos fazer uma vaquinha e te colocar numa aula particular de português para você aprender a falar direito isso aí, Kadu...

— Mesocleira!

— Estamos indo lá no Sérgio e pá.

E seguiram os quatro até a casa do Sérgio. Chegando lá, foram atendidos pela mãe dele, que pediu que eles esperassem um pouco, pois Sérgio recém estava acordando.

— Caramba. Três e vinte da tarde... No mínimo, ele ficou no videogame até tarde da madrugada... e vai vir nos aplicar que ficou fazendo sexo.

— E aí, rapaziada? Desculpa o atraso...

— Putz, Sérgio... três e vinte... o Atari foi longe ontem, hein?

— Que Atari? Só se foi o Atarado aqui! Peguei uma gatinha que...blá blá blá... e assim... blá blá blá... e aí...

— Tá bom. Vamos andando, que tu já nos atrasou demais e pá.

— É, mas essa minha mamata vai acabar. Resolvi arranjar um emprego. Vocês sabem... sempre passei a minha vida inteira pensando em sexo... Mas agora chega disso. Agora, só o que penso é como ganhar dinheiro. Dinheiro, cara. Dinheiro. Arranjar um emprego. Abrir um negócio... É só no que penso...

— Bom, legal...

— É, juntar dinheiro para poder fazer sexo tranquilamente, sem outras preocupações, complementava Sérgio, mostrando o quanto estava realmente mudando.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Logo estavam na frente do estádio. Faziam um lanche num bar que havia por ali e entravam para pegar um lugar legal, ainda que sobrassem lugares no estádio, graças à falta de empolgação da comunidade com o time. Mas o jogo começava e quem estava lá vibrava muito, esquecendo momentaneamente o amadorismo que predominava no clube, desde a diretoria até o time. Até que o primeiro lance tosco lembrava a torcida.

— Putz! Tem que bater de chapa, gritava Zózimo.

— Credo. Os caras são muito ruins e pá. – desolava-se Gatuca.

— Que peladeira... – concordava Luciano Felipe.

— Decepcionarmo-no-emos com o resultado deste jogo, estou vendo... – previa Kadu.

— Putz... Não tem uma gatinha aqui... Não sei o que a gente ainda vem fazer aqui... Se era para ver pelada, a gente podia ir na zona, por exemplo, filosofava, alheio ao jogo, folheando uma Playboy, Sérgio. No fim da tarde, voltavam para casa, criticando o seu time, que havia levado dois a zero.

— Os nossos beques são muito fracos. E o arqueiro também não passa a mínima segurança, analisava Zózimo.

— Pô... Quer segurança, toma aqui, zoava Sérgio, oferecendo para o amigo um preservativo.

— E aquele gol que o centroavante perdeu e pá?

— É, era só enfiar uma bicudeira! Quis dar colocadinho...

— Não – discordava Zózimo – até dava para bater de chapa, mas o cara não tem jeito pro negócio...

E assim iam embora, discutindo os lances da partida, enquanto Sérgio pensava em quem poderia comer aquela noite.

No dia seguinte, reuniram-se novamente na praça do bairro, que era seu quartel-general e Zózimo apareceu com um sujeito que aparentemente a turma não conhecia.

— Esse é o Milton. Lembram? Ele foi nosso colega até metade do primeiro grau...

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Forçando um pouco a memória, eles lembraram.

— Tu não tinhas uma irmã? Quase saiu um “gostosa”, no fim da frase do Sérgio.

— Não, não... esse acho que era o Nilton, que a gente chamava de “Niltinho, meu cunhado”...

A turma riu da lembrança. Milton fez mais algumas piadas e ganhou a simpatia dos cinco.

— O Milton estava morando fora e agora voltou aqui pro bairro.

— Bom, pessoal. Prazer rever vocês. Ainda tenho que ajudar minha mãe com a arrumação da mudança lá... A gente se vê.

— Ok. Falou, Milteira!

Depois, Zózimo anunciou que Milton estava meio deslocado na volta ao bairro, era gente fina e ia passar a andar com a turma. O pessoal topou, aparentemente numa boa. Na verdade, estranharam um pouco a idéia, afinal estavam acostumados a estar mais só entre os cinco, tendo mais intimidade para falar qualquer besteira que fosse e tal... mas acharam que Milton parecia mesmo um sujeito legal e concluíram que não haveria problema.

No dia seguinte, encontraram-se no mesmo lugar. Os seis estavam lá. Ficaram a tarde inteira papeando. Milton contando suas andanças antes de voltar para o bairro. Logo, estavam bem entrosados. Inclusive, começando a zoar entre si, o novato da turma e os veteranos. Mas brincadeiras à toa, afinal, ainda não tinham tanta intimidade. E assim foi nos dias seguintes. Até que numa segunda-feira de tardezinha, Zózimo resolveu perguntar:

— E aí? Vamos dar uma volta?

— Vamos! Toparam todos.

— Ih... – avisou Gatuca – Lembrei que tenho que passar no armazém e comprar pra minha mãe uma chaleira e pá...Ao que Milton resolveu emendar:

— Vai comprar uma chaleira e uma pá? A tua mãe vai enterrar uma água fervida? He he...

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Os outros riram meio constrangidos. A turma estava sempre de zoação, mas nunca havia implicado com os “e pá” do Gatuca. Não estavam acostumados. Ele também ficou sério e não respondeu. Mas ficou por isso mesmo. Seguiram os seis para o armazém.

— Deslocarmo-nos-emos para o armazém, então.

— Putz... he he... Tá imitando o mestre Yoda, que fala tudo ao contrário, é, parceiro? Ou tá treinando para político? – resolveu brincar mais uma vez Milton, dirigindo-se agora para Kadu. Este não gostou da comparação, mas, como usava aquelas expressões mais em tom de brincadeira mesmo, não deu lá muita bola.

— Bah, politqueira é dose!! – Intrometeu-se Luciano Felipe.

— É doseira!! – Completou Milton – E das brabeiras. Não é molezeira. He he... Ainda mais no nosso país que é uma roubalheira. O negócio é votar no Gabeira. Ou no Tarcísio Meira... Luciano Felipe riu meio amarelo. Qual é a do cara, pensou. Usando o meu “eira” em palavras onde ele realmente existe... A turma começou a olhar para o Milton meio de canto. Ele estava muito saidinho para quem recém havia começado a andar com eles. Zózimo só ria. O cara tem senso de humor, pensava ele. Mas a verdade é que ele estava indo no calcanhar de Aquiles de um por um deles, ainda que aparentemente não fosse sua intenção ser tão contundente. Só que eles não estavam acostumados a serem zoados naquelas suas características tão pessoais. Não era como zoar de um furo ou de um tombo. Parecia algo mais sagrado sendo profanado. Mas seguiram rumo ao armazém.

— Vou aproveitar e comprar mais umas camisinhas. – Informou Sérgio.

— Pra quê? Vai dar uma festa e precisa de balões? Não perdeu a deixa Milton.

— Não... he he... Tem uma mina aí que...

— Ah, sei... Você vai dar os balões pra ela. He he...

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Gatuca chegou perto do balcão e pediu para o seu Zé, que era o dono:

— Ô, seu Zé... consegue uma chaleira aí... – e meio constrangido, conseguiu controlar-se para não finalizar a frase ao seu modo característico mais uma vez na frente do Milton, mas este mais uma vez não perdeu a viagem:

— E pá!

Mais tarde, quando Milton foi embora e ficaram só os cinco, foi Sérgio quem começou:

— Ô, Zózimo. Não dá!! Esse cara tá nos tirando... qual é a dele?? Ficou zoando do “pá” do Gatuca!!

— É... Qua lé, meu? E ficou tirando sarro do Sérgio. Deixa o cara, se ele quer ficar inventando que vai pegar mulher...

— Ei, eu não tô inventando nada!!

— É, e ficou me zoando também... Excluí-lo-emos da turma, desde já!

— É, fora que começou a falar de Gabeira, Tarcísio Meira e tal, pra mim... que palhaceira!!

— Ô, rapaziada. Vocês têm que ter mais senso de humor... o cara é gente boa...

— Gente boa, uma ova. Um otário. Como ele já chega assim no mais nos tirando e pá?

— Ah, que é isso? Vamos dar mais uma chance pra ele... ele só andou uns alguns poucos dias com a gente...

— Por isso mesmo. Uns poucos dias e já chegou assim? Se esse cara continuar andando com a gente, tô sentindo que eu não vou pegar mais mulher nenhuma... ele vai atrapalhar, eu sei... vai vir com essas piadinhas e aí já viu...

— Vocês estão fazendo tempestade em um copo de água. Vamos dar uma chance pra ele. A gente se acostuma com o cara, pediu Zózimo. Os outros quatro se entreolharam e, meio relutantes, concordaram.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

— Ok. Dar-lhe-emos uma chance... – concordava Kadu em nome do resto da turma, acertando desta vez no uso da mesóclise.

No dia seguinte, os seis se encontraram para ir bater uma bola no campinho do bairro. Devidamente trajados, reuniram-se em frente à casa de Luciano Felipe, que era aquela mais perto do campo. Foi quando Zózimo se deu por conta que haviam esquecido o principal:

- Ei, “quedêlhe a bola?

Milton inflou imediatamente as bochechas e soltou um “puuuuuuf”, enquanto se atirava ao chão, gargalhando. Os cinco ficaram olhando para ele, que não se fez de rogado e passou a rolar no chão, repetindo:

“Quedêlhe”! “Quedêlhe”! Onde já se viu? Minha avó falava assim! E “quá, quá, quá”, ignorando os semblantes sérios da turma. Zózimo olhou para os outros quatro, eles olharam para ele e a partir daquele momento a turma voltou a ter somente cinco componentes.

— Mas que fedelho...

Milton nem viu eles irem buscar a bola na casa de Gatuca, pois continuava a rolar e rir. Quando voltou a si e se deu conta, estava sozinho. Mas sua maldição havia ido com a turma. A partir daquele dia, eles acharam novos apelidos uns para os outros.

— Último a atacar e pá, antecipava-se o Coveiro.

— Revezarmo-no-emos, sugeria Mestre Yoda.

— Ahã... só que pra começar, um par-ou-impeira! – Concordava Lucianeira.

— Eu busco a ampulheta que eu tenho lá em casa para a gente marcar o tempo do arqueiro. – lembrava-se o Vozão.

— Pode me trazer umas *Playboys* também, Zózimo? Não tô a fim de jogar, avisava o Baloneiro.

Monólogo sobre leões e borboletas

... Eu entrei no restaurante que fica na esquina da Brigadeiro com a Ribeirão Preto, a uma quadra da Paulista, gosto de almoçar ali: preço bom, comida caseira e barata. Pedi o de sempre, arroz feijão, batata frita e bife de fígado. Estava cansado, havia montado um armário complicado naquele dia, a última cliente reclamando o tempo todo, pedindo pressa, a loja já estava enrolando a fulana fazia uns quinze dias. Espia isso: no momento de colocar uma das portas de correr, o espelho que deveria vir colado, estava separado, solto sobre a madeira, e por um descuido, espatifou-se em mil pedaços no chão (sinal de sorte – diria minha vó). Não houve jeito de evitar o acidente. Isso acontece, não é sempre, mas às vezes quando menos se espera a coisa estranha. E foi justamente com essa dona aborrecida que não se cansava de reclamar. Acontece, quis argumentar, mas a mulher num ódio danado, não quis saber de explicações e ligou para o gerente da loja: “Olha, eu não quero mais este sujeito aqui na minha casa. Na terça-feira, vocês disseram que viriam e ninguém apareceu. Eu fiquei o dia inteirinho esperando e nada. Hoje chega um estúpido, com um bafo de cachaça, nem se aguentando em pé e (...)”

Naquele dia começou assim: eu via sinais de sorte, mas estava montado no azar. Na televisão, programação extraordinária, “Obama no Brasil” presidente estrangeiro, dos Estados Unidos, ele é homem digno, apertava as mãos das crianças da favela, uma delas chorava compulsivamente não consigo entender o porquê da emoção. Era um aperto de mão e só. As filhas do presidente aprenderam a palavra borboleta em vinte idiomas – também não entendi, por que borboleta? Seria um sinal? – matutei. Não, não podia, era o dia do leão, a mocinha numa indecisão, apertava o

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

controle remoto e trocava de canal, passa um canal de esporte, depois uma televisão educativa com aqueles programas sobre bichos, rios, florestas, pantanal. Trocava sem parar, e vêm outras notícias.

O seu Orlando ligou no meu celular e tive que escutar aquela voz irritante, me dizendo que tinha me dado última chance, mas que não dava mais, pererê-pererê, pão podre... E nessa aporrinhção toda, já estava com o bilhete vermelho mesmo, mandei ele logo praquele lugar com a família e tudo. Dois anos aguentando aporrinhção, uma humilhação atrás da outra, só a cachaça mesmo pra me segurar e suportar tanta humilhação. Não tinha bebido não, nãozinho naquela hora. Tinha, vou mentir pro doutor não, não adoço e nem tempero, se fiz, fiz; se não fiz, não fiz. Oh, parei às quatro da manhã, por pura responsabilidade, a galera tava jogando porrinha.

Meus primos vieram de Pirapetinga, fizeram surpresa. Vieram pra assistir o jogo do Mense, jogão no Morumbi, uma *van* cheiinha. Pra ver como eu tava ligado, mesmo ganhando a última rodada, eu parei, dei uma cochiladinha e lá pelas seis da manhã, tomei um banho, depois um café bem preto e tava novinho em folha. A vida é assim, tem hora que falta, tem hora que sobra e é com o que tá no meio que a gente vive; sim, lembro os detalhezinhos... pode perguntar pra testemunhas,.

Na porta do restaurante, uma senhora pedia ajuda, dizia que precisava voltar pra casa e não tinha como comprar a passagem, já tinha ido à assistente social, mas a única coisa que conseguiu foi um abrigo que ficava bem distante da região central de São Paulo. Fiquei com dó, mas fazer o quê? Não dou conta nem das minhas misérias; um atendente caçoava do outro meu timão que só me dá

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

alegria; na mesa lá do canto, um casal de namorados parecia fazer planos em uma agenda, a moça fazia anotações e o bicão toda hora chupuscava um beijo nela. Dentro do balcão, dois garçons (um deles era o talzinho) se desentendiam por causa da próxima folga, dava pra ouvir o bafafá, e minha refeição esfriando na cozinha? Ninguém nem aí, cada um curtindo suas dores.

É doutor foi assim, assim, Tava de boa, pensando no que eu faria com o dinheiro do bicho, se ganhasse, calminho da silva. O jeito era apostar na sorte de vez em quando. Fazia uma semana que eu jogava no 7464 – leão, tinha fé... me bateu a dúvida, fiquei com uma pulga atrás da orelha: borboleta ou leão? 7464 ou 7415? Os abamas da vida apontam para o final 15, mas o 7464 é o número do coletivo que eu pego todo dia pra aguentar esse inferno todo de patrão, cliente, gente chata e metida à besta, as contas pra pagar, o aniversário da Raíssa no mês que vem.

É minha filha, doutor, tenha outras duas, Raíza e Rúbia. Pôxa, quinze anos! Tem que fazer uma coisinha pra comemorar. A parentada não quer nem saber, exige mesmo, pode ser qualquer arreventa tripa, mas tem que ter festança; passei de manhãzinha na banquinha do Careca e apostei o dinheiro do aluguel, depois eu dava um jeito: cem reais MC ao quinto e cinquenta reais MC na cabeça, tava com fé.

Minha mãe, coitadinha, equipou a casa dela com as moedinhas que jogava nas milhares dos seus sonhos. Ela interpretava e fazia ligação com os animais: se sonhava com água limpa, era coelho na certa; se era barrenta, dava cobra e por aí vai. Ela é uma sábia, agora ela tem micro-ondas, batedeira, forninho; pôxa o forninho dela dá até pra assar tabuleiros de peru, é potente, sim senhor; ah, também pagou a entrega da geladeira com a graninha do bicho.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Lembro mais. Enquanto comiam um suculento filé de frango à parmegiana, minha boca salivou, um dos pratos mais caros do cardápio: (...), um papo sem pé nem cabeça: não deixe não, ele não pode fazer isso não. A casa é sua, Mulher, toma as rédeas, senão ele vai te montar ainda mais. Quando ele gritar com o capeta, na boca coloca um louvor, ataca com Jesus, coloca bem alto. Foi assim que ganhei meu irmão, com o canto do Senhor, sabe como foi? O Beto, meu irmão, colocava aqueles *rocks* do demo, um tal de Titãs, um tal de Lobão e até um tal de D2. Eu pedia — irmão pare, por favor! Mas de nada adiantava, escravo do mal, tava todinho dominado por Satanás, Aleluia! Eu me peguei com o Senhor, invoquei o sangue de Jesus, e derrotamos o tihoso. Eu queria ouvir meu louvor, isso sim é música, mas ele não me emprestava o som. Embirrei. Fui às Casas Bahia e comprei um sonzinho, bom, menina. Precisa ver, dividido em doze parcelas sem juros. Aí o desg... aí, o maninho teve que engavetar as vozes servas do diabo, sabe por quê? Eu acordava primeiro que ele e colocava meu louvor na maior altura e falava: não tira não, deixa Jesus cantar pra nós, isso sim é... Escuta, mano, aí eu cantava na maior altura pra ele aprender. Menina, sabe que hoje ele não escuta mais aqueles pecadores, vou lhe contar um segredo: Deus falou comigo e atendendo um pedido de Jesus, eu abri o som dele e cortei um fiozinho e não é que o senhor fez um milagre: ficou mudo. A maluca da mulher me encarou com aquela cara feia, xô azar, percebeu que eu tava de butuca, prestando atenção, mas porra! Quem manda falar alto. Pra despistar, chamei o cão sarnento — “esse rango saí ou não saí?” Ele veio com desculpinha: moço me desculpe, mas esqueceram de anotar o seu pedido, mas já vou providenciar — disse olhando com raiva pro colega. Depois de um tempo voltou o mané, o feijão

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

acabou, tem problema substituir por farinha? Vi a curva de ironia no canto da boca dele, aí eu montei no ódio *igualzim* daquela mulher. Tava tremendo de ressaca, despedido pelo otário do Orlando, dívida atraindo dívida, aguentando fricote de madame, aí eu judiei: — “meu camarada, é por isso que vocês estão nessa de serviçal até hoje, não têm competência, cadê o gerente? Chama lá, chama o dono dessa espelunca, então, tenho meus direitos”.

O arranca-rabo ferveu, o sujeito gritava, eu gritava mais alto! Pô, tava nervosoço! Pra acalmar fixei na TV: No ABC, uma jovem é arrastada pela correnteza, passa debaixo de alguns carros, e ao ser levada pela enxurrada até o fim da rua, quase é atropelada, mas por um triz é salva, passa bem, apesar dos hematomas e de três dentes quebrados. A mãe soluçava de desespero, e dizia:— “Eu sabia que era ela, senti, mas eu agradeço por ela estar viva...” Depois caiu na propaganda. Eu voltei a pensar naquela humilhação toda e o tempo fechou.

— Vocês fazem isso porque sou pobre, se fosse um engravatado, o meu pedido tinha sido atendido, não, eu não quis mais comer, eu perdi a fome, dane-se o filhote de cruz-credo, dane-se. Ele veio com aquela conversinha fiada, depois de me fazer esperar mais de meia hora (um entra-e-sai de gente), quis me fazer comer aquela gororoba fria, eu não queria mais não. O sangue subiu a cabeça, eu já não tinha mais nada a perder. A vida toda sendo bucha de canhão, ninguém agüenta. Aquele galegozinho-desbotado veio me chamar de nordestino filho-da-puta, quem pensa que ele é, só porque é leite azedo do sudeste, puta preconceito! Mas é trabalhador como eu, serve comida, eu servia aos clientes, ninguém é melhor que ninguém nessa vida. Não é porque eu tenho esse cabelo chamuscado, mão cheias de calo e sotaque, que vão

POESIA, CONTO E CRÔNICA

pisar em cima de mim, não. Quem carrega essa cidade nas costas, não são os pobres de nós nordestinos que viemos pra cá? Meus pais saíram do sertão com uma mão na frente e outra atrás, mas nunca roubamos, trabalhamos de sol a sol. Meu pai era pedreiro, mas criou a ninhada toda, fico orgulhoso. Não, doutor, eu não sou de fugir de responsabilidade, mesmo com uma cachaçinha ou outra na cabeça, eu dou conta do recado: monto móvel, faço carroto, conserto torneira pingando; faço reparos em tudo; pinto casa. Agora eu tava atendendo pessoal que compra móveis da loja, virei montador e só tava cuidando disso. Imagina, doutor, eu fui despedido pelo celular, enquanto aguardava a comida. Isso é uma humilhação e ainda assim, com fome, o diacho do lambe-botas vem com aquela grosseria toda, eu não agüentei. A vontade foi de lambuzar a cara dele de comida quente, jogar a bandeja no chão, mas a única coisa que veio na minha cabeça, oh maldição, foi me defender. Ele avançou, eu avancei também, não sou homem de fugir da raia. Fico na paz : — dou um boi pra não entrar numa briga e uma boiada pra não sair. Mas doutor, não era para machucar, mas ele me deu um tapa na cara, na cara dum homem não se rela, né mesmo? Aí, agarrei numa ira do demo, acochei ele no balcão e bati pra valer. Nunca fui de violência, pode acreditar, não sou fichado na polícia nem nada, vê aí nos arquivos.

É, quebramos tudo, tenho dinheiro pra pagar não, tenho não seu doutor, ele também é responsável. A maldição foi mesmo ter quebrado a garrafa na cabeça do *fidaégua*, mas ele tá vivo, não tá?... Desempregado eu também to. ão tenho dinheiro pra pagar cesta básica não. Como vou fazer , minhas latas tão vazias, nem sei como vou contar pra patroa. Mas peraí, doutor, tá acendo uma luzinha, to pra te dizer uma coisinha, tem uma chance. Talvez eu



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

possa sim, se hoje for o meu dia de sorte, continuo com fé... Mas ô doutor, tenho que saber uma coisa: — que bicho deu hoje? Leão ou borboleta?



NÃO LEVAR DESAFORO

I

A carta mastiga o coração do homem

No que a moita tremeu por detrás do bambuzal, houve corre-corre de nhambus, buscando araucárias sob cócegas de um vento que, quando sopra do leste, anuncia chuvas desvairadas, dessas que lambem encostas. Quisera ir junto com os pássaros e não estar ali, mijando na barba de bode.

Descrente da vida, desde quando Das Dores passou a tramela na porta e fincou nos 18 por 24 do prego o recado:

— Tomo da boléia do destino. Foi bom, porque de aluvião, que não sou de parasitar. Fique com os meus nada. Não me sei; a partir de agora sou do sem... Valei a nós, Nossa Senhora do Socorro. Mulher não falta, das que se assanham num pedaço de atenção no cangote. Tendo rapadura e farinha, acomoda-se o estômago de qualquer fêmea. O amor vem no costume. E dele nem há precisão.

Viu os pássaros arribando, assustados com a sua presença. Conhece os caminhos do vento. Aquele mandava recado: do leste é o de lambar... Mijou na moita, espantando pássaros, empurrando-os às araucárias mais distantes.

Pra donde? Era preciso saber. Deu tento à égua: Princesa! Agora tão descuidada, desde quando Das Dores chegou. Antes era no denço, velha companheira, até para as horas mais agudas da precisão. Acostumou-a no trato, no banho do rio, na escova diária.

II

A solidariedade dos chifres

Parado no batente descascado da venda. Tarde indo-se na algaravia entristecida dos pássaros. Ficar pajeando os gansos em evolução, pontinhos se desmanchando no mais alto; garças estendendo lenços brancos, alumando a quase-escuridão. Mania, essa. Enquanto Das Dores preparava o virado de feijão, matava as horas no fundo do quintal observando a tarde se ajeitar nos ombros das montanhas. Recolhia-se com os pássaros, não sem antes abastecer a lamparina com querosene, dar corda ao velho relógio e se aninhar, menino, no colo perfumado da mulher.

Agora, entre velhos e silenciosos amigos, picando fumo e tomando cachaça. Amizades de muitos anos, dessas feitas de silêncio, da não precisão das falas. Da cumplicidade macia nascida na lida diária, no dividir o mesmo gargalo e as mesmas angústias.

Das Dores de há muito lhe dava chifres. Coragem de contar, ninguém. Que ele era de buscar voo de codorna antes de ave despencar num de repente. Então não haveria um que fosse dos dali presentes a gracejar com Das Dores. Não que ela não se oferecesse, em palmos de pernas, de olhares lambidos, ancas em trejeitos, quando a caminho da venda para a farinha, para a rapadura, para o querosene, para o fubá para o bolo... Tudo na caderneta para pagar depois, que ela conferia debruçada sobre o balcão, os seios nervosos... Mas ninguém olhava mais do que se podia.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Chifre houve e veio de outras bandas. Pois não? Gente dali, não. Medo e respeito.

Que compreendessem o silêncio dos amigos. A conversa mastigada pelas costas, quando ele se havia pela venda para o carteadado e a pinga; o endereço da prosa sempre batendo na porteira, sem coragem para ultrapassar os mourões.

III

A vingança na ponta do punhal

Esfolar o desaforento, espalhar os pedaços pelo campo, aos corvos... E marcar a ferro, como se marcam vacas, antes de soltá-las ao mundo. Carregar na cara a cicatriz de puta, para que o espelho a lembre, todas as manhãs.

Desaforo! Nunca homem havia de levar para casa, sem mais nem menos mais, um quê que fosse... Por menos, muito menos, afundou o punhal em quantos se puseram no contraditório. Agora ali, sem ter como fazer...

Pediu um pedaço de toucinho, retirado do fio preto de moscas estendido no alto, entre caibros. Raspou com o punhal os bichos encalacrados na maturação da peça. Fazer vingança! Todos os três ou quatro da venda, acompanhando o ritual:

— Aqui, os zóios da desgraçada. Perfurados assim, ó Assim, ó!!! Pra mode nunca mais nem ver o gavião levantando voo... Os peitos? Dilacerados! Trucidados, os seios que se ofereciam nervosos sobre o balcão... O punhal, repetidas vezes. Com violência, com raiva, com desespero... Salgou com cachaça e dividiu os pedaços. Ninguém arredou.

IV

Ela deu para o mascate

No caminho da volta, o comboio com as lembranças: estava na ausência, quando ela chegou com umas coisas de dengo e de deixa ficar e tomou conta do terreiro; tratou das galinhas, areou as panelas, caprichou no café, no virado de feijão, enquanto ele observava os pássaros... Na cama estava a serviço, sempre... O calor no lençol, o perfume que era só para ele...

Onde teria aprendido aqueles trejeitos? A dança na penumbra com o corpo banhado no fiapo azulado da lamparina; devagar com as mãos, com a boca queimando... O entorno, a ribanceira de suas curvas, a penumbra dos cantos latejando... Fera quebrando gravetos, acuada, molhada de desejos...

Tinha os pássaros, o monjolo mastigando silêncio e só de vez em quando o mascate passava com uns panos, espelhos, perfumes, lenços, falando sem parar de um lugar muito distante, onde daquilo tudo tinha aos montes, que ela não era mulher daqueles fundos, com todo respeito ao peão. E se falava, falava para o bem dela... E ficava um pouco mais, para descansar as pernas, um copo de leite de cabra com pedaço de bolo de fubá, que sua senhora tem mãos de fada para cozinhar, senhor.

Pois foi a lábia dele e suas miçangas... Ah, se foi! Pensou alto, carregando a morte no lombo da égua e a chuva do leste nos calcanhares, assim que deixou a venda.

Mas há que desapear essa morte para não morrer dela, que o *mardito* jamais tomará daquele rumo novamente. A fama de

POESIA, CONTO E CRÔNICA

depenar codorna no exato momento do declive da ave corria longe. Ele haveria de saber acostumar-se novamente com a ausência no coração, com o descompasso das horas, a companhia da égua Princesa... Ficar por ali, alimentando galinhas, cuidando do quintal; dividir o silêncio com os companheiros na venda e esperar pelas chuvas de todos os dias. Até quando? Esfolar o desaforeto e espalhar seus pedaços pelo campo. Marcá-la a ferro como se marcam as vacas... Não sem antes, talvez pela última vez, percorrer a penumbra daquele corpo e deixar-se nele, desesperadamente.

Arre com os pensamentos que insistem... Sabe que não haverá como se livrar das lembranças.

V

O negócio é calar o pio

Quando apeou um relâmpago incendiou o quintal... Trovão reverberando grutas, riachos e cavernas. Empurrou a porta. Dentro, o bafo do silêncio pesando. A chuva lavando, lambendo o barranco, atrás da moita... Os nhambus encolhidos entre galhos do bambuzal. O quintal morto, encharcado. Grilos e sapos e o pio da coruja. O pio da coruja...

A ave fora criada nos cuidados de Das Dores. Cúmplice, talvez, das artimanhas dela. Com certeza, em suas ausências, velava o amor dos dois, observando com seus olhinhos míopes à distância. Alcoviteira! Agora chora ausência com seu mau agouro. Procurou-a na dimensão do possível. O pio mais insistente, mais presente, mais dentro, ressoando em seu peito.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Sobre o telhado, o olhar em vidro: faiscando... Afastou-se, mirou no olho e puxou o gatilho. O tiro ressoou noite afora. Bando de pássaros-pretos sem rumo, em disparada... A ave despencou pelas telhas enferrujadas.

No chão, o que restou dela... Por um momento pensa em Das Dores ali, estendida. A cabeça estraçalhada. Um nó amargo sobe, aperta. Vontade de vomitar... O estômago pesa. Está frágil, trêmulo. Febre, talvez. Afasta a chuva dos olhos.

Aos poucos o silêncio retorna. Apenas os grilos. Apanha Das Dores, acaricia com raiva as penas da ave... Não sabe se aquele foi o seu último tiro. Olha para a arma. Ela poderia acabar com o seu desespero... Sorri, entre dentes. Por um momento apenas... Arre! Caminha até a divisa da cerca, com as mãos remove a terra molhada para acomodar a ave. Depois, em pé, benze-se. Das Dores está ali, enterrada, para sempre. Diz e sai, cambaleando.

VI

Cada um se vira como pode

Relâmpagos acendem velas pelo quintal. O vento do leste sopra mais lentamente, perdendo força... À porta do casebre ele para. Volta-se. Princesa quieta, molhada, cabeça baixa... Então, resoluto como não estivera desde quando Das Dores tomou seu rumo, resolve: de manhã, abriria uma porta maior no casebre, que a égua não pode mais ficar exposta ao tempo.

O SUADO MILAGRE

Me vejo no espelho enorme do quarto do hotel. Não há dúvida: sou eu mesmo. Custa acreditar ter viajado quatro mil e quinhentos quilômetros, para me encontrar com uma moça de vinte e seis anos. Só que eu a conheci como ela é hoje, e ela me conheceu quando eu tinha trinta e dois, através dos nossos avatares na internet.

Estou, de fato, com cinquenta. Cheio de desejo e de paixão, omiti a minha idade verdadeira. Ela, por sua vez, também apaixonada, iludida, quem sabe, pelas palavras românticas, sexies e sedutoras de escritor de contos eróticos. Só agora, ao me ver nu de corpo inteiro, diante daquele imenso espelho maldito, caí na real; só agora vi o que é ter cinquenta anos. Meu ventre é quase um avental; as carnes moles infiltradas são impotentes até para eu encolher as banhas da barriga e enxergar o pinto murcho. Tremo de vergonha e humilhação antecipadas, embora tenhamos ensaiado inúmeras vezes, e o mútuo desempenho do sexo virtualmente compartilhado, tenha parecido satisfatório. Uma ova! Minha esperança é que a sua decepção seja mínima, ao me ver somente na penumbra e que, uma vez deitados, São Vicente da Agra me ajude...

São cinco da tarde; o encontro ta marcado para as dez da noite aqui mesmo no hotel. Meço a pressão: 15 por 10; conto o pulso: 98. Por que estas merdas não estão em 12 por 8 e 80, depois desta porrada de remédios? Teriam sido aquelas míseras três doses de uísque bebidas durante o voo? O “fdp” daquele médico ainda disse: “O senhor pode fazer tudo com moderação, menos fumar”.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

“E mulher, doutor?” “Bem, nunca vi mulher fazer mal a ninguém. Mas não convém exagerar: duas a três por semana tá bom”. Duas a três por semana... E eu morto de vergonha, não tive coragem de dizer que não dou isso nem de três em três meses... Mas hoje vou ter de dar; mesmo tomando uma mancheia de São Agra. Mesmo estourando, porra! Dinheiro não compra tudo? Pois quero ver se ele não compra tesão.

Dois Propranolol e meu pulso desce pra 78-80; o diabo é a pressão: a bosta só abaixa com Lasix, mas na baixa só a pressão: abaixa também o principal... Ora, se eu ainda nem levantei o “principau, quidirá” depois do Lasix...

Tomo a pílula azul, espero uma hora de seiscentos minutos e ligo a televisão num canal pornô. O único resultado é uma inveja danada daqueles lutadores de esgrima com as suas monstruosas espadas em ação... Em mim não faz o menor efeito, a não ser incrementar o terror de falhar na hora agá. Meia hora depois, tomo o segundo comprimido. Agora, o tempo e as minhas esperanças escoam rápidos que nem água em banheira com ralo destampado, enquanto os ruídos do filme pornô soam feito gemidos de moribundos. Vontade louca de beber uma dose de uísque, mas evito, pois qualquer que seja a marca tem o dom de aumentar mas ainda minha pressão.

Quatro mil e quinhentos quilômetros, meu Deus; só pra voar mais quatro mil e quinhentos e voltar pra casa. posto de broxa. Rebaixado moralmente perante ela e o resto do mundo, pois mulheres não guardam segredo nem das perversões praticadas por elas próprias, “quidirá” de um prato cheio de escândalo “quidem” este. Logo o maior e mais famoso escritor de histórias de sacanagem da literatura nacional, não tá com nada.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Quase entrando em desespero, engulo mais dois comprimidos de Viagra. Meia hora mais tarde, o milagre. A minha alegria é tamanha que sinto dificuldade de conter o ímpeto de chamar o serviço de quarto só pra mostrar a quem vier me atender: homem ou mulher

Nove horas. Desligo a TV com medo duma ejaculação espontânea ou de não controlar o impulso de me masturbar. Me sinto adolescente. Há décadas não tinha tido uma ereção tão intensa quanto esta. A vontade de que o tempo passe mais de pressa, faz-me capengar. Não vejo a hora de dar dez horas. Afinal, deu. Não apenas dez, mas também onze e onze e meia meia noite meia noite e meia... Ansioso, ligo pra ela: “O telefone celular chamado encontra-se desligado ou fora da área”.

O PACTO

O combinado entre Gracylaine e Edhinaldo é que seria apenas um encontro. Depois, que não passaria de um beijo. Depois, que não seria nada sério. Depois, que jamais se casariam. Depois, que jamais teriam filhos. Depois, que teriam apenas o pequeno John. Finalmente, que só a morte os separaria.

Caprichoso, Edhinaldo seguiu à risca a decisão de ambos.

XXXV
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA, CRÔNICA e CONTO

35ª Edição

Santa Maria
2012

257

XXXV Concurso Literário Felipe D'Oliveira

Edição 2012

César Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

Manuel Peres Badcke
Presidente da Câmara de Vereadores

Iara Regina Becker Druzian
Secretária de Município da Cultura
Coordenador Geral do Concurso

Rosangela Rechia
Dirigente de Grupo da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Carlos Cavalheiro e Elizandra Quevedo
Equipe de Apoio

Participaram do XXXV Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de **674** Trabalhos inscritos provenientes de dezoito Estados Participantes: RS, SC, PR, SP, RJ, BA, SE, MG, PE, DF, AM, PA, AL, TO, MT, MG, ES e CE, assim distribuídos: Crônica: **164**; Conto: **220**, Poesia: **290**

**XXXV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Poesia

COMISSÃO JULGADORA:

Eni Celidônio -UFSM
Letícia Raimundi Ferreira - ASL
Ewandro Caldeira -ASL

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Cecogramas

Luiz Alfredo Santos - Belo Horizonte - MG

2º Lugar:

Obra de fé sem luto

Eder Rodrigues - Pouso Alegre - MG

3º Lugar:

Teresópolis

Rosana Banharoli - Santo André - SP

Prêmio Incentivo Local:

Das Medidas

Odemir Paim Peres Junior - Santa Maria - RS

Menções Honrosas:

1º Menção:

Delírio

Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira
Brasília - DF

2ª Menção:

Panacéia

José Carlos Barbosa de Aragão
Belo Horizonte - MG

Luiz Alfredo Santos - Belo Horizonte /MG / 1º Lugar

CECOGRAMAS

Claridade é o escuro acostumado de si.

I

Segredo é o que sendo poema
atravessa o buraco de qualquer agulha.
Pode ser o amor que o vão da fechadura sopra,
a angústia que o porta-jóias amoita ou
a saudade que às vezes escapa pelo bule
e vai moendo o passado
até a distância ficar com gosto de café.

II

O senhor das pequenas coisas não carece
de preces recheadas de amém.
Ensina-me só o caminho de volta,
enquanto guardo a existência dele
no escuro dos olhos
que aprendeu sem didáticas a
não dimensionar nada além do que se é.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

III

O gozo da vida dura o tempo de um fósforo riscado
O resto é coisa da imaginação ou da memória confusa
desses poetas que fazem do olhar, cicatriz.
Só desejo aquilo que por grandezas,
caiba na palma da mão
ou lacrimeja no fundo da alma.
Lagarta se fantasiando de borboleta
ou o adeus em carta escrito à mão.

IV

Acho que a morte quando passou pelos meus olhos,
sentiu que eles estavam cheios d'água.
Tanto que ela ficou na beira,
jogando pedrinhas e mais pedrinhas
para ver se a eternidade dá mesmo
três saltos antes de afundar na gente.

Eder Rodrigues - Pouso Alegre /MG / 2º Lugar

OBRA DE FÉ SEM LUTO

Desde que você partiu
eu tenho retirado meus vestidos do guardado
e estampado o corpo de cirandas curtas.
Não sei se o cheiro de mofo vem deles

ou desta moldura de mulher que agora
se despe sem temer espelhos

sem disfarçar o cio dos olhos
com pó compacto e nenhum rímel.
As veias à mostra tatuam na perna,
o pesar das luzes onde minguou prazer,
o sentido doce onde faltou café.
Meus pés ensaiam uma dança solo
no improvável da cama que largo desfeita,
nesse chão sem mácula e já sem nós.
Tenho misturado menos ingredientes
e sentido mais o açúcar que mina de dentro.
Hoje num dia de missa retirei aquele vestido preto,
próprio para vigílias e tantas rezas.
Cortei metade dele com a tesoura
e na fúria das mãos
arranquei dois botões de cima
decotando a fartura de solidão e seios.
Impróprio ele foi se ajustando.
Disfarçando a gordura dos anos,
a mornura dos sonhos,
os dedos que agora avançam
e até a febre que nunca tinha usado rendas.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Esqueci um pouco de Deus
joguei os comprimidos de dormir fora
quero estar viva quando o vestido chorar
águas que não serão de morte.
Pinto a boca com um viço de carne.
Sinto o gosto do batom, provo dele com a língua.
Os saltos que achava não servir por desuso
me mostram o perto das estrelas.
Não sinto saudade de casa.
Não tenho notícia dos filhos.
Sou eu esta mulher que parte.
Agora-instante bendita sois!
É minha a voz que arde por nenhum romance,
pela herança dos vestidos que deixo para ninguém.
Tenho preparado menos confeitos
e desejado mais o doce que açucara por dentro.
Sigo sozinha, deserta pois.
Sem um véu que escureça meus presságios
sem nenhuma lágrima de mulher pingando no tecido
com um sentimento caseiro no fundo de mim,
acaso o mundo costure as faltas que você deixou
ou borre no meu lábio pintado
este gosto sereno em dizer adeus.

Rosana Banharoli - Santo André -/SP/ **3º Lugar**

Teresópolis

Devoro o cenário
em gotas
para não me afogar
nas ausências

DAS MEDIDAS

Se medisses este corpo
entregue à aragem
de quem à tua sombra
deitou-se em sonos,

haveria de permear ainda
tua dura saliva de âmbar
pelo preâmbulo da pele?

Se tens sangue por rios
no cerne destas artérias
— onde o vento esconde
estes breves suspiros —
em qual vazante a memória?

Aqui me tens por poça
espalhado sobre tua distância
neste solo entre os céus

Aqui me tens portanto
como um escombro
medido por palmos

e por teu esquecimento.

DELÍRIO

Assim como um cavalo negro
a galope.

Mais:
como se lhe caíssem asas
sobre o galope
e seus músculos
explodissem em voo.

Ou antes, ou melhor,
cem alados cavalos

e depois
a perdição
embora frescos
os flancos, os lábios, o sopro,
mas ardentes as garras em guerra:

o efeito do universo que verbera
uma vez e sempre, amanhã também
em corpos voantes
sobre estigmas e estames
da morte

agora
distante.

José Carlos Barbosa de Aragão - Belo Horizonte - MG / 2ª Menção

Panacéia

A palavra é água
onde deságua e finda
toda mágoa.

Se a palavra engasta,
insisto ainda:
um verso basta.

**XXXV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Crônica

COMISSÃO JULGADORA:
Valéria Iesen Bortoluzzi - UNIFRA
Renata de Fileppe - UFSM
Celina Fleig Mayer - ASL

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados

1º Lugar:

Um Presente Antiquado
Whisner Fraga – Araraquara- SP

2º Lugar:

O Passado a Dez Passos
Giuliana Matiuzzi Seerig - Santa Maria - RS

3º Lugar:

Faculdades Mentais
Alessandro Soares - São José - SC

Prêmio Incentivo Local:

Capitães da Rua
Diego Trindade Hahn - Santa Maria - RS

Menções Honrosas

1º Menção:

Sinestesia ,Oximoro e Anadiplose
João Paulo Lopes de Meira Hergessel - Alumínio - SP

2º Menção:

O Rio Negro é o olhar de uma Índia
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo - SP

3º Menção:

Tapetes
André Telucazu Kondo - Caraguatatuba - SP

Um presente antiquado

O parto estava marcado para seis de setembro. Ativistas e parentes condenaram, mas ninguém tinha uma opinião muito fundamentada a respeito do assunto, e Helena ainda não havia se virado, para que pudesse escapar do útero, mundo afora. Além disso, não sejamos hipócritas, a comodidade de uma cesariana nos tentava de uma maneira praticamente irresistível. Como eu sei que essas coisas quem decide é a mulher, assumi meu papel de bom ouvinte e marido compreensível. Quando requisitado, repetia o mantra: você está certa, você tem meu apoio, é melhor assim. Deu tão certo que a gravidez não atravessou nenhuma turbulência.

Eu estava com uma ansiedade à flor da pele, uma ansiedade retroativa, acumulada. As pessoas tinham dado tanto palpite a respeito de tudo, que eu me sentia um pouco zozzo. No carro, uma toalha tinha um lugar fixo no banco traseiro, porque alguém havia nos alertado que a bolsa poderia estourar a qualquer momento e seria água para todo lado. Nossa obrigação era evitar essa vergonha e tentar manter o carro seco. O celular, um objeto que eu ignorava solenemente, passou a ter as teclas e o visor apalpadados paranoicamente, pois Ana poderia me telefonar a qualquer momento, alertando que Helena estava prestes a chegar à luz. A anestesia que Ana receberia no dia seguinte era motivo de pesadelos recorrentes: peridural ou raquidiana? A medida do crânio, no último ultrassom, estava correta? Ela tinha mesmo os dois bracinhos? As pernas eram normais? Todos os dedos estavam lá, tem certeza? O coração batia, você viu? O pulmão já estava formado? Sei hoje que são questões

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

que beiram o preconceito, mas naquela hora nos descobrimos muito mais humanos do que gostaríamos de ser.

Devo confessar que dormi muito bem, obrigado. O nascimento estava marcado para as dez e meia da manhã, mas o médico pediu que chegássemos às seis. Ok, chegamos, tudo é festa mesmo. Nove horas e já estávamos instalados no quarto, Ana com o camisolão verde, deitada numa cama, aguardando. O parto seria a qualquer momento. Dez horas e até que nos saíamos bem, tentando conter a ansiedade. Onze horas e eu pensei que já poderiam ter dado alguma notícia, enviado alguma enfermeira, sei lá. Onze e meia e finalmente aparece um funcionário do hospital. Subimos até a sala de cirurgia, me alertam que irão preparar Ana, que eu espere. Meio-dia e meia me chamam para três minutos de uma cena que, honestamente, a despeito do que todos afirmavam, não mudou drasticamente a minha visão a respeito de nada. De repente, em meio ao sangue e ao espanto, surge Helena! Ela é levantada pelos pés, chora, o anestesiolista faz uma piadinha de praxe, o pediatra aproveita a deixa e solta a sua também e pronto: sou pai.

Sou pai, é o que atestavam. Sou pai, depunham os documentos. Mas eu ainda não era pai. Era um espectador de milagres. Helena era inteira da mãe, por enquanto. Ela só se tornou minha também, só se transformou em filha, mais tarde, quando eu a acalentei e ela descansou em meu ombro e eu descobri que aquela criatura dependia tanto de nós, mas tanto, que nem dormir sozinha ela conseguia. Então eu a abracei desesperadamente e sussurrei: Helena.

Eu sabia que a coisa dali para frente seria cansativa: devia esperar Ana sair da anestesia, devia esperar darem o primeiro banho em Helena, a portas fechadas, evidentemente. Acredito que o

POESIA, CONTO E CRÔNICA

verdadeiro paciente devia ser eu, naquele instante. Fiz o que era esperado de mim, então aguardei. Enquanto mastigava uma brachola mal cozida, veio-me uma inspiração. Eu devia sair dali naquele momento, ir o mais rápido possível a uma papelaria e comprar um caderno e uma caneta. Escreveria o diário de Helena, o diário do nascimento. Seria esse o meu presente a ela, o meu jeito de dizer à minha filha que eu não ficaria indiferente àquele momento. Não, não era somente isso, me perdoem. Quem eu quero enganar? Eu simplesmente ponderei que, daqui a quinze anos, Helena pudesse querer ter uma ideia do que foi de fato o seu nascimento, o que aconteceu, com todos os detalhes daquele seis de setembro. E raciocinei que se deixasse para escrever depois, se deixasse para relatar o acontecido dali a um mês ou a um ano, algo poderia se perder. Na verdade, os pormenores seriam substituídos por variantes, ao longo do tempo. O geral, o grosso da história ficaria. Como, por exemplo, eu contar que Helena dormiu conosco, em nosso quarto, em seu primeiro dia de vida. Isso não vai mudar jamais, o fato será sempre esse e assim seria narrado, mesmo se eu não tivesse registrado no diário. Mas será que eu me lembraria de que dormi em um sofá duro e que, a certa altura da noite, quase morri de susto porque uma enfermeira entrou no quarto sem pedir permissão? Ou então, que requisitei que um técnico para que fosse ao nosso apartamento configurar a rede *wireless* do *noteboo*, e que ninguém apareceu e eu não tive como enviar a foto da pequerrucha para ninguém? Na dúvida, decidi escrever.

Sei que, daqui a quinze anos, esse diário vai ser um presente bobo para Helena. Haverá um tênis ou algum aparelho eletrônico que ela vai desejar muito mais. Daí eu concluo, que fiz o relato do parto e dos primeiros dias de Helena para mim e para Ana, para que não nos esquecêssemos daquele momento, para que digeríssemos a experiência da paternidade e da maternidade, para



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

que nos aceitássemos como um casal que deu ao mundo uma vida de presente. Espero que Helena reconheça naquelas palavras a grandiosidade da vida e do amor.



O passado a dez passos

Foi num dia frio que me mudei pra cá. Vim na parte de trás de uma camionete junto com uns travesseiros e um violão antigo do meu pai. Achei divertidíssimo. Na confusão da mudança, esqueceram de me levar para a escola. Mudança é uma coisa muito boa, pensei. No entanto, ao entrar na casa, calafrios de decepção. Quando eu viera com meus pais para conhecer o lugar onde moraríamos, estava cheio de móveis diferentes e almofadas felpudas. Inexperiente na arte de trocar de casa, pensei que a mobília estava incluída. Agora era um vazio enorme, talvez o maior vazio que eu tinha visto até então, e eu achava que as nossas coisas nunca iriam caber direito naquelas salas diferentes. No fim, acho que eu estava certa.

A rua, uma travessa sem saída em formato de T, com pedras extremamente irregulares. Isso eu constatei porque onde eu morava antes, em determinado ponto do calçamento, se encontrava uma pedra perfeitamente redonda. Era a minha preferida. Às vezes, quando estava caminhando à toa e não havia aquelas garotinhas que perambulavam por ali com as quais eu eventualmente brincava, gostava de ir procurar a pedra redonda. Era algo que só eu sabia, no mundo inteirinho. Levava algum tempo, ela se confundia com as outras, tortas, quebradas, mas sempre acabava localizando-a, belamente roliça e, por efeito do meu interesse, quase reluzente. Feliz de encontrá-la, às vezes até passava a mão para comprovar, uma vez mais, sua bela rotundidade.

Já nas ruas da travessa onde eu viera morar, pedras imperfeitas, anônimas, alguns pontos de areia e nem rastro de

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

equivalência para minha pedra eleita. Mas crianças, várias delas, com idades muito parecidas com a minha. Toda a extensão daquela rua fechada era um grande *parque* e não fazíamos caso de diferenciar o que era rua e o que era propriedade do morador. Bom, ao menos era assim que eu e mais um punhado de gente pequena pensávamos naquela época. As escadas, em frente à casa de um senhor carrancudo, era o ponto de encontro onde não era preciso combinar. Estávamos sempre por ali e nos sentíamos incomodados, quando ele nos fazia levantar, no audaz ato de sair de sua própria casa (agora começo a compreender um pouco a razão dos seus poucos sorrisos). A varanda de uma senhora, sem muros nem grades, um ótimo chão de cimento para desenhar com um pedaço de tijolo qualquer ou eventualmente com aquele toco de giz que ficava no quadro no fim da aula. Na casa ao lado, uma família cujo pátio tínhamos acesso livre, passando por um portão que ficava na lateral e que nunca estava trancado. Costumávamos esperar as duas garotas que moravam ali, já penduradas na árvore, que ficava no fundo da casa das duas.

Numa das extremidades do T, um pequeno casebre com um quintal enorme através do qual, como quem explorava o fim do mundo, constatamos que depois do mato e das árvores se chegava à outra rua, como um clarão de civilização. Passei a sonhar que no pátio da minha própria casa, numa caminhada, eu encontrava uma tribo de índios que sempre estivera morando ali e eu não sabia. Na outra ponta, uma casa grande e bonita, onde morava um menina também bonita, e é claro, má, uma figura que não poderia faltar em qualquer vizinhança. Naquela época, não conseguia constatar maldade assim, de pronto. Achei que tinha sido coincidência que minha boneca tivesse se perdido na casa dela e logo em seguida ela

POESIA, CONTO E CRÔNICA

ganhasse uma igual. Eu até tinha visto a tal boneca num desses móveis monumentais, que eu nunca possuí, que se chamavam solenemente “Estante de Brinquedos”. Fiquei radiante e até agradecida quando ela me entregou a boneca de volta, um tanto mais suja, com um “olha, achei!” tão cheio de naturalidade que só as meninas más são capazes de pronunciar.

A verdade é que ela sabia muito bem lidar com a situação, e sabia também que eu não duvidaria das suas mentiras. Eu admirava tudo na casa dela: o desenho das lanças da grade, a sala com uma grande cortina branca, as plantas que cresciam na janela da cozinha, os móveis irmanados, as grandes portas de correr. Mas eu admirava, sobretudo, algo imaterial: o cheiro da casa. Não era algum cheiro de perfume ou incenso, nem de alguma comida sendo preparada ou de produtos de limpeza. Era simplesmente um cheiro bom que emanava da própria casa, mesmo se não estivesse acontecendo nada dentro dela, uma essência forte e permanente que estava em todos os cômodos. Foi outra vizinha minha quem me deu a boa notícia. Depois de voltar de uma viagem, nos encontramos na rua, ao acaso, e convidei para que ela subisse na minha casa para mostrar alguma coisa. Logo ao entrar, ela exclamou sorrindo: “Que saudades do cheiro da tua casa!”. Então minha casa também tinha um cheiro bom, só eu que não podia perceber. Me senti, ao menos um pouco recompensada, sabendo que não era só a casa dos outros que agradava com uma aura própria.

Aquele brincar na rua, na nossa pequena rua, era sempre para o lado de dentro. A rua larga, de fora, asfaltada, onde era maior o tráfego de carros, era como uma avenida enorme, imensa, intransponível. Tempos depois, as companhias não redundaram nenhuma grande amizade. O fervilhante da infância passou e os

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

interesses tomaram, de vez, caminhos diferentes. Algumas foram embora, outras ficaram morando aqui, viraram mães, viraram adultas e eu como adulta também as cumprimento quando nos encontramos na esquina, sempre indo para o lado de fora.

O hábito e o tempo criaram um cordão invisível por anos e anos. Morando numa das casas da frente, nunca mais tive razões para passear por aquelas ruas internas. Nem mesmo naquela tarde, quando despropositadamente dei aqueles passos para dentro, em direção a elas. Senti como podia ser forte o poder magnético da lembrança. As ruas, com suas pedras e areias, as fachadas das casas, com suas cores e rachaduras, a ferrugem das mesmas grades: tudo estava rigorosamente igual. Durante os quinze anos em que eu deixara de frequentar aqueles espaços, ninguém fizera um reforma, ninguém trocara um portão ou adicionara uma caixa de correio nova. Tudo permanecia como se fosse ainda minha infância. Flutuei por ali, encantada com a possibilidade do absurdo de uma volta ao tempo ao lado de casa. Tudo se passou como num extraordinário sonho lúcido, tendo ainda a vantagem de poder entrar e sair dele quando quisesse. Parecia que a paisagem havia se conservado igual, simplesmente para que pudesse vê-la, como se a partir do dia em que deixei de brincar na rua, sem nem mesmo dar-me conta do fato, tudo se mantivera esperando.

Como ninguém passava por ali naquele momento, nenhuma figura estranha desfazia o cenário. Passeei, espantada, com passos vacilantes, querendo manter o encanto onírico no qual me encontrava. Eu, visitando minha infância, sem querer. Voltei extasiada, subindo pé por pé da escada, como quem volta pra casa no sentido mais profundo dessa expressão. Com razão se diz que a infância só parece bonita em retrospecto; para a criança é uma época escura,

POESIA, CONTO E CRÔNICA

sem compreensão, um percurso inocente no desconhecido, na estranheza, que só ganha um novo sentido no final — quando a criança aprende o que é infância, começa a perdê-la —.

Se é no retrospecto que está a beleza, naquela visão encantada – que não pretendo repetir tão cedo – tive o privilégio de esquecer os recessos de luz e trazer de volta um pouco do que foi e um pouco do que eu fui. Não é preciso saudade da infância, aquela nostalgia romantizada que ignora que sofríamos, já que pobres ou ricos sempre carregamos nossas carências, às vezes há a necessidade de um encontro com ela. E ela pode, vez ou outra, repousar bem ao lado.

FACULDADES MENTAIS

Quando eu era criança fui vizinho de um louco. Nem sei se era mesmo louco, desses que precisam de camisa de força e internação em hospício, mas como todo mundo afirmava que o rapaz era louco, eu acreditava e repetia: – O moço aí do lado é louco! Parece que batia na mãe e nos irmãos, gritava com quem passasse na calçada em frente à sua janela e, às vezes (dava para ouvir de longe), cantarolava uma música do Silvio Brito, cuja letra era mais ou menos assim: “Espelho meu, espelho meu, diga se no mundo existe alguém mais louco do que eu”. Obviamente, tanto eu quanto minha família inteira mantínhamos distância da casa do maluco. Um muro mais alto, com cacos de vidro em cima, foi construído para separar os dois quintais, e grades de ferro passaram a reforçar as aberturas do andar inferior. Tudo para que o desajustado não chegasse perto de nós com a sua loucura contagiosa.

Anos mais tarde, logo que nos mudamos para um bairro diferente, para um sobrado mais bonito e espaçoso do que o antigo, descobri que o morador do outro lado da rua também era louco. Talvez não fosse do tipo que oferece perigo imediato à sociedade, só que muita coisa se falava a respeito do homem. Criava galinhas, um cavalo e tinha uma carroça. Andava pelo bairro fuçando nos sacos de lixo, recolhendo garrafas, ferro retorcido e pedaços de azulejo. Ainda que nunca houvesse demonstrado agressividade nem emitido nenhum som desde que passáramos a residir em frente, as senhoras costumavam virar-lhe o rosto, enquanto os meninos caçoavam das ceroulas que ele próprio lavava e estendia no varal

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

quando abria o sol. Eu não estava convencido, mas ratificava: – Esse velho é louco! Então, por causa de sua solitária esquisitice, nossas portas e portões permaneciam trancados na maior parte do tempo.

Na adolescência, passei a viver em edifício. A cidade estava crescendo e já era preciso pensar na segurança da família. Em vez de jogar bola na várzea com os amigos eu jogava futebol de botão com meu avô. A televisão tornou-se uma grande companheira nos intervalos entre as descidas de hora em hora ao playground do prédio. O único alerta aos condôminos era tácito: – Cuidado, o zelador é louco! Não que o homem não fizesse seu trabalho direito, muito pelo contrário. Retirava o lixo, varria o pátio, distribuía a correspondência... mas cultivava uma barba enorme e desgrenhada, além de colecionar livros. Eram tantos, comprados diariamente nos sebos das redondezas, que até o salão de festas acabou virando biblioteca. Eu mesmo cheguei a pegar uns Monteiros Lobatos emprestados sem que meus pais soubessem, embora sempre ficasse receoso no momento de devolvê-los ao demente.

Atualmente, com a vida ganha e tempo de sobra para dedicar à escrita e à leitura, escolhi um bairro afastado, tranquilo e seguro para morar. A vizinhança é pacata, de gente normal, ao que tudo indica. E a proximidade com o mar tem me trazido inspiração, apesar de eu jamais ter colocado os pés na areia da praia. Do meu pequeno apartamento, costumo sair pouco, apenas para caminhar ou ir até a padaria. Não conheço ninguém e ninguém me conhece. Ainda ontem, uma mãe e sua filha esperavam o elevador ao meu lado na portaria. Como não me cumprimentaram, também não as cumprimentei. Sem motivo aparente, desistiram de subir comigo, quando segurei a porta para elas. Apertei o botão com o número



CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

do meu andar e segui viagem. Certas de que eu me afastara o suficiente, entreolharam-se. De longe, ouvi uma cochichar confidencialmente no ouvido da outra: – Esse aí é o louco do 201.



Capitães da rua

Sinistro costuma dar uma circulada pelo calçadão, mas é mais comum vê-lo passeando pelo parque Itaimbé nos fins de tarde. Por ali anda também o engraçado Alaor. Não são lá grandes amigos, mas também não chegam a ter nada um contra o outro. Toleram a presença alheia sem maiores problemas. Você pode reconhecê-los sem maiores dificuldades: Sinistro é preto na parte de cima, branco na parte de baixo, tem uma orelha torta e, apesar da sua doçura, uma cara de mau que justifica seu apelido para quem não o conhece. Alaor também é preto em cima, branco na parte de baixo, mas é mais baixinho e tem um rabo mais longo, o qual aliás não para de abanar nunca, fruto provavelmente da sua eterna alegria de estar por aí. São alguns dos carinhas que zanzam pelas ruas da nossa cidade, santa-marienses como nós, que cruzam com a gente quase todos os dias, cada grupo em uma direção e com um objetivo: geralmente nós indo, correndo apressados para o trabalho, para o estudo, para pagar contas, mandar algo pelo correio ou alguma outra obrigação; eles vindo, em busca de um rango, alguma companhia e um cantinho ao sol para uma boa soneca. Não precisam de muito.

No calçadão e na praça Saldanha Marinho, estão alguns dos mais ilustres “capitães da rua”, que é como eu os chamo — pegando emprestado e dando uma adaptada nos “Capitães da areia” de Jorge Amado —. Engajados, costumam acompanhar atentamente os protestos que se desenvolvem nessa área central de nossa cidade

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

— e em várias outras também, é verdade. Cansei de ver a cachorrada em frente à prefeitura acompanhando grevistas e outros protestantes: cultos, podem ser vistos frequentemente também na feira do livro e em diversos shows na praça. Certa vez, um cachorro bege, grandão chegou a subir no palco para curtir melhor o espetáculo... devia ser um vid (*very important dog*. Preocupados com o trânsito da cidade, procuram sempre fazer a sua parte, especialmente na Florianópolis com Bozano, onde correm latindo atrás dos motoqueiros, provavelmente avisando-lhes para ajustar o barulhento cano de descarga, repreendendo-lhes por não parar na faixa, ou algo assim – as mordidas nas canelas que costumam dar devem ser uma espécie de multa – ; solidários aos amigos menos afortunados, vi vários deles reunidos junto com o pessoal que organizava um protesto contra experiências em animais na Universidade. E por falar em Universidade, também sabem se divertir e dia desses um outro, um preto baixinho parecido com Alaor, seguia alegremente, um grupo de bixos (com “x” ou com “ch”?) da “Fi-sio-te-ra-pia! Fi-sio-te-ra-pia!”... lá estavam eles, confraternizando enquanto subiam a Venâncio Aires.

Uma outra cadela que vagava pelo centro, talvez a mais famosa da cidade nos últimos anos, a Gorda — curti o Calçadão de dia e o Bar do Pingo e a *boite Ballare*, de noite e na minha imaginação equivalia à Dora do romance de Jorge Amado — teve *mais sorte que a maioria deles e foi adotada por uma família. Dizem que, além da obesidade que a vinha prejudicando, outro problema é que andava sendo maltratada pela rua e hoje felizmente tem um cantinho todo seu, onde segue comendo bem, porém mais equilibradamente, e recebendo sempre afagos na cabeça.*

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Havia até um tempo atrás também uma curiosa gang dos vira-lats na cidade. Um bando de uma dezena de cães – cheguei a contar doze certa vez – que andava junto todos os dias pelas ruas de Santa Maria, causando risos em algumas pessoas e um certo receio em outras. Até hoje me questiono fascinado como funcionaria a dinâmica daquele grupo: como faziam o planejamento do dia, por exemplo (“Bom, hoje nós vamos descer até o Bombril, circular por ali, depois subir a Benjamin até as Dores e...”), se tinham um objetivo em comum, por que confiavam tanto assim no líder do bando, como sabiam que ele os levaria para algum lugar legal (“Tem uns ossos enterrados lá, rapazes!!”) ou algo assim... Um amigo meu, aliás, tinha um projeto interessante: pegar uma câmera e infiltrar-se entre eles, seguindo-os por onde fossem, numa espécie de *reality show* animal. Acabou não conseguindo arranjar a câmera e o projeto não foi adiante. De qualquer forma, gordo como era, a única maneira de não ser desmascarado, seria se o confundissem com um São Bernardo. Nunca mais os vi. Talvez tenham brigado... desentendimentos pelo poder do “partido” ou algo assim... talvez os ossos prometidos não estivessem lá... talvez alguns dos componentes do bando sejam alguns daqueles que hoje povoam o calçadão e a praça... talvez até mesmo Sinistro e Alaor estivessem entre eles...

Não sei. O que sei é que muitos deles andam por aí. Talvez um dia tenham a sorte de Gorda e ganhem um lar. Enquanto esse dia não chega porém, vão, não menos felizes que ela, acredito eu, curtindo a sua liberdade nas ruas da nossa cidade. Não precisam de nada além de um pouco de comida – mesmo que o resto da nossa, arrancado na marra de algum lixo por aí –, uma boa companhia para curtir os bons momentos dessa vida e um cantinho no Calçadão

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

para uma bela soneca. Se você for motoqueiro aliás, passe sem fazer muito barulho pela Floriano com Bozano: eles podem estar cochilando, não gostar muito e querer lhe multar.

Afinal, santa-marienses como nós, são os capitães das ruas da nossa cidade.

Sinestesia, Oxímoro e Anadiplose

Meu mal de nascença é a preferência por coisas incomuns. Sempre fui o patinho feio que rodeia o lago dos cisnes. Nas aulas de educação física, todos brigavam pela bola de futsal, mas eu só queria saber do tabuleiro de ludo. Nos fins de semana, todos idolatravam o sol, mas eu adorava os sábados e domingos chuvosos. Nas baladas, todos carregavam o frasco de vodca, mas eu só segurava o copo com suco de abacaxi.

Na faculdade, não foi diferente. Cada um tinha sua própria paixão por uma das áreas do curso de Letras: uns eram rígidos na gramática; alguns, meticulosos na linguística; outros, fantasiosos na literatura. A amplitude da Língua Portuguesa, no entanto, me permitiu ser diferente (de novo) e escolher me especializar em outro campo: o da estilística. A maioria dos meus colegas nem sabia o que era isso.

— Estatística?

— Não. Estilística!

— Ah, aquilo de fazer vestido de noiva.

Quando eu tentava, humildemente, explicar que se tratava de estudar o estilo da palavra, a decepção era notável:

— Tanta coisa para fazer, e você fica dizendo se a palavra é feia ou bonita?!

De nada adiantavam meus solilóquios sobre funções, vícios e figuras de linguagem. Era inútil mostrar que há nome para quando se mescla sentidos, ou se fala de modo contraditório, ou se repete a última coisa que foi dita; sinestesia continuava sendo aquilo que o

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

médico aplica para o paciente relaxar, oximoro permanecia uma marca de alvejante e anadiplose ainda era nome de uma tribo indígena do sul do Mato Grosso.

Os dias iam passando, e as pessoas insistiam em ignorar a pobre estilística, mas eu me viciava cada vez mais. Passei a fazer análise do discurso em simples conversas. Meu namoro terminou por culpa disso.

— Eu te amo do tamanho do mundo.

— Hipérbole!

- O que foi, gatinho?

— Metáfora!

— Dá pra parar de gritar alto?

— Pleonasma!

— Faça isso mais uma vez e estes dedinhos vão balançar num ritmo de despedida.

— Eu... Eu...

— ?

— Eufemismo.

Solteiro, sentia-me socialmente sofrível e só conseguia pensar na aliteração que isso provocava. Foi nessa ocasião que alguns amigos me levaram para o bar da universidade e, por acaso, foi anunciado que já estava decidida a sede para a Copa do Mundo de 2014. O balconista exaltou:

— A Copa do Mundo está vindo para o Brasil!

Ceguei a emitir uma onomatopéia — boom! — quando ouvi essa maravilha de personificação. Já havia analisado personificações de todos os tipos: animais, objetos, roupas, astros, datas e até sentimentos. Mas uma prosopopéia de evento internacional era novidade para mim. Pude imaginar aquela festa

POESIA, CONTO E CRÔNICA

toda, com estádio e gente e barulho e bandeiras e polissíndeto, dando corridinhas até chegar ao Brasil.

— Querem outra novidade? Acabaram de confirmar que as Olimpíadas também virão para a Cidade Maravilhosa!

Nem dei tanta importância para a perífrase relacionada ao Rio de Janeiro; a personificação, do mesmo tipo da anterior, estava presente novamente. E, enquanto eu pensava a respeito disso, tudo começava a se modificar: novos estádios, novos hotéis, reformas nas cidades, reforma nos próprios brasileiros.

Ocorria uma espécie de metonímia da vida real, a transformação do quase nada para o tudo, uma sinédoque do todo pela parte: o Brasil se modificava. Aí alguém comentou da tradicionalidade, se as cidades não perderiam seu valor histórico e cultural com tantas mudanças.

A pergunta não era dirigida exatamente a mim, mas confesso que só consegui, mais uma vez, pensar na estilística. Assim, responderia: a conotação não destrói o sentido denotativo; apenas o embeleza. Mas não consegui. Analisei meu pensamento, a metáfora que foi utilizada para construir outra metáfora.

— Metalinguagem! — berrei.

Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo - SP / 2ª Menção

O RIO NEGRO É O OLHAR DE UMA ÍNDIA

Havia um rio de ternura nos olhos oblíquos daquela menina. Olhou-me. Hipnotizou-me. Naveguei horas dentro daquela bacia hidrográfica de olhar.

A pequena manauara me mostrou um bicho preguiça, rindo-se do meu citadino e tolo medo. Ela estava numa barquinha que mais parecia uma casca de banana, tão pequena era.

Meu coração apertou de preocupação. Como pode? Tão pequena que as mãos mal conseguiam segurar os remos? E, involuntariamente, lembrei-me dos cuidados excessivos que sempre tive com os meus filhos pequeninos.

Ah, quem me dera estivesse com uma bolsa enorme: trá-la-ia comigo para beber pra sempre de seu líquido olhar pluvial e fluvial.

E olhei para o Rio Negro. Ele estava dentro do olhar daquela índia, como os animais daquela selva, como os milhares de espécimes da flora, como os milhares de outros brasileirinhos que vivem numa casa flutuante para fugirem da “cheia” do caudaloso Rio na época das chuvas.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Cada cantinho daquela selva tinha uma história. Cada árvore com uma utilidade própria: seja medicinal, seja frutífera, seja apenas como uma que por ter as raízes largas e achatadas, os índios ao baterem nelas se comunicam à distância. É o celular da selva palpitante.

Meu Deus, que imenso orgulho de ter nascido nesse país que dorme eternamente nesse travesseiro verde que é a Amazônia! Está explicado o seu eterno sono! Quem possui um lugar assim tem mais é que dormir para sonhar sempre.

E, de volta à cidade, olho ao redor de minha floresta de prédios e sinto saudades da minha indiazinha que poderia se chamar Manaus, que é a mãe dos rios, pois a minha indiazinha, definitivamente, marcou em mim a sua presença pela imensidão de rios que possui no seu oblíquo olhar.

O olhar dessa menina se confunde com o próprio Rio Negro que banha tão generosamente a cidade de Manaus!

Ela é o próprio Rio.

Tapetes

Na Índia é muito comum usar como táxi, uma moto adaptada com cobertura e um banco para dois passageiros. As três rodinhas desse veículo simplesmente fazem milagres, como um tapete mágico que voa pelo trânsito caótico das cidades indianas, disputando espaço com vacas e pedestres, sempre tomando mais cuidado para não atropelar as vacas sagradas do que os mundanos humanos. Contratei um desses veículos para conhecer a cidade de Varanasi, que é considerada uma das cidades mais antigas do mundo.

Pedi para que o piloto dessa máquina estranha me levasse até Sarnath, onde o Buda pregou pela primeira vez. E lá fomos nós, enfrentando um trânsito de vacas, elefantes e até carros!

Paramos.

– Aqui é Sarnath? – perguntei desconfiado.

– Não, senhor. Aqui é o mercado de tapetes. O senhor não quer aproveitar para comprar um tapete?

– Não, obrigado – respondi, imaginando como seria carregar um tapete pelo mundo, uma vez que eu ainda viajaria por alguns meses até voltar para casa.

– Tem certeza? Conheço alguém que faz um preço muito bom para os meus amigos.

Fiquei imaginando se eu já era amigo do motorista.

– Não, obrigado. Prefiro ir para Sarnath.

O motorista balançou a cabeça para os lados. E lá fomos nós.

Paramos.

– Aqui é Sarnath? – perguntei, com a certeza de que não era.

– Não, senhor. Aqui é uma lojinha de um amigo meu. Eu tinha me esquecido. Ele vende tapete mais barato do que o preço de mercado. Não quer comprar um?

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

– Não, obrigado.

– É baratinho.

Em todo lugar do mundo, o baratinho sempre tem uma comissão. Se o guia de uma excursão passa em uma loja, geralmente ele leva uma pequena porcentagem do dinheiro que o turista deixou lá. Mas esse nem era o problema, o problema era que eu não queria comprar tapete algum.

– Não, obrigado.

O motorista balançou a cabeça para os lados. E lá fomos nós.

Buda já havia pregado em Sarnath, há dois mil e quinhentos anos, que tudo no mundo é sofrimento. Era verdade.

Paramos.

Nem perguntei se era Sarnath.

– O senhor ainda tem uma chance de comprar um tapete.

Aqui...

– Meu amigo, por favor, eu já disse que não quero comprar tapetes. Tudo o que eu mais desejo é ir para Sarnath! E se o senhor me levar para mais uma loja de tapetes, nem sei o que farei, mas você não vai gostar.

– Tudo bem, desculpe. Eu juro que não levo o senhor para nenhuma outra loja de tapetes.

Paramos.

Era Sarnath.

Visitei os templos, meditei. Senti uma paz profunda. E também me senti envergonhado por ter perdido a paciência com o motorista. Pedi desculpas para ele e fomos embora.

Porém, antes de chegarmos ao nosso próximo ponto turístico...

Paramos.

Fiquei com medo de abrir os olhos e ver outra loja de tapetes.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

– Senhor, não se preocupe. Eu já prometi que não levaria o senhor para outra loja de tapetes. Aqui é um museu e acho que o senhor vai gostar.

Senti um pouco de culpa por ter duvidado do motorista. Caminhei até o museu. Sim, era um museu, pois na fachada estava escrito, em bom inglês: “Museu do Tapete”.

Um sorridente bigodudo saiu para nos receber.

-- Bem-vindo ao Museu do Tapete! O senhor tem muita sorte! Somente hoje, e só hoje, todo o nosso acervo está à venda!

...

**XXXV Concurso
Literário Felipe D'Oliveira**

Conto

COMISSÃO JULGADORA:
Vera Elizabeth Prola Farias - UNIFRA
Anselmo Peres Alós - UFSM
Antonio Candido Ribeiro - PFN

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Premiados:

1º Lugar:

Fragmentos de Cortazar
Iuri Almeida Müller- Santa Maria - RS

2º Lugar:

Reencontro
Vitor Otávio Fernandes Biasoli - Santa Maria - RS

3º Lugar:

Triste Engano
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo -SP

Menções Honrosas:

1º Menção:

Testes de Virgindade
Raimundo Nonato Albuquerque Silveira
Fortaleza - CE

2ª Menção:

Tesão
Herbert Paes de Barros Mercer
São José de Rio Preto - SP

3ª Menção:

Um Pedido
Alexandra Lopes da Cunha
Porto Alegre /RS

Iuri Almeida Müller - Santa Maria-RS / 1º Lugar

Fragmentos de Cortázar

“Lo que mucha gente llama amar consiste en elegir a una mujer y casarse con ella. La eligen, te lo juro, los he visto. Como si se pudiese elegir en el amor, como si no fuera un rayo que te parte los huesos y te deja estaqueado en la mitad del patio. (...) Vos no elegís la lluvia que te va a calar hasta los huesos cuando salís de un concierto”.
(Julio Cortázar, *Rayuela*, capítulo 93)

Não é que a editora esteja em ruínas. Nós seguimos publicando. Não há mês em que dos nossos escritórios não saia ao menos uma capa nova para as coleções já existentes. Mas há anos, o mercado editorial mudou, embora alguns dos funcionários mais antigos discordem inteiramente do fato, e negam até mesmo a ausência de novos grandes escritores. Dizem que o país não deixou de revelar poetas e contistas, ainda que os romancistas tenham estado algo mais escondidos nos últimos tempos. Para justificar a ideia, apontam para as estantes da editora, repletas de provas de prelo. A bem da verdade, e os próprios defensores da ideia conhecem a situação, muitos daqueles textos esperam por uma revisão há mais de dois anos – mas o revisor não vem porque todos nós sabemos que daquelas linhas não sairá nada. Eu vou ainda mais além dos meus companheiros: dos últimos cinquenta, ou talvez cem livros que levamos para a rua, não há sequer um que possa despertar um sentimento parecido com o orgulho.

Nem sempre foi assim aqui na casa, evidentemente. A nossa sede comprova um pouco disso: este sobrado, tão velho como o Prado, mas com a madeira restaurada, os janelões em perfeitas condições e as salas que ainda preservam as poltronas aristocráticas,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

nas quais recebíamos os grandes narradores de um país que já passou. Quando iniciamos, por aqui havia pouca coisa. Imponentes casas de veraneio dos fazendeiros da região, sofisticadas casas de inverno dos intelectuais da Capital. Passaram as décadas e Montevideu encontrou o Prado, definitivamente. Creio que será assim para sempre. Agora, como foi nos últimos vinte e tantos anos, há ônibus de todos os bairros da cidade para cá — e não apenas aos finais de semana, como no início de tudo —. De modo que nunca estivemos tão pouco isolados como agora. Mas os livros não chegam, | Os autores, sim, mas muitos deles não tardam mais do que vinte minutos aqui dentro e logo surge o anúncio pomposo e ultimamente automático de que “a sua obra por enquanto, não encontra espaço dentro da nossa linha editorial”.

Mesmo os que negam a transparente crise literária que o país atravessa, podem ser flagrados rememorando o passado. É o que fazem no final de cada dia de expediente, dias que parecem se encerrar cada vez mais cedo. Rememoram, por exemplo, o surgimento de Mario Arregui, que saía do interior profundo do país para passar dias inteiros na editora. Arregui comentava a própria obra, sugeria os espaços em branco da próxima edição, as cores de capa e, mais do que tudo, dissertava sobre a literatura alheia, por horas, como se os livros dos outros importassem muito mais do que os próprios. E eu desconfio que para Arregui era assim mesmo. Ligávamos para Trinidad, no departamento de Flores, onde morava, no exato instante em que as páginas saíam das rotativas. E quem deixava em mãos a centena de livros ,que Arregui tinha direito, era um funcionário da editora, o encarregado pelas viagens. Não dependíamos nem mesmo dos correios. Publicamos outros, e é como se tivéssemos publicado de fato todos. Não houve um grande escritor

POESIA, CONTO E CRÔNICA

oriental que a nossa casa não tenha alcançado. Os ditos independentes, os polêmicos, os jovens orgulhosos, os já consagrados: em algum momento da vida eles rumaram até o Prado, sentaram-se à mesa em frente ao velho Antúñez, o nosso fundador, e deixaram a assinatura na última página do contrato. Ainda está tudo guardado aqui dentro.

Eu pensava um pouco nisso tudo quando, antes de uma peça qualquer que logo começaria no Teatro Solís, entrei no Café Bacacay e sentei em uma das mesas que dão para a Rua Buenos Aires. Se lembro bem, passava um pouco das nove horas da noite. O público era o que tradicionalmente enche o recinto. Senhoras e senhores impecavelmente arrumados – à moda uruguaia – que se despertavam com um café forte, minutos antes do espetáculo que os esperava ali em frente. O país perdeu o charme há algumas décadas, mas os frequentadores do Solís – e o próprio teatro – ousam dizer que não. De qualquer forma, o estado de espírito fez com que meus olhos disparassem faíscas na direção de todos. Maldita seja esta cidade, capaz de abrigar mais de cem livrarias, dezenas de sebos, meia dúzia de editoras ávidas por palavras novas e nenhum escritor capaz de surgir, escrever, publicar e sacudir um meio que se encontra cada vez mais tedioso. Por que aquele rapaz de óculos, por exemplo, o chapéu quase encostado à janela, o café intacto no centro da mesa, o que veste roupas que o fazem envelhecer quase trinta anos, por que aquele rapaz não saca agora mesmo a caneta do bolso do paletó e escreve qualquer coisa decente em um guardanapo?

Faltavam poucos minutos para que os corredores do Solís se vissem repletos de montevidéanos timidamente apressados e em busca de uma poltrona bem localizada. Os notívagos, portanto,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

investiam no último gole de cada xícara e já procuravam os pesos perdidos na carteira. Foi quando entrou, quase despercebido entre os que saíam e ingressavam no café, o vendedor de cartões com a sua maleta preta. O homem se aproximava das mesas próximas e, após cinco ou seis palavras pronunciadas em voz baixa e tom cordial, alcançava os cartões. Cartões que seguiam um padrão exato e inviolável: o papel era amarelado, dobrado ao meio; no alto da primeira página, um desenho feito à mão preenchia o espaço aproximado de um retângulo; abaixo, aparecia o trecho manuscrito de algum famoso livro da literatura latino-americana. Entre o desenho e as citações, constava uma assinatura indecifrável, e nas partes internas e no verso, havia espaço livre para se escrever a quem se ama ou a quem se quer. Eram cartões possivelmente destinados a turistas, figuras raras em Montevidéu no mês de setembro. Comprei três, talvez por ter simpatizado imediatamente com o homem e pelo fato dos desenhos terem me agradado. Em dois deles, os trechos eram de Julio Cortázar. Mas não reconheci na hora de que livro os fragmentos teriam saído.

Eu ainda não havia decidido, se compareceria ou não ao teatro, e creio que foi a preguiça e a falta de ânimo daqueles dias, que definiram a questão por mim. O fluxo de pessoas abandonando o café, atravessando a Peatonal Bacacay e perseguindo as grandes portas do Solís me paralisaram na cadeira. Permaneci quase sozinho. A companhia distante me era dada por dois velhos que, em uma mesma mesa, só tinham olhos para a edição do dia do El País. Demorei a notar que o vendedor e a sua maleta também haviam se perdido no momento em que a pequena multidão se dispersara, e foi a rápida lembrança daquele homem cortês, que me fez mirar os cartões novamente. Eu havia lido a obra inteira de Cortázar. Eu

POESIA, CONTO E CRÔNICA

havia publicado parte da obra de Cortázar aqui no Uruguai. Eu havia recebido Cortázar – eu sei, já faz muito tempo – na velha casa da editora, no Prado. E não havia reconhecido nenhum dos excertos que constavam nos cartões. O primeiro, por algum motivo, me era familiar, mas não pude saber a que conto ou poema pertencia. De “O Jogo da Amarelinha”, não era. Dizia assim: “andávamos sem nos procurar, mas sabendo sempre que andávamos para nos encontrar”. O outro, que aparecia ilustrado com uma aquarela admirável, era igualmente conciso: “como se fosse possível escolher no amor, como se amar não fosse um raio que quebra os ossos e nos deixa paralisados no meio do pátio”.

Embora uma curiosidade inexplicável quase tenha me levado à casa do velho Antunes, por esses dias um homem mais morto do que vivo, atravessei sozinho a noite montevideana com os cartões amarelados na jaqueta. O caminho era o de sempre, o da volta para casa, e a procura daqueles trechos nos muitos livros de Don Julio ficariam para amanhã. Contornei a Plaza Independência e fiz o trajeto inteiro pela Avenida 18 de Julio. Aquela era uma noite estranhamente fria para a estação e havia poucas criaturas na rua. Alguns gaúchos proseavam em frente à entrada de um hotel barato e, mais adiante, quase no encalço da Plaza Cagancha, três universitárias tomavam um mate tardio. Parece incrível como Montevideu sabe se disfarçar de morta. Poucas horas antes, quando do fim da tarde, a mesma avenida estava sufocada por um ir e vir incessante de pedestres e veículos. Mas a verdade é que eu pensava pouco na cidade, ao menos de forma direta. Pensava em meus problemas, na falta de escritores para a editora e nos que já tivemos. Por um momento, instante que seria julgado como o rompante mais nostálgico de um nostálgico editor, quase pensei que um país que

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

teve tantos escritores de talento nas últimas décadas, nem precisava de novos narradores. Foi quando um dos cartões caiu do meu bolso e foi parar do outro lado da calçada.

Antúñez confirmou logo na manhã seguinte. Havia tempo e espaço na agenda para discutirmos a questão, porque outra vez o trabalho era pouco. Aqueles trechos, que bem poderiam ser até mesmo versos de um poema incompleto, não pertenciam a Julio Cortázar. Não estavam em conto algum do “Bestiario”, do “Final do Jogo” ou do “Todos os fogos o fogo”. E tampouco estaria no “O Jogo da Amarelinha”, constatação que eu mesmo pude fazer tão logo aproximei os óculos daquelas pequenas páginas. Antúñez, inclusive, foi mais enfático: “Julio Cortázar jamais escreveria algo tão dramático”. Todos os outros pensamos de forma distinta, embora de imediato tenhamos rido da acidez do nosso eterno chefe. Pensamos que, se não pertencesse à obra de Cortázar, então pertenceria a outro grande escritor. Porque sabíamos, todos os que trabalhávamos ali, que em nenhuma proposta de publicação que recebíamos diariamente havia algo da qualidade daquele “como se amar não fosse um raio que quebra os ossos e nos deixa paralisados no meio do pátio”. Talvez a desconfiança tenha surgido horas antes, ainda na noite anterior, durante a solitária caminhada pelo centro da cidade. Mas enquanto Antúñez, os outros e eu olhamos outra vez para o até então inofensivo cartão, creio que a situação se definiu. Aqueles fragmentos que o homem da maleta negra confiava a grandes contistas e poetas eram, na verdade, trechos da autoria daquele artista completamente desconhecido.

Desde então, busquei-o. Não contei nada a ninguém, já que as minhas certezas poderiam desabar de forma constrangedora a qualquer momento. Afinal, o vendedor de cartões poderia dizer

POESIA, CONTO E CRÔNICA

que havia lido aquilo em algum lugar e simplesmente decidiu que seriam de Cortázar, um escritor que vende tão bem em Montevideu. Ou que eram trechos de um famoso livro de um jovem escritor norte-americano, que o vendedor havia traduzido há pouco (no alto das minhas divagações, o homem da maleta seria um renomado professor de inglês) e que houve engano ao assinar outro nome no cartão. Voltei ao Bacacay na noite seguinte, a de sexta-feira. Estava convencido por uma esperança cega. Escolhi a mesa que permitia uma observação quase completa dos arredores do café da esquina. Dali, eu poderia enxergar as duas ruas, a entrada do teatro e mesmo a movimentação anônima na distante Plaza Independência. Esperei por mais de duas horas, entre um par de tragos e umas ganas enormes de desistir daquilo tudo. O copeiro e os dois velhos do dia anterior, que pareciam enraizados na mesma mesa, afirmaram não saber de nada. Disseram que se lembravam do homem, que ele já estivera ali quem sabe outras vezes. Mas que com eles o vendedor nunca havia trocado qualquer palavra.

Na extensão daquela torpe investida, abandonei o café com a ideia de que o encontraria onde quer que fosse. Daquela noite confusa, ainda lembro quatro bares em que permaneci por um quarto de hora, ao passo em que a desolação e o sono cresciam. Seja lá onde estivesse, havia que se resignar: aquele homem não transformaria a literatura da Banda Oriental e tampouco salvaria a editora. Entre bêbado e enraivecido, abandonei a peregrinação. De qualquer modo, na tarde de sábado o Peñarol jogava no Estádio Centenário e o melhor era me recolher em casa e esperar a partida. Se a minha memória não inventa de falhar agora, porque até aqui ela não me traiu sequer uma vez, eu comprei o meu ingresso, quando faltava apenas meia-hora para o jogo. Entrei na cancha e vi o cenário

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

que nunca vai deixar de me emocionar. As bandeiras em amarelo e negro, o cheiro do café e das tortas fritas, os cânticos da barra-brava. E do outro lado, ofuscada pela nossa grandeza, estava a torcida adversária, a do Liverpool do bairro Belvedere. Atrás das faixas em azul e negro, os noventa loucos de sempre. Atrás das faixas, que pela primeira vez me atraíram de verdade. E eu mal havia terminado de ler a que dizia: “COMO SE FOSSE POSSÍVEL ESCOLHER NO AMOR – LIVERPOOL F.C.”, quando avistei, ao longe, o homem da maleta negra e corri para dar a volta inteira no estádio.

Reencontro

A idéia era rever padre Romão e exibir o seu sucesso. Por isso, disse para a mulher:

– Não demoro, às cinco estou de volta.

A mulher estava se preparando para ir ao salão de beleza e pediu que ele não atrasasse:

– Não me deixa esperando.

– Bobagem – ele falou – o casamento é às sete, não te preocupes.

Saiu caminhando pelo hotel, ganhou a rua e logo procurou um táxi. Acomodado no banco do carro, viu o motorista passar pela praça Coronel Pedro Osório e sentiu-se satisfeito por estar em Pelotas.

Deixara a cidade há vinte anos, logo que saíra do seminário. Naquele tempo, as ruas, as pessoas, tudo lembrava a sua fraqueza, a falta de determinação, a perda da fé. Precisou mudar de ares, trabalhar muito e ganhar dinheiro, para se sentir seguro. Imaginou padre Romão perguntando: — e agora, o que tu fazes? E ele respondendo:— sou dono de uma empresa que vende material cirúrgico. Dono, viu? Proprietário.

O táxi parou defronte à igreja e ele desceu. Ficou por instantes na calçada e constatou que pouca coisa mudara. A igreja era a mesma e a casa paroquial, praticamente igual. Empurrou o portão de ferro do jardim e recordou a angústia de vinte anos atrás. O que faço da vida, pensava naquela época. Mas hoje não, hoje pouca coisa o perturba. Refizera tudo. Reconstruíra a vida. Era um

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

homem seguro, orgulhoso dos seus feitos, da sua família. Olhou com alguma arrogância a mulher de cabelos brancos que lhe abriu a porta e perguntou se padre Romão estava.

— Sim — ela respondeu — está escutando música com uma visita.

Ele seguiu a mulher pelo interior da casa e ouviu ela anunciar:

— Um antigo aluno, padre.

Observou a sala de poucos móveis e com um aparelho de som em cima da mesa de jantar. O padre e o amigo estavam sentados cada qual numa poltrona e fumavam.

— Deixa eu adivinhar quem é — disse o padre.

Ele parou no meio da sala e o padre falou:

— Diz alguma coisa.

— Eu gostava de poesia, sabia de cor trechos dos Lusíadas e minha mãe cantava na igreja.

— Valdir. Não pode ser! Levantou-se, tossiu e esperou que ele viesse abraçá-lo. Depois, lhe indicou uma cadeira e acrescentou que estava contente por ele lembrar de um padre velho. Valdir sorriu, estava louco para dizer que agora era outro homem, estabelecido profissionalmente, e não aquele trapo que saíra do seminário. Mas notou que conhecia o homem sentado na outra poltrona e conteve-se. Era um homem gordo, de cabelos crespos, com um ar de enfado que lhe era familiar e revoltante.

— Lembra dessas músicas? Perguntou o padre. É Bach, é uma das suas cantatas. Tua mãe adorava.

— Tua mãe era uma exímia cantora, comentou o outro.

— Que falta ela nos faz! Retomou o padre. Hoje não tem mais quem cante como ela. Missa cantada, mesmo nos casamentos, é muito raro.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Valdir foi lembrando quem era aquele sacerdote gordo que lhe causava aversão. Os mesmos cabelos crespos, levemente femininos, num corpo magro de adolescente. A voz melosa sussurrando: tu tens vontade, sim, tu estás querendo. A cena se passara no banheiro do seminário, de madrugada, enquanto Valdir estava debruçado na pia, molhando o rosto e os pulsos. Aquela cabeça se aproximara da sua, a boca murmurava obscenidades, enquanto as mãos já lhe acariciavam as costas. Tu tens vontade, sim, tu estás querendo. Olha como já está duro.

O que esse sujeito faz aqui, Valdir se inquieta. Padre Romão pergunta se ele fez as pazes com a mãe e Valdir responde que sim: – Me desentendi com ela depois que saí do seminário. Ela nunca me perdoou. Mas hoje estamos bem. Ela não toca no assunto. – E reviveu a cena antiga no banheiro do seminário. Como fora difícil se desvencilhar do colega! Difícil dizer não. Afinal, o desejo era avassalador, pouco importava se fosse com homem ou mulher. Queria ser abraçado e abraçar, tocar e ser tocado. Queria. E tanto podia penetrar como ser penetrado. Tanto fazia. Mas, naquela hora, talvez preferisse ser possuído.

Padre Romão seguia falando e era difícil entendê-lo:

– Vocês se desentenderam e não pude ajudar – comentou.
– Fiquei muito sentido com a tua saída, Valdir. A Igreja precisava e precisa de homens como tu: inteligentes e determinados.

– Mas isso passou, padre.

– Passou, sim. E a Igreja continua.

Valdir olhou fixamente o outro padre e lembrou-se do seu nome: Sérgio. Seminarista como eu e não falhou, não perdeu a fé. Continuou. E agora está me observando e rindo, o desgraçado. Não precisou abandonar a Igreja e ir lá para fora, para o mundo,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

comer o pão que o diabo amassou. Eu disse não, naquela noite, mas sou capaz de lembrar, até hoje, o corpo dele junto ao meu.

– Muito bom lhe ver, padre Romão. Muito bom saber que o senhor está com saúde e ainda escuta as mesmas músicas que colocava para nós. Eu vim a Pelotas para um casamento. Deixei a mulher no hotel e tenho que voltar logo.

– Então estás casado? – perguntou o padre – Com filhos?

– Sim. Três filhos. – E foi dizendo o nome e a idade de cada um. Falando e olhando para o antigo colega de seminário, com a certeza de que aquele safado não fizera nenhum filho. Mas desgraçara um ou outro seminarista.

– Muito bom te ver, meu filho. Um grande prazer. Um velho sacerdote precisa desses agradados. Vem com mais calma da próxima vez.

Uma outra vez que nunca mais acontecerá, pensa Valdir, enquanto caminha pela calçada estreita que liga a casa paroquial ao centro da cidade. Um percurso que já fez diversas vezes, anos atrás, olhando as pedras do calçamento e pensando sobre o que faria da sua vida. Pensando quem ele era e sentindo as irregularidades das lajotas das calçadas através da sola gasta dos sapatos.

Lembra a primeira mulher que teve depois que saiu do seminário e que ela perguntou se era a primeira vez. Praticamente a primeira, respondeu. Recorda a mãe que lhe olhou com amargura, quando voltou para casa e pensa na mulher que o aguarda no hotel. A mãe, a mulher, os filhos, a Igreja.

A Igreja continua, padre Romão falou. Ele continua. Seu sangue continuará através dos filhos. Mas talvez ele ainda seja o mesmo trapo que saiu do seminário. Inseguro diante de um caminho cheio de pedras. Um caminho irregular, com uma ou outra ponta do



POESIA, CONTO E CRÔNICA

calçamento capaz de atravessar a sola do sapato e ferir seus pés.
Ferir, fazer sangrar o seu corpo e abrir uma ferida antiga que pensara
ter cicatrizado.



Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo-SP/ 3º Lugar.

TRISTE ENGANO

O sorriso daquele homem parecia familiar à Mariana, mas como a vida sempre lhe fora simples, apenas respondeu: “meu marido não está e temos somente um pequeno quarto lá fora no quintal”. O homem agradeceu e reafirmou que gostaria de ficar só aquela noite, tomaria um bom banho, dormiria um pouco e no dia seguinte bem cedo seguiria viagem. O dinheiro que ele lhe dera, faria falta, se não aceitasse e depois, seria apenas uma noite.

Aconchegada a esses pensamentos, colocou algo para preparar o jantar. Maximiliano chegou, como sempre, às dezoito horas. Ambos foram apresentados. O rapaz contou que estava viajando pelo país fazendo uma pesquisa para a empresa que trabalhava no sul. Era Biólogo.

Os dois olhavam embevecidos para o jovem que desfilava diante dos seus olhos, a vida da cidade grande que nunca conheceram. E que, pelo escasso dinheiro, provavelmente jamais iriam conhecer. A única vez que tinham saído daquelas redondezas, foi quando Mariana tivera uma doença grave, que transmitiu ao marido, e tiveram que ir para a Capital; mas ficaram enfiados dentro do hospital, mesmo porque quando saíram, ficaram com medo de, tendo se safado da doença, viessem a morrer debaixo de um daqueles milhões de carros que corriam apressados, como se o mundo fosse acabar a qualquer momento.

Mariana, subitamente, teve uma ideia. Aquele rapaz, quando lhe dera o pagamento pela hospedagem, deixara entrever um monte de dinheiro. Estava sozinho. Ninguém talvez estivesse a par de seu paradeiro. Afinal, Montes a um sítio perdido no interior de Minas, e

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

quem no mundo lá fora estaria preocupado com o que se passava dentro daqueles limites áridos? Quem lá fora daquele mundo estaria preocupado com um Biólogo de uma firma de uma metrópole do sul do país?

Ficou matutando... Pensando nesse detalhe o tempo todo, enquanto observava aqueles dentes brancos e bem cuidados que sorriam enquanto falava.

Engraçado, mas o Marquinhos também tinha essa mania. Sorria sempre enquanto falava. Ah, mas isso é passado. Um passado de quinze anos. Quando ele fora embora, levava sua alegria e gelara seu coração. Moleque rebelde, que não parava nunca. Parecia um pião quando a gente joga com força.

Agora, aquele era o seu presente. Cuidar da casa, lavar, passar e esperar o Maximiliano chegar para almoçar; dormir um pouco no alpendre; resmungar alguma coisa e depois voltar para a roça, trazendo alguma coisa para o jantar... Que ela fazia, fazia, fazia, todos os dias intermináveis de sua interminável vida.

Parecia personagem bíblico, achava que ia viver mais de cem anos. Naquela aridez infernal, naquela rotina exaustivamente melancólica. Achava que Deus queria castigá-la por não se revoltar, por não largar aquela vida seca. Quanto mais ela rezava para Ele, menos coisas Ele fazia por ela. Ficava com medo de si mesmo quando pensava assim, mas fora ficando fria por dentro.

Parecia que tinham arrancado o calor que tinha quando jovem. Casara-se com Maximiliano, não porque o amasse, mas porque queria ter um homem. Qualquer um e eram poucos os que ficavam por aquelas terras esquecidas. E ela queria ser explorada e lembrada nem que fosse por um bobo. Nem caminhoneiro parava por lá! Se parassem, entraria em qualquer boleia, com certeza.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Rezava para Deus, mais por um costume, aquilo também entrara no eixo rotineiro dos seus dias. Daria tudo para ir além daquelas cercas brancas, como as camisas de saco do Maximiliano. Sair daqueles arames, cujas farpas pareciam enfiadas na sua alma, como se a aprisionassem ali, eternamente ali. Queria tomar outros rumos. Guiar a própria vida. Correr mundo. Conhecer outros homens.

Mas agora? Já passava dos quarenta. Quarenta e cinco. Devia ter feito isso quando ainda tinha o gosto da juventude na boca. Agora seu presente era aquele homem velho que roncava e que cheirava a cabras e galinhas.

Mas...

Lera numa revista, quando fora escondida até a cidade, que a vida começa aos quarenta! Achara aquilo tão reconfortante! Foi como se renascesse! Olhou no espelho e chorou. Aquelas linhas que não pedira para ninguém, estavam ali, apontando um dedo e chamando-a de velha. Desmanchou o coque. Aqueles cabelos maltratados e sem brilho, gritavam ao seu ouvido: velha!

Comentou com o Maximiliano e ele lhe mandou calar a boca e ela calou não só a boca, mas trancou a voz dentro do peito e voltou para as panelas.

Maximiliano estava como que hipnotizado pelo sorriso daquele rapaz. Quanto mais o observava, mais sentia uma dor no peito, como sentira quando Marquinhos tinha ido embora. Nunca conseguira entender a quem aquele moleque puxara. Parecia não se aprumar no próprio eixo. Parecia um gigante!

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Jurou nunca perdoar o filho, mas se aparecesse a qualquer momento em sua frente, sufocá-lo-ia com um abraço tão forte que ele jamais iria sair daquele gesto e cortaria, definitivamente, as suas asas para nunca mais voar.

Iria prendê-lo como fizera com o Cantor, seu passarinho preferido. O danado não podia ficar solto, então o jeito foi prender. Tinha consciência que isso ofendia as pretensões divinas, que havia criado o bichinho para voar, mas o amor dos homens é assim mesmo: egoísta, como somos diante da morte. Choramos a morte de alguém, mesmo sabendo que este alguém está sofrendo, pelo simples fato de não querermos ficar sem a presença física.

Aquele rapaz era cativante, aquele sorriso de dentes brancos era como um grito de alegria quando vemos um cabritinho nascer. E como falava bonito!

De repente, sentiu vergonha por estar tão mal vestido diante dele. A camisa do rapaz era de seda, a dele era de saco. Branquíssimo, pois Mariana era cuidadosa, mas era de saco. As mãos dele pareciam as da Mariana, quando começaram a namorar: macia, sem rugas, sem calos. As suas mãos eram um calo só, apesar de sempre cuidar bem das unhas, senão a Mariana não o deixava passar as mãos no seu seio.

Olhou para a mulher que estava quieta. Era linda! Hoje, o rosto parece um córrego quando está seco. Lembrou-se da mulher que vira na revista da cidade, quando fora à feira vender seus legumes e galinhas. Nossa, daria qualquer coisa para sentir o cheiro de uma mulher daquelas.

Mariana cheirava a tempero de cozinha. Antigamente, cheirava a alfazema. Os cabelos eram brilhantes, agora vivem escondidos em cima da cabeça que já começa a branquear. E aquelas mãos

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

macias que antes sabiam fazer carícias agora só acariciam a pequena Bíblia quando ia à missa. Até Deus tirara dele o que lhe dera no altar! Sentiu-se, de repente, humilhado.

Fora, aos poucos, sendo roubado por Deus. Ele levava seu filho, ele levava as mãos da mulher e também estava levando a sua juventude e seu vigor. Às vezes, tentava, mas o desejo não vinha e acabava não fazendo amor. Até os bichos eram mais felizes que ele. Eles não sentiam dores nas costas, cansaço nas pernas, cansaço da vida e da mesma cama. Sentia-se árido, seco, sem qualquer vontade. E pela vida sempre igual, devia viver ainda uns cem e lá vão anos.

Haja fôlego e haja paciência para aguentar a mesmice de todo o dia. Lá no documento só tinha quarenta e nove anos, mas no corpo e na cabeça sentia como se carregasse o globo nas costas. E agora, aquele rapaz fora mandado por Deus para jogar na sua cara que era um vencido. Era um ancião. Deus estava rindo da sua dor, através do sorriso daquele rapaz.

Ambos acordaram dos seus pensamentos, quando o rapaz anunciou que gostaria de dormir, pois dirigira o dia inteiro.

Mariana foi arrumar o pequeno quarto do quintal e Maximiliano se despediu, indo para o alpendre fumar o último cigarro do dia. Estremeceu quando Mariana, fria como sempre, disse: “ninguém sabe que ele está aqui. Ele está com muito dinheiro. A gente pode matar. Quem iria dar falta?”.

Não faltava mais nada! Agora, ela adivinhava até os pensamentos dele. Isso era outro abuso de Deus. Só podia ser,

POESIA, CONTO E CRÔNICA

mas ela tinha razão. Ninguém sabia que ele estava ali naquele pedaço de mundo esquecido por todos. Imaginem, nem político aparecia em época de eleições!

Mariana já pensara em todos os detalhes. Esperariam o rapaz adormecer, o que seria rápido, pelo cansaço da viagem e depois eles o mataria e o enterraria no roçado que estava com a terra ainda fofa. Esconderiam o carro no pequeno armazém, onde guardavam a colheita e depois de algum tempo, iriam para a Capital, onde cada um seguiria o seu caminho. Eram tão sem importância que nenhum dos vizinhos que ficavam a léguas de distância iria se preocupar com a ausência deles.

Maximiliano ficou admirado com a frieza e a firmeza nas declarações da mulher, pois jamais a imaginara vivendo, sem respirar o mesmo ar que ele. Pareciam ligados pelo mesmo cordão umbilical, mas para não criar qualquer tipo de discussão, concordou.

Depois de tudo pronto, ele tomaria as rédeas da situação e, apesar de querer sentir outros odores femininos, quem iria lavar as suas camisas de seda? Organizar a nova casa? Quem saberia fazer a comida com os temperos de Mariana? Compraria perfume francês para ela depois. Isso era certo. Não economizaria nos perfumes.

Mariana saiu para espreitar se o rapaz já estava adormecido, antecipando feliz o sucesso da operação e o que iria fazer nos próximos anos de sua vida que, com certeza, não seriam mais cem, pois iria viver intensamente tudo o que a vida tinha lhe negado.

Nem passava pela sua cabeça sentir novamente o cheiro de galinha de Maximiliano. Ela, com dinheiro, iria até aos quintos dos

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

infernos, mas sem o cheiro de galinha de Maximiliano. Isso era mais do que decidido e certo.

Mariana entreabriu devagar a tosca porta do quarto. O rapaz dormia pesadamente. Ficou, por um momento, admirando o pijama, a barba bem feita, os cabelos bem lavados. Nossa, com essa cabeça, até os pensamentos devem ser limpos e desembaraçados! Na penumbra, ele parecia um anjo. E no canto da boca, guardava um sorriso infantil e ingênuo, como se nos sonhos corresse livre como um cavalo bravo. Estremeceu, quando pensou no que iria fazer, mas friamente, afastou os cabelos da testa, como se com esse gesto pudesse apagar qualquer sentimento de culpa.

Maximiliano entrou empunhando uma espingarda e sem qualquer hesitação disparou à queima-roupa. Mariana ficou olhando para o rapaz e, prosaicamente, falou: “a gente podia ter tirado o pijama, era tão lindo!”

Agora já estava feito. Tinham que terminar o que haviam começado, sem lamentar o leite derramado. Abriram com avidez a pequena bolsa que o rapaz colocara na mesinha e tiraram a carteira. As notas pareciam brilhar. Pareciam estrelinhas no céu.

Mariana já se imaginava num lindo vestido vermelho como a mancha do pijama da cama ao lado. Imaginava-se numa casa com jardim e rosas, ao invés de quintal e galinhas. Imaginava-se entrando num salão de beleza e ficando linda como a mulher que tinha exatos quarenta e cinco anos como ela e que parecia uma menina de vinte.

Sem dar-se conta, cantarolou internamente uma música da adolescência. Arrepiou-se de saudades de si mesma. Sentia-se leve, como deve se sentir alguém que começa a viver aos quarenta! Sentia-se livre, como faria ficar o Cantor quando o soltasse da gaiola.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Odiara Maximiliano quando o prendera. Odiava ver qualquer bicho preso. Até os porcos deixava correrem livres pelo quintal. A liberdade que dava às suas galinhas fazia-a sentir-se, quando corria atrás de alguma, que tinha sido escolhida para a panela. Matava-a friamente, mas já tinha provado o seu quinhão de liberdade. Isso era o que contava.

De repente, um grito cortou o ar, acordando-a do seu sonho de futuro. Maximiliano gritava e apontava para um documento que tinha nas mãos. Não havia erro: o nome era Marcos Mendes. O sorriso que ambos haviam esquecido, entorpecidos pela rotina. O menino que, negando-se a viver minutos iguais da vida, saíra para correr mundo aos quinze anos de idade. Sempre fora rebelde. Sempre fora agitado. Sempre fora corajoso. Fizera-se homem, conquistara seu espaço e guardara para o dia seguinte um mundo de surpresas.

Por um triste engano, não contara com a frieza que deixara nos corações paternos. Na mala aberta com sofreguidão, vários presentes com os nomes dos pais e vários pedidos de perdão. Um vestido vermelho para Mariana, um pedido de perdão. Uma camisa de seda branca para Maximiliano, outro pedido. Por um triste engano, eles haviam calado aquele sorriso que, rebelde e agitado, gelava mais uma vez as suas pobres vidas, arrebatando o encanto que outra vida lhes daria, jogando-os, definitivamente, no mundo ácido da angústia.

Mariana olhava, pateticamente, para o vermelho do vestido e para o vermelho do pijama. Maximiliano limpava, sofregamente, o vermelho das mãos tingindo de vermelho a branca camisa de seda. Nas mãos de Marcos, a foto amarelada de ambos, trazia um sorriso triste, apesar de manchada de um alegre e quente vermelho.

TESTE DE VIRGINDADE

Me tratam de Quenga Velha. De fato, fui uma puta bem puta. Hoje estou aposentada. Mas, até conhecer o meu primeiro namorado, eu era jovem linda e inocente. Eu também não era só meio-virgem; eu era toda virgem. Tão virgem quanto a Santíssima Senhora Mãe do meu Salvador. Os Dois que me perdoem! Não ando atrás de culpados, nem tampouco preciso de indenização por danos ou danados morais e imorais, por isso não acuso seu ninguém, nem dona coisíssima alguma — só quero contar a minha história. Eu tinha dezessete anos incompletos, quando me casei com um doutor, dezoito a mais do que eu. De nada ou quase, não sabia: pensava até que menino só advinha, se despachado de terras estrangeiras, deitado numa tipóia dependurada em bico de avejões. Carece de insistir, senão cuidam que eu minto. Quando isto se deu — me lembro bem — o Papa não saía do Vaticano nem para tomar banho de sol. Era magríssimo, tinha um nariz de bicanca e se chamava Eugenio. Sei dessas coisas, porque careceu de licença dele *mor de* (para eu) eu me casar, pois o homem com quem convolei em justas núpcias, era meu primo carnal.

Éramos cinco irmãos — quatro homens. Meus pais eram abastados. Eles nasceram para vencer; para serem independentes; donos do seu próprio destino. Mas eu nasci para ser esposa e mãe — como cento e um por cento das jovens da minha época. Meu noivo era professor, doutor de medicina, cirurgias e outras causas legais. Se eu o amava? Com aquela idade, eu não podia saber o que era amor; aliás, até agora eu ainda não sei se sei, não obstante

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

o estandarte de machacazes passados nas cascas das minhas enxergas. Na noite de núpcias, mal entramos na alcova, foi logo ordenando para eu pelada ficar. Primeiro olhou e balançou durante muito tempo os meus peitos. Em seguida, mandou eu me deitar, encolher as pernas e abrir bem as coxas. Obedeci. Então, me esgaravatou com o fura-bolos. Não se contentou, e escarafunchou também com o maior de todos. Ficou um tempão metendo e tirando, tirando e metendo; e rodando sem parar para um lado e pro outro, feito rosca-sem-fim estrompada. No começo pensei que fosse uma brincadeirinha de mau gosto. Tadinha de mim. Pouco depois, me cobriu com o corpo dele. Um enorme pistilo de almofariz que tivesse acabado de esmagar quilos de pimenta malagueta, entrando e saindo de dentro de mim, não arderia nem doeria tanto. Quando acabou, perguntou se precisava eu gemer tão alto para gozar; tenha modos; cadê a sua compostura? O seu pudor? Não faça mais esse barulhão todo, se contenha, goze baixinho, os vizinhos podem escutar – repreendeu-me. Foram cinco vezes. Tudo começou por ocasião do ocaso e só terminou perto do amanhecer. Depois, se virou pro outro lado e dormiu roncando. Acordou quando o sol já ia alto, espreguiçou-se, remexeu na gaveta do criado mudo, puxou um revólver, encostou na minha cabeça e ameaçou: se eu não contasse quem fez aquilo comigo, ele me mataria. Eu pensei que ele tinha ficado doido. Mesmo assim, perguntei se ele não se lembrava. Primeiro achou muita graça. A seguir, ameaçou de novo: não estava brincando. Ou eu dizia quem me comeu antes dele, ou ele dava um tiro no meu ouvido. E puxou o cão do gatilho. Eu tremia feito vara verde e morria de medo de morrer. Então, inventei o primeiro homem que me veio à mente: um tio nosso, irmão do meu pai e da mãe dele. Só sossegou quando me empurrou porta fora dizendo: —”

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

pode voltar para os seus pais, não compro mercadoria falsificada. Cheguei em casa, caminhando de pernas abertas, com as partes em carne viva e em petição de miséria.

Naquele tempo, só os homens podiam ser doutores, e todos pregavam aos seus clientes e ensinavam aos seus alunos: “o hímen é um véu que tapa a vagina, deixando apenas uns furinhos para escorrer os chuveiros de mulher”. Então, os machos só deveriam ter certeza de que defloraram uma fêmea, se provassem e aprovassem a dureza e a resistência do material encontrado no começo. E percebessem, no final, o resultado da sangria. Conforme a lei, se isso não fosse constatado, qualquer marido tinha o direito legítimo, e duas vezes legal, de denunciar a sua indigna consorte à família desta, acusando-a de não ser mais moça, como inda hoje é de uso se dizer aqui no Nordeste. Bastava isso para o casamento não ter valia. Na noite daquele mesmo dia, meu pai chamou um profissional da nossa inteira confiança que, além de médico, era também advogado e, junto com outro, especialista em alcoologia, mandou-os periciar. Periciar a mim, bem entendido, na condição simultânea de vítima e ré. Minhas partes estavam muito inchadas vermelhas e doloridas. Para eu suportar o exame, tiveram de me aplicar uma injeção de te aquieta lá. Então, eu me vi. Caminhava nua pelas ruas. Morria de vergonha, encolhia-me, cobria, com as mãos o meu sexo. Estranhamente, ninguém me olhava; como se a minha nudez pública e ostensiva fosse trivial. Sentia-me como um fantasma de alguém que morreu e não sabia. Fiquei de cócoras durante um tempão. Depois me levantei e continuei a caminhar. Desesperada, tentava implorar para as pessoas ajudarem a me cobrir, e não conseguia. Desconfiava que me seguiam e perseguiam. Cada vez mais aumentava a minha vergonha. Então, sobreveio um sentimento

POESIA, CONTO E CRÔNICA

insuportável de inferioridade, indecência, humilhação e indignidade. Repulsa do meu próprio corpo.

Os peritos puseram o jamegão num papel timbrado, reconhecido firma e registrado em cartório, onde diziam: “houve defloramento e o fato é recente; aconteceu há mais ou menos entre trinta e quarenta horas”. Meu marido, completamente desbragado, não se conformou com a declaração oficial da minha pureza, honra e honestidade. Foi a todos os jornais, rádios e fofocódromos da cidade, onde denunciou publicamente — do seu ponto de vista — o ocorrido. E injuriou os colegas peritos acusando-os de incompetência, má fé e suborno. Levou o caso para o Rio de Janeiro e, mais tarde, para a França. Meu ex-marido ganhou, nas duas circunstâncias, por causa de uma troca de palavras. “Uma distorção semântica”, ouvi dizerem. Os nossos médicos erraram; no vestibular deles, não devia de ter havido prova de redação: escreveram que encontraram em mim, tubérculos cicatriciais em vez de retalhos sanguinolentos. Por causa dessa inversão de linguagem, eu fui o que fui.

Meu pai gastou o quanto possuía e muito do que não possuía, para tornar sem efeito a minha desonra. Tudo inútil. Mas não estou arrependida. Apesar de puta, sou riquíssima, por isso disse que não preciso de indenização alguma. Todo o dinheiro do meu pai foi entregue a mim, para eu repassar ao nosso médico-advogado — meu primeiro namorado — para se encarregar da minha defesa. Foi ele quem planejou tudo. Depois brigamos: ele queria o dinheiro quase todo só pra ele. Fui um pouco mais esperta. Há muito tempo ele já foi comer capim pela raiz...

Tesão

Jorge entrou no boteco e pediu a cerveja de garrafa grande mais barata. Sentou-se na mesa mais afastada do balcão. Não era um velho de humor instável, nada de rompantes de raiva nem de melancolia. Mas hoje não tinha paciência para ouvir a conversa de Pedro, o proprietário, com outros fregueses no balcão.

O dia tinha sido difícil, mais ainda do que antecipara. Finalmente o dono da editora concordara em recebê-lo. Depois de tantas conversas inconclusivas com seus funcionários, ficava claro que a editora não tinha intenção de republicar nenhum de seus romances. Ele precisava conseguir algum rendimento de seus antigos livros, pois sua aposentadoria — que Jorge tinha sacado naquela manhã — era uma merreca.

Desta vez, foi recebido por um rapaz de terno, muito elegante. Desde a morte do fundador — o homem que descobrira seu talento e lançara seus romances com tanto empenho — ninguém mais usava terno naquela editora decadente.

— Até que enfim vou ter o prazer de falar com Jorge Tancredo Pontes! Desculpe, não tenho um cartão de visita para lhe dar. Eu sou Paulo, o filho do dono. Subiram ao terceiro andar, onde a velha secretária fez um gesto, indicando que teriam que se sentar e esperar um pouco. Paulo disse: — Quando eu era menino, ouvi meu pai brigando com meu avô por causa de suas más escolhas editoriais. O velho, que já tinha pouco comando da firma, protestou:

— Mas nós temos Jorge Pontes! — e aquilo calou a boca do meu pai: uma coisa incrível! Quando fiquei um pouco mais velho, assumi que Jorge Pontes era uma espécie de “reserva moral” de

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

nossa editora, que vivia de traduções de manuais de auto ajuda e de romances adocicados.

Saíram duas pessoas da sala e a secretária fez sinal para entrarem.

A entrevista foi um curto monólogo: — Jorge! Que bom revê-lo... Discuti com meus editores e não tem jeito: eles são contra relançar seus romances. Mas o meu filho, aqui, me pôs contra a parede e eu tenho uma proposta: se você me trouxer um texto novo eu vou publicar. Se vender, vamos estudar a reedição de seus antigos romances. Nem precisa nos trazer o manuscrito: mande por e-mail para o meu filho.

Desta vez, Paulo sacou um cartão que só dizia “Paulo”, assim, sem sobrenome, e trazia um endereço de e-mail, nada mais. Quando deixaram a sala do velho, Paulo o conduziu à sua sala, a antítese da outra. Curiosamente, não havia um livro sequer à vista. Uma mesa com tampo de vidro tinha só um laptop em cima. Do lado oposto, um balcão sustentava uma enorme máquina de café expresso, dos anos cinquenta, que brilhava como nova.

— Sr. Pontes: aceita *um latte, um cappuccino, un' espresso*, ofereceu Paulo, afetando intimidade com o italiano.

— Me chame só de Jorge. Tomo água e um cappuccino, por favor.

Paulo serviu água e habilmente preparou um *latte macchiato* e um *cappuccino*.

— Não vou fingir que li algum dos seus livros, Paulo. Eu não leio nada fora da tela do tablet ou do computador. Quando eu tinha vinte anos, criei um *site* de vendas *online*, com dinheiro adiantado por meu pai. No ano seguinte, devolvi a ele, com juros, o investimento inicial. Cinco meses atrás, vendi meu *site* por uma

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

fortuna trinta vezes maior que o valor patrimonial desta editora. O valor real dela é zero, pois a situação da firma de meu pai é insustentável. Sobrevive dos empréstimos que faço, maiores a cada mês. Hoje eu sou o sócio majoritário da editora. Meu pai não sabe fazer outra coisa e preciso de ao menos um ano para preparar sua aposentadoria.

— Então você dá as cartas... — Jorge tomou coragem e concluiu: — e poderia decidir editar meus romances, sem esse capricho de exigir um livro novo.

— Eu sou um homem de negócios, melhor do que foi meu avô e muito melhor do que meu pai. Posso ter caprichos em coisas minhas, como pagar caro para restaurar uma máquina de expresso, mas não nos negócios. Antes da nossa reunião de hoje, procurei no álbum de recortes dos lançamentos da editora, alguma coisa sobre seus romances. Li que um crítico o chamou de “O Cronin brasileiro”. Quem era ele?

— Cronin — disse Jorge — foi um médico escocês que escreveu “A Cidadela”, um livro denunciando as condições aviltantes de tratamento médico dos mineiros no Reino Unido. Defendeu um sistema público de saúde, que acabou sendo criado pelos trabalhistas depois da Segunda Guerra. Acho que foi por isso, que aquele crítico tonto, me comparou com o Cronin: os meus três primeiros romances tinham muito de denúncia social. Só que o Cronin escreveu dezenas de romances e ficou famoso e milionário, enquanto a minha carreira começou promissora mas foi bem curta. Seu pai temia que os militares mandassem apreender meus livros e me pressionou a escrever um romance “alienado”. O livro até vendeu um pouco, porque tinha meu nome na capa, mas decepcionou meus leitores. A literatura acabou para mim...

POESIA, CONTO E CRÔNICA

— E o que você acha de nós republicarmos a obra do Cronin?

— Seria uma bela sacada, vocês iriam reerguer a editora! Quando eu era mais jovem, todo mundo lia o Cronin e muitas pessoas cultas tinham a coleção encadernada com seus vinte e tantos romances. Ótima ideia essa sua.

— Errado! Nós nunca cogitamos de reeditar esse autor. Eu lhe perguntei do Cronin só para desenvolvermos um raciocínio. Entrei na Internet e li tudo sobre a carreira dele. Depois fui aos *sites* profissionais de editores e vi que, no mundo todo, o Cronin sumiu do radar: o público jovem nem sabe que ele existiu e, quem sabe, não está mais interessado. Em inglês, ainda é reeditado, mas em português, sem chance.

Enquanto preparava dois expressos, Paulo contou: — Há anos, assim que pude, contratei uma equipe para me ajudar a tocar a empresa do *site* de vendas *online*. Isso me deu tempo para voltar à faculdade e terminar meu curso de *marketing*. Agora me interesso por *marketing*, considerando o longo tempo que você esteve fora do mercado, Cronin e Jorge Tancredo Pontes são exemplos paralelos de carreiras. Eu não posso ressuscitar o Cronin, mas posso induzir você a escrever uma obra inédita, que vou promover, usando o melhor *marketing* para lançá-la com destaque no mercado. Se seu livro tiver ao menos um sucesso modesto, podemos então relançar, a cada seis meses, seus três antigos romances, sempre vinculando o livro novo aos antigos, para realimentar a atenção da mídia. Foi por isso que condicionei seu relançamento a um romance novo. Não precisa ser uma obra de fôlego; tendo duzentas páginas e sendo agradável de ler, irá cumprir o seu papel.

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

A confiança de Paulo na capacidade de Jorge, simplesmente ir para casa e, começar a escrever um romance encomendado era tocante, mas de uma ingenuidade pueril. O jovem sabia tudo de *marketing*, mas nada da natureza humana, nem do ofício do escritor e menos ainda de quem Jorge Pontes era hoje. Mas ele não teve a coragem de comunicar francamente sua desistência naquele instante, e prometeu procurá-lo nos próximos dias. Tinha vindo emocionalmente preparado para ouvir um “não” categórico. Essa exigência de um novo romance era muito pior que a simples rejeição, pois devolvia a bola para o seu campo e ele não sabia mais jogar. Seu fracasso não seria mais culpa alheia, mas de sua própria desistência. Saiu dali com uma desesperança ainda maior e, em vez de ir direto para casa, entrou no boteco.

Agora Jorge tomava o terceiro copo daquela cerveja aguada, pensando: “Retomar a temática de denúncia num novo romance está fora de questão. Aquele Brasil não existe mais. A injustiça continua gritante, mas não pode mais ser resolvida pela ruptura que nós sonhávamos. Outro romance alienado, então, nem pensar!” O fato é que Jorge tinha deixado de ser um escritor há décadas. Por quinze anos, aguardou a oportunidade política de escrever outro romance engajado, mas a abertura veio e ele não escreveu seu livro, nem sequer um ensaio, um conto, uma crônica... Serviu-se do quarto e último copo da cerveja quente, e notou que o tom da conversa no balcão tinha mudado. Pedro falava com voz pausada, como quem explica a uma criança ou a um idiota: — Se você tivesse dinheiro, eu ia te servir uma pinga e te mandar passear. A gente não vende cachaça em dólar. Sai fora numa boa, não me faz dar a volta no balcão. — O interlocutor era um mendigo, ainda jovem, cabeludo e andrajoso demais até para aquele boteco fuleiro.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Jorge, o velho que não tinha rompantes, levantou-se da mesa e pediu, em voz firme: — Pedro, mais uma cerveja e um guaraná. — Levou o mendigo pelo cotovelo até sua mesa. — Tome o guaraná, depois a gente racha esta cerveja gelada.

O sujeito tomou o guaraná em silêncio, depois um gole de cerveja e, quase sem fazer pressão, Jorge foi extraíndo sua história. Chamava-se Carlos, vivia na rua, dormindo às vezes por aí, outras no abrigo municipal. Comia numa associação de caridade perto dali, e passava a maior parte do dia na praça próxima. Antes de mendigar, Carlos fora um pintor mambembe que oferecia suas telas na praça todo domingo.

— O problema é que eu não sei pintar sem ver o que estou pintando. Os caras me pediam coisas que nunca vi, quadro de um barco de pescador ou de uma casa de fazenda. —

Como ninguém queria suas pinturas dos prédios feios do centro da cidade, ele passou a fazer caricaturas dos passantes, a lápis, num bloco grande. O dinheiro não dava mais para pagar o aluguel do quartinho e ele acabou dependendo do abrigo municipal, da comida da caridade e dos trocados de estranhos para beber.

— Hoje eu tava mijando sossegado, escondido no meio das árvores da praça, quando passou um bando de gringos falando alto. Três gringos entraram no mato e ficaram tirando minha foto mijando. Daí o homem me deu uma nota de vinte reais e o casal foi embora rindo. Mas a outra moça, a mais novinha, não foi e entrou mais pra dentro do mato. Pegou uma nota de dólar, balançou na mão e me chamou pra mais longe da calçada. Pus o pinto pra dentro e fui atrás, segurando a nota de vinte na mão. Ela mostrou de novo o dólar e a máquina fotográfica, fingiu que ia tirar a blusa e apontou para mim. Eu entendi que ela queria bater minha foto sem camisa,

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

mas fiquei na minha. Daí ela apontou pra minha nota de vinte, mostrou que a nota dela era de cem dólares e fez um gesto pra gente trocar. Eu entreguei a minha nota, guardei a dela no bolso e tirei a camisa. Ela bateu a foto, virou de lado de um jeito e eu entendi que queria uma pose igual e fiz. Ela não gostou, chegou perto, estendeu a mão pra consertar a pose, mas parou. Ela tava com nojo de encostar em mim. Eu tinha tomado banho no abrigo, trocado a roupa, lavado a muda de ontem no tanque. Em vez de cara feia, eu sorri. Ela baixou a cabeça, sem graça, me olhou de novo, sorriu também e ajustou meu braço. Bateu a foto e, sem cara de nojo, me ajeitou e bateu mais uma.

O escritor evitou interromper o relato de Carlos. — Ela se afastou, olhou em volta, viu que ninguém podia nos ver ali e fingiu que ia tirar a bermuda. Eu tirei a calça e fiquei só de cueca. Ela me ajeitou, tirou duas fotos. Daí ela tava à vontade, mexia no meu braço, no queixo, na perna, numa boa. Mas ela tava me olhando diferente, lambia o beicinho, coçava o bico do seio, respirava de boca aberta. Aí tem... Então ela guardou a máquina no bolso da bermuda, abriu um botão da blusinha, veio pra mim, pegou no elástico da minha cueca e começou a tirar. De leve, eu tirei a mão dela, e fiz como se fosse beijar. Ela fechou o olho e esperou. No último instante, dei um beijo na testa. Girei ela de costas, dei um tapinha na bunda e disse: “Vai, linda, corre, vai atrás dos seus amigos. Good Bye, gostosa!” e ela foi embora.

Jorge serviu mais cerveja e Carlos prosseguiu: — Eu fiquei feito besta, parado ali no matinho da praça. Eu podia ter comido ela: era novinha, mas de maior e tava muito a fim. Mas, se outro mendigo vem mijar e pega a gente lá trepando, a coitada ia se assustar. Melhor não. Pensar que num instante ela tinha nojo de

POESIA, CONTO E CRÔNICA

encostar em mim e no outro já tava tesuda... Uma gatinha daquela com tesão dum cara feito eu... Ninguém tem tesão dum mendigo cabeludo e mal vestido. Fiquei pensando “um monte”, mas não me arrependi de ter mandado ela passear.

Carlos tomou dois bons goles de cerveja antes de continuar. — Daí eu fui no terreno de uma construção parada. Catei um tijolo, quebrei umas lascas e comecei a rabiscar a parede. Consegui desenhar uma cara de mulher. Não tava bom, comecei outra até fazer a cara da gringa de perfil. Daí, fiz ela de frente, de meio perfil, com meio corpo, desenhei quase uma hora. Quando peguei o jeito, risquei na parede uns esboços, até achar a posição certa dela caber de corpo inteiro numa tela. Então eu fiquei meia hora desenhando o retrato da gringa, no capricho, com sombreado, como se fosse o trabalho final do curso de desenho. Ficou exatamente ela: linda, gostosa, tesuda e bobinha. Pra ficar melhor que aquilo, só se eu pintasse numa tela.

Até então Carlos falava como que sozinho, olhando para a mesa ou para a parede. Agora mirou bem os olhos de Jorge. — Eu nunca tinha desenhado nada que não estivesse vendo na minha frente. De repente eu tinha feito um retrato de memória, de uma moça que eu tinha visto há quinze minutos. Só podia ser o tesão. O tesão que ela sentiu, e eu também, marcou a cara e o corpo dela na minha cabeça e eu consegui desenhar como se ela estivesse ali, posando pra mim.

Jorge viu que Carlos tinha terminado e foi buscar outra cerveja, desta vez da boa. Carlos tomou um gole, estranhou o gosto bom e perguntou: — Onde eu troco os cem dólares? — Jorge ia indicar uma casa de câmbio, mas se deu conta de que o segurança não deixaria Carlos entrar. Então se lembrou de que hoje ele era

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

um homem endinheirado. Antes de ir à editora, tinha passado na Caixa e sacado sua aposentadoria. Jorge era, transitoriamente, um homem rico, com quase 500 dólares no bolso, em reais. Com a metade disso, amanhã pagaria o aluguel, a luz e a Internet. O resto iria gastando ao longo do mês em comida, cerveja ruim e pouca coisa mais. Resolveu que amanhã, depois de pagar suas contas, ele faria o câmbio para Carlos.

— Me dá aqui, eu troco pra você. — Jorge embolsou os cem dólares, abriu seu macinho magro de dinheiro, tirou três notas de cinquenta, juntou ao troco do almoço que guardava no bolso de trás e deu 180 reais ao rapaz. Carlos contou e disse: — Mas é só isso? Quando eu pintava, um argentino pagou duzentos dólares por um quadro. Cem dólares valia uns 300 reais, dava pra comprar tela, tinta, pinga, comida e sobrava troco...

— O que você vai fazer com os cem dólares?

— Amanhã vou comprar uma tela, pincéis, umas bisnagas de tinta e vou pintar o retrato da gringa. Domingo eu vou vender o quadro dela na praça por uns dois ou três mil reais e comprar mais material. Vou voltar a pintar, vou alugar um lugar que dê pra dormir e pra pintar. Vou começar de novo...

— Me dá esse dinheiro aí! — Carlos não hesitou e devolveu os cento e oitenta reais. Jorge embolsou os trocados e acrescentou mais cinco notas de cinquenta. Guardou no bolso um dinheiro que mal dava para o aluguel e disse — Os seus cento e oitenta, que é o que valem hoje cem dólares, mais duzentos e vinte que eu estou lhe emprestando, dá quatrocentos reais, em oito notas de cinquenta, pode contar. Segunda-feira você entrega duzentos e vinte reais ao Pedro, o dono do bar, e eu pego depois com ele. Mas tem uma condição: você me promete que vai fazer exatamente o que disse

POESIA, CONTO E CRÔNICA

que faria: você tem trezentos reais para comprar o material, pintar o retrato da gringa e mostrar na praça, domingo. Com cem reais você compra uma calça e uma camisa apresentáveis para vestir quando for à praça vender seu quadro. Domingo eu vou à praça, para ver se esse quadro existe e se é tudo aquilo que eu estou sonhando. Carlos limitou-se a dizer: — Vou fazer isso mesmo. Obrigado — Tomou um gole de cerveja, levantou-se e saiu.

Jorge pagou a despesa do bar – o dobro da habitual – e pediu a Pedro que guardasse o dinheiro para ele, se o mendigo aparecesse. Foi para casa pensando: Se esse negócio der merda – e vai dar merda na certa! – depois de pagar o aluguel eu vou passar o mês bebendo água e comendo só arroz com feijão e ovo... Em casa, Jorge pegou a velha máquina de escrever, mas lembrou-se do cartão que Paulo lhe dera, só com o endereço de e-mail. Devolveu a máquina à estante.

Ligou o computador, que só usava para ler notícias na Internet e trocar e-mails com antigos companheiros. Sentou-se à frente do teclado e digitou:

Projeto Novo Romance
Título: ?
autor: Jorge Tancredo Pontes

Capítulo nº ? título: Tesão

Começou a escrever sem hesitação, como se já não fizesse trinta e tantos anos que havia abandonado o ofício de escritor.

Um Pedido

“Pai, não faz assim! Eu pedi tantas vezes! Não!” Mas não adiantou falar. Sabia que não adiantava, mas não conseguia agir de outra maneira. Como não usar a razão, a lógica? Foi o que aprendeu a fazer desde sempre. Ele lhe ensinou, aliás. Um homem lógico. Mas isso agora tinha acabado. Não podia mais exigir um comportamento racional do seu pai. Ele estava muito longe dela.

Deu um longo suspiro. Cansada, sentiu-se cansada demais. Foram anos de perdas, de pequenas despedidas para as quais não ligou, ou não quis perceber. Primeiro a morte repentina da mãe . Ataque cardíaco fulminante. Depois a decadência dele, o homem forte, equilibrado. Os primeiros sintomas foram os esquecimentos, a princípio normais — quem não esquece algo uma vez na vida? E o pai sempre foi um pouco esquecido mesmo, e após o choque da perda da companheira de mais de cinquenta anos, era até esperado que sofresse um abalo. Mas ele passou a esquecer o endereço da casa, o número do telefone. Começou a esquecer algumas feições. “Não se lembra de mim, seu Antônio?” Perguntou-lhe uma vez o zelador, que tinha substituído o antigo. Ele ficou visivelmente perturbado.

“Já pedimos?” Perguntava quando iam a um restaurante. —”Sim, pai, fizemos o pedido há quinze minutos”, ela respondia apreensiva. Os primeiros sinais de que tudo iria sumir.

A esses pequenos esquecimentos juntou-se uma irritação quase que permanente. Além disso, começou a ficar inseguro, arredio. Evitava ao máximo encontrar conhecidos, saia pouco. E tinha um olhar que muito perturbava. Desviava o seu para não

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

enxergar o que via: uma expressão de pasmo permanente, de incompreensão do que passava ao redor e também de raiva, de muita raiva dos sãos, por assim dizer. Era como se o mundo que ele conhecesse, não fosse mais aquele ali na sua frente, mas houvesse desaparecido por completo. Um cataclismo. Ele sobrevivia, sem entender bem o porquê, mas via sua sobrevida permanente ameaçada. Um soluço, uma pausa e logo ele também deixaria de existir. E, aos poucos, foi se convencendo de que não mais existia mesmo. E foi ficando mais e mais mudo. Mais e mais ensimesmado. Mudo e perplexo, mudo e raivoso.

E começaram as despedidas: perdeu progressivamente a audição, a visão, e foi perdendo o controle das pernas, das mãos, e, por último, a dignidade como a perda do controle dos esfínteres. Perda da autonomia tão prezada. A dependência de estranhos, a melancolia a impotência e a raiva. Foram várias tentativas de colocar enfermeiras e enfermeiros, mas ele destratava e rechaçava a todos.

Ela não viu outro jeito, se não assumir os cuidados com o pai. Já se iam dois anos desde que ele havia se transferido para sua casa. Ele era responsável por tudo que dissesse respeito a ele. A presença de estranhos era apenas tolerada na cozinha.

O juízo o tinha deixado fazia um ano. Para ele era uma benção. Para ela, não. Uma carcaça pesada para carregar e que, ainda por cima, havia desenvolvido um terrível sadismo. Uma criança traquina e manhosa, de três anos, presa a um corpo de um velho de oitenta e oito. Ele fazia todo possível para tirá-la do sério, para lhe dar mais trabalho: cuspiam os remédios, urinava nos lençóis, virava o café e fazia tudo isso olhando-a nos olhos em desafio. E ela ralhava, pedia, mas sem sucesso. Só recebia, em retorno, aquela expressão zombeteira e perversa. Era isso o que sentia: que ele era perverso!

CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

Por que ele me trata assim? Por que ele é tão mau? Pensava exasperada. Esses atos de pirraça faziam-na odiá-lo. Ela, que fora tão próxima dele durante toda a vida, a companheira de passeios, “a mais parecida com ele”, como o pai gostava de lhe dizer quando estavam juntos. Os irmãos queriam que ele fosse para um asilo, mas ela não conseguia conceber seu pai jogado sozinho em alguma clínica. E ela era sozinha, separada há muitos anos, os filhos morando longe. Não tinha as desculpas dos irmãos. Mas aquele velho não era seu pai. Era um estranho, um demônio que lhe arruinava a vida. Quantas vezes não teve de se segurar, para não lhe dar um tapa, um safanão. E não via uma saída para esse problema. Não queria interná-lo, mas, volta e meia se pegava pensando: Quantos anos mais ele tem pela frente? Difícil dizer, diziam os médicos. Ele era bem tratado, seus exames estavam normais.

E a filha prestimosa cansava-se. Não era moça. Tinha também ela os seus problemas; sua saúde só piorava: mais dores nas costas, pressão aumentada - “uma bomba relógio prestes a explodir”, dizia seu médico. Precisava mudar de estilo de vida. Pois sim, como fazer isso, sem matar o pai? Ele é que a estava matando. Em seguida, tinha uma crise de remorso. Sentia uma enorme culpa e redobrava os cuidados com o velho. Um dia, após tê-lo vestido trocado toda sua roupa de cama, ele fez de novo: virou o café sobre os lençóis recém postos e sobre a sua roupa limpa. “Pai, não faz assim! Eu pedi tantas vezes! Não!” Tomada de ódio, o agarra pelos braços e grita o mais alto que consegue: —”Por que tu não morre?” O pai, de olhos arregalados, a encara surpreso. Perde aquela expressão demoníaca. Só resta aquele olhar de perplexidade, de susto e um certo desamparo. Ela senta-o com algum descaso na poltrona, e sai do quarto ainda praguejando. Vai até o banheiro, bate porta e senta-se no vaso sanitário por instantes para se acalmar.

POESIA, CONTO E CRÔNICA

Está cansada, muito cansada. Levanta, inclina-se por sobre a pia e lava o rosto com água fria várias vezes, Tem muita raiva. Sabe que é preciso fazer todo trabalho novamente. Pensa que ele não sabe o que faz, que é apenas um velho gagá. Odeia essa vida e sente que precisa dar um basta antes que se descontrole de uma vez e bata nele (ele nunca me bateu, pensa). Ou poderia matá-lo em um acesso de raiva. Seria algo fácil de fazer. Só teria de errar a dosagem dos remédios. Ninguém iria questionar a sua morte. Avaliando a situação considerando estas duas alternativas: assassinato ou asilo, reconsidera sua posição. Afinal, há boas casa geriátricas. Soube que há uma ótima casa na zona sul da cidade. É cara, mas eles podem pagar, felizmente. Talvez seja essa mesmo a solução. Chega de se matar. Vai ligar para clínica nesta semana, falar com os irmãos. Sabe que não farão objeções.

Mais calma, seca o rosto e sai do banheiro. Acabou, fez o máximo que pode. Ninguém vai recriminá-la, apenas ela mesma e esse pensamento a incomoda. Vai até o armário do corredor e pega uma muda nova de lençóis. Depois, vai até a cozinha e pede que a empregada lhe alcance um pijama seco na lavanderia. Sente-se um pouco melhor. Munida de tudo o que precisa, volta ao quarto. Vê a figura de seu pai, ainda sentado na cadeira como ela deixou. Sente remorsos, Fala com ternura agora: “Pai vamos trocar esse roupa molhada?”

Nenhuma resposta, nenhum gesto. Se aproxima dele e o toca de leve no ombro. “Pai?” A filha, trêmula, deixa as mudas de roupa sobre a cama. Ajoelha-se junto à poltrona. Sente as lágrimas chegando aos olhos. Agarra-se à mão do Pai e aperta-a junto ao peito. “Obrigada!” e beija a mão inerte com toda a ternura de uma filha amorosa.



Quando a Comunicação se encontra com a literatura

O concurso literário Felipe D'Oliveira reúne autores de crônicas e contos, dentre os quais os acadêmicos dos Cursos de Comunicação Social da UFSM. Eles têm/tiveram sua formação em Jornalismo, Relações Públicas, Produção Editorial e Publicidade e Propaganda, quando desenvolveram competências para além da comunicação. Queremos dizer que nos orgulhamos do papel e espaço que ocupam na sociedade. Por meio da literatura se expressam e participam dos concursos, evento tradicional que congrega amantes da palavra e da arte de se fazer comunicar.

Em virtude da relevância da participação é oportuno que a FACOS, por meio do Departamento de Ciências de Comunicação, dos Cursos de Jornalismo, PP, PE e RP e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, possa apoiar a publicação de todos os textos produzidos e premiados no concurso de 2009 a 2012. Neste sentido, a FACOS reitera sua atuação na construção da história cultural da cidade com presença marcante na Feira do Livro de Santa Maria e nas atividades culturais de Santa Maria.

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Chefe do departamento de Ciências da Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

Marília de Araujo Barcellos

Editora Executiva da Editora FACOS-UFSM
Universidade Federal de Santa Maria

REITOR Felipe Martins Müller

VICE-REITOR Dalvan José Reinert

DIRETOR DO CESH Rogério Ferrer Koff

VICE-DIRETOR DO CESH Mauri Leodir Löebler

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Flavi Ferreira Lisboa Filho

DIRETORA EDITORIAL

Ada Cristina Machado da Silveira

EDITORIA EXECUTIVA

Marília de Araujo Barcellos

CONSELHO EDITORIAL

Ada Cristina Machado da Silveira (UFSM)
Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello (UFSM)
Flavi Ferreira Lisboa Filho (UFSM)
Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)
Sonia Rosa Tedeschi (UNL)
Susana Bleil de Souza (UFRGS)
Valentina Ayrolo (UNMDP)
Veneza Mayora Ronsini (UFSM)
Paulo César Castro (ECO/UFRJ)
Monica Maronna (UDELAR)
Marina Poggi (UnQ)
Gisela Cramer (UNAL)
Eduardo Andrés Vizer (UNILA)

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Claudia Regina Ziliotto Bomfá
Liliane Dutra Brignol
Marília de Araujo Barcellos
Rosane Rosa
Sandra Rúbia da Silva

